

# FONÉTICA E FONOLOGIA - PROCESSO DAS LÍNGUAS ORAIS E LÍNGUA DE SINAIS

Prof<sup>ca</sup>. Nilma Moreira da Penha



2018



Copyright © UNIASSELVI 2018

*Elaboração:*

*Prof<sup>ª</sup>. Nilma Moreira da Penha*

*Revisão, Diagramação e Produção:*

*Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI*

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

P399f

Penha, Nilma Moreira da Penha

Fonética e fonologia - processo das línguas orais e língua de sinais. /  
Nilma Moreira  
da Penha – Indaial: UNIASSELVI, 2018.

206 p.; il.

ISBN 978-85-515-0185-6

1.Fonética – Brasil. 2.Fonologia – Brasil. II. Centro Universitário  
Leonardo Da Vinci.

CDD 469.15

# APRESENTAÇÃO



Prezado acadêmico!

É com satisfação que apresentamos a você a disciplina de Fonética e Fonologia – Processo das Línguas Orais e Língua de Sinais. Este livro foi formulado com muito estudo e dedicação para apresentar orientações teóricas e metodológicas que servirão como base para conduzi-lo ao conhecimento acerca das questões e debates que envolvem a fonética e a fonologia em relação às línguas orais para entendermos os processos das línguas de sinais e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem dos surdos. Este material aborda diferentes concepções teóricas com intuito de problematizar o tema e possibilitar uma visão ampla dos diversos aspectos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem da LIBRAS, nos levando e refletir sobre a complexidade da fonética e da fonologia das línguas orais e das línguas de sinais.

Conforme você, acadêmico, tem estudado no decorrer deste curso, nas demais disciplinas, a LIBRAS é uma língua que se destaca pela sua modalidade visuoespacial, que foi desenvolvida pelas comunidades surdas do Brasil, por meio de aspectos culturais e de identidade. Como toda língua oral e também as línguas de sinais, a LIBRAS é dinâmica e está sempre em processo de desenvolvimento e ampliação, assim como as línguas orais. Sendo que a LIBRAS é reconhecida na legislação brasileira como meio legal de comunicação e expressão no Brasil e da comunidade surda, assim como a Língua Portuguesa. Pretendemos destacar, neste Livro de Estudos, a importância de estudarmos a fonologia e a fonética dentro dos processos de ensino e aprendizagem da LIBRAS, assim como também das línguas orais, em que trazemos textos e citações no intuito de desmistificar alguns aspectos em relação a LIBRAS.

Na Unidade 1 do livro apresentaremos aspectos relevantes sobre princípios gerais da fonética e da fonologia e em relação às línguas orais e sobre a aquisição da Língua de Sinais. Abrangeremos aspectos ligados às questões ligadas à relação sujeito-linguagem e sobre as áreas de trabalho da linguagem e sobre a comunicação. Vamos entender os conceitos ligados à fonética, trazendo uma introdução sobre a fonética, estudando um pouco sobre: fonética articulatória, auditiva, acústica, instrumental e o aparelho fonador e sobre as funções e interfaces da fonética e da fonologia e aprenderemos sobre os segmentos fonéticos das línguas orais, e sobre a relação da fonética, em relação ao ensino e aprendizado das línguas orais e de sinais, mais especificamente sobre a LIBRAS. Estudaremos também a fonologia em relação a aspectos ligada aos fonemas e aos sons foneticamente semelhantes e sistema vocálico e sobre as estruturas silábicas.

Na Unidade 2 apresentaremos a relação entre a fonética e fonologia das línguas orais e língua de sinais, estudando o estatuto linguístico das línguas de sinais e teceremos algumas discussões sobre as línguas de sinais e sobre as línguas orais. Além disso, nós estudaremos as variações linguísticas, levando em consideração que as línguas estão em constante mudanças. Nesse sentido estudaremos as variações linguísticas no Português/Brasileiro e as variações linguísticas na LIBRAS e entendermos sobre a organização fonológica das línguas de sinais e em relação à fonologia e à morfologia da Língua Brasileira de Sinais, levando em consideração a importância de se estudar esses aspectos linguísticos das línguas de sinais e das línguas orais em relação ao ensino e aprendizagem destas línguas.

Na Unidade 3 apresentaremos aspectos relevantes em relação à teoria e métodos de análise fonológica e processos fonológicos básicos das línguas orais e da LIBRAS. Estudando sobre consciência fonológica: estudos e conceitos e, consciência fonológica: leitura e escrita. Entendendo os princípios estruturalistas com aplicação à língua de sinais estudando signifiante e significado e sobre os Parâmetros das Línguas de Sinais, quando retornaremos aos aspectos morfológicos da LIBRAS.

No decorrer deste livro apresentamos uma série de atividades e ao final traremos uma lista de indicações de filmes que abordam a questão da surdez e das línguas de sinais, apresentando métodos e ideias de atividades educativas de aprendizagem para alunos surdos. Finalizaremos este livro com um minidicionário, com alguns sinais em LIBRAS, para que você, acadêmico, aprenda e treine no dia a dia, oportunizando um aprendizado básico para desenvolver uma comunicação com os surdos brasileiros. É importante ter em mente que como toda língua, para se aprender LIBRAS é preciso treinar e nada melhor do que treinar conversando com pessoas que são naturais dessa língua, ou seja, os surdos brasileiros usuários da LIBRAS.

Excelentes estudos!



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



# BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

**EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES**

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



**Fique atento!** Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



# SUMÁRIO

<b>UNIDADE 1 – PRINCÍPIOS GERAIS DA FONÉTICA .....</b>	<b>1</b>
<b>TÓPICO 1 – A LINGUAGEM.....</b>	<b>3</b>
1 INTRODUÇÃO.....	3
2 LINGUAGEM E PENSAMENTO .....	4
3 A RELAÇÃO SUJEITO-LINGUAGEM .....	9
4 ÁREAS DE TRABALHO DA LINGUAGEM .....	14
5 COMUNICAÇÃO .....	23
6 CANAIS DE COMUNICAÇÃO .....	25
RESUMO DO TÓPICO 1.....	29
AUTOATIVIDADE .....	30
<b>TÓPICO 2 – FONÉTICA.....</b>	<b>31</b>
1 INTRODUÇÃO.....	31
2 FONÉTICA ARTICULATÓRIA, AUDITIVA, ACÚSTICA E INSTRUMENTAL E O APARELHO FONADOR .....	32
3 AS FUNÇÕES E INTERFACES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA .....	38
4 SEGMENTOS FONÉTICOS DAS LÍNGUAS ORAIS .....	41
LEITURA COMPLEMENTAR.....	42
RESUMO DO TÓPICO 2.....	45
AUTOATIVIDADE .....	46
<b>TÓPICO 3 – FONOLOGIA .....</b>	<b>47</b>
1 INTRODUÇÃO.....	47
2 OS FONEMAS.....	47
3 SONS FONETICAMENTE SEMELHANTES E SISTEMA VOCÁLICO.....	50
LEITURA COMPLEMENTAR.....	52
4 ESTRUTURA SILÁBICA .....	59
RESUMO DO TÓPICO 3.....	61
AUTOATIVIDADE .....	62
<b>UNIDADE 2 – RELAÇÃO ENTRE A FONÉTICA E FONOLOGIA DAS LÍNGUAS ORAIS E LÍNGUA DE SINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>TÓPICO 1 – ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....</b>	<b>65</b>
1 INTRODUÇÃO.....	65
2 DISCUSSÕES SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS.....	65
LEITURA COMPLEMENTAR.....	76
3 DISCUSSÕES SOBRE AS LÍNGUAS ORAIS .....	86
RESUMO DO TÓPICO 1.....	95
AUTOATIVIDADE .....	97

<b>TÓPICO 2 – LÍNGUAS EM MUDANÇA: VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS</b> .....	99
1 INTRODUÇÃO .....	99
2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO PORTUGUÊS/BRASILEIRO.....	100
3 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS .....	106
RESUMO DO TÓPICO 2.....	109
AUTOATIVIDADE .....	110
<b>TÓPICO 3 – ORGANIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS</b> .....	111
1 INTRODUÇÃO .....	111
2 FONOLOGIA E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....	112
3 MORFOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	122
3.1 SUBSTANTIVOS .....	123
3.2 VERBOS.....	124
3.3 ADJETIVOS.....	127
3.4 SISTEMA PRONOMINAL .....	128
RESUMO DO TÓPICO 3.....	130
AUTOATIVIDADE .....	131
<b>UNIDADE 3 – TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS BÁSICOS</b> .....	133
<b>TÓPICO 1 – TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS ORAIS</b> .....	135
1 INTRODUÇÃO .....	135
2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ESTUDOS E CONCEITOS.....	136
3 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: LEITURA E ESCRITA.....	139
RESUMO DO TÓPICO 1.....	154
AUTOATIVIDADE .....	156
<b>TÓPICO 2 – TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DA LIBRAS</b> .....	159
1 INTRODUÇÃO .....	159
2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ESTUDOS E CONCEITOS DA LIBRAS .....	160
3 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DOS SURDOS: LEITURA E ESCRITA .....	163
RESUMO DO TÓPICO 2.....	173
AUTOATIVIDADE .....	175
<b>TÓPICO 3 – PRINCÍPIOS ESTRUTURALISTAS COM APLICAÇÃO À LÍNGUA DE SINAIS</b> .....	177
1 INTRODUÇÃO .....	177
2 SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO .....	178
3 PARÂMETROS DAS LÍNGUAS DE SINAIS .....	183
LEITURA COMPLEMENTAR.....	190
RESUMO DO TÓPICO 3.....	197
AUTOATIVIDADE .....	199
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	201

## PRINCÍPIOS GERAIS DA FONÉTICA

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

**Esta unidade tem por objetivos:**

- caracterizar a questão da linguagem;
- entender o que é fonética;
- compreender a relação sujeito-linguagem;
- conhecer o panorama e as áreas de trabalho da linguagem;
- verificar como ocorrem as funções e interfaces da fonética e da fonologia;
- conhecer os sons foneticamente semelhantes;
- problematizar a produção social da deficiência e da surdez relacionadas à linguagem;
- entender alguns traços fonológicos.

### PLANO DE ESTUDOS

A Unidade 1 tem como tema: “Princípios gerais da fonética” e está organizada em três tópicos. Em cada um deles, você encontrará dicas, leituras complementares, UNIs e atividades que lhe darão uma maior compreensão dos temas a serem abordados.

TÓPICO 1 – A LINGUAGEM

TÓPICO 2 – FONÉTICA

TÓPICO 3 – FONOLOGIA





## 1 INTRODUÇÃO

Há vezes em que a linguagem obedece e outras não. Geralmente não. A pedra, por exemplo, é uma palavra que não entende. Um gato é, antes de mais nada, uma gramática de rebelião. A lua obedece claramente. Um desejo – que é ponta mais rugosa da linguagem – supõe, em partes iguais, desobediência e desordem.

(SKLIAR, 2012, p. 7)

Olá, acadêmico, vamos começar esta unidade falando sobre a linguagem. A citação acima sobre linguagem de Skliar (2012), pode nos causar certo pavor, pois nos remete à desobediência e a desordem, porém, toda ciência, filosofia e até mesmo a arte têm na desordem e na desobediência à linguagem sua evolução, a ciência só evolui pelo fato de não ficar presa aquilo que já foi escrito e descoberto. Skliar (2014, p. 17) em seu livro intitulado: *Desobedecer a linguagem educar*, nos diz que “Se a linguagem não desobedecesse e se não fosse desobedecida não haveria filosofia, nem arte, nem amor, nem silêncio, nem mundo, nem nada”. Ou seja, a linguagem é fundamental para a existência humana e da vida como um todo e a desordem e a desobediência fazem parte da linguagem para que ela esteja em constante transformação, transformando as pessoas e as coisas.

É através da linguagem que podemos permitir que ocorram novos começos e é através dela que podemos avançar e retroceder na história, seja a dos ouvintes ou a dos surdos. É impossível começar falando sobre a fonética, ou sobre fonologia se não nos debruçarmos neste tema tão importante que é a linguagem, pois é a linguagem que nos permite estudar e nos apropriar desses conceitos que iremos estudar nesta unidade e, na verdade, em todo este livro da disciplina e do curso a que você, acadêmico, está se propondo a estudar.

O tema linguagem é bem extenso, pois vários filósofos e estudiosos no decorrer da história dedicaram suas vidas a estudarem a linguagem e a importância dela para vida das pessoas e como a linguagem interfere na formação dos sujeitos como um todo. Com isso temos como pretensão, esboçar neste livro as principais ideias sobre linguagem. Ela é importante em vários prismas, em especial, quando falamos sobre a fonética e fonologia, conforme acabamos de esboçar acima, dentro dos processos das línguas orais e de sinais.

## 2 LINGUAGEM E PENSAMENTO

FIGURA 1 – AS FRONTEIRAS DA LINGUAGEM - CITAÇÃO DE LUDWIG WITTGENSTEIN



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/bzou2m>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

A linguagem como um todo é fundamental para a comunicação entre seres, sendo que a linguagem é o sistema através do qual o ser humano comunica suas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita, ou de outros signos convencionais ou não convencionais, por exemplo, as pinturas rupestres, que para nós não são convencionais, porém que representam uma época e uma cultura.



Linguística é o nome da ciência que se dedica ao estudo da linguagem.

No dia a dia, o ser humano faz uso da linguagem verbal e não verbal, todos nós precisamos da linguagem para nos fazer entender e para entendermos os outros. Comunicamo-nos todo o momento, por exemplo, quase todos os seres vivos ao nascerem já começam a se comunicar; o choro também é uma linguagem.

Na linguagem verbal temos: a fala e a escrita, que podem se apresentar de diversas maneiras, tais como, jornal impresso ou televisivo, rádio e televisão. Temos linguagem também na conversa entre amigos, na carta de amor, no WhatsApp, através de diversos canais de comunicação, entre outros. Todos os outros recursos de comunicação, como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tom de voz etc. fazem parte da linguagem não verbal.

É importante ressaltar que a linguagem corporal é um tipo de linguagem não verbal, até porque determinados movimentos corporais podem transmitir mensagens e intenções. Dentro dessa categoria existe a linguagem gestual, a Libras, assim como as demais línguas de sinais do mundo, um sistema de gestos e movimentos, cujo significado se fixa por convenção, usado na comunicação de pessoas com deficiências na fala e/ou audição e pessoas surdas.

A linguagem verbal é a forma mais elementar de comunicação. É o modo mais familiar aos homens, baseando-se no diálogo. Divide-se em:

- a) **Verbal oral:** usada, em geral, para informar algo a alguém. Pode ser uma conversa informal, instruções dadas a alguém, entrevistas e outras formas em que o diálogo é predominante.
- b) **Verbal escrita:** usada quando se quer comunicar através da escrita. Exemplos: cartas simples, e-mails, torpedos, memorandos, relatórios, normas, leis e outras possibilidades.

Exemplos de linguagem verbal:

Exemplo 1:

FIGURA 2 – TIPOS DE LINGUAGEM VERBAL



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/Muw1zY>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

FIGURA 3 – LINGUAGEM VERBAL – CONVERSA INFORMAL



FONTE: Disponível em: <<https://ericasitta.files.wordpress.com/2015/09/giria-na-mira.jpg>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

Na comunicação verbal, como vimos acima, utilizamos a escrita e a fala para nos expressarmos, sendo que através desta comunicação é comum ela estar acompanhada por outros tipos de comunicação.

Já a comunicação não verbal é caracterizada por ser feita através da ausência dos recursos da fala ou da escrita. A comunicação não verbal engloba o uso da linguagem corporal, quando o indivíduo é capaz de se expressar utilizando o seu corpo, através de expressões faciais, posturas corporais, distâncias físicas e gestos que são de caráter inconsciente ao comunicador. Essa forma de linguagem se tornou foco de estudos, pois tem se demonstrado uma das facetas mais interessantes da comunicação. Na linguagem corporal, o corpo se torna um veículo de comunicação, onde jeitos, trejeitos, gestos, tom de voz, transmitem mensagens sobre as quais nem sempre temos controle.

Muitas empresas investem em profissionais especializados em analisar os candidatos às vagas de empregos a partir das suas expressões e gestos e, em contrapartida, cada vez mais as pessoas têm procurado entender como seu corpo se manifesta e o que cada gesto procura revelar para que, principalmente em ambiente profissional, nada alheio à sua vontade seja comunicado. Até porque somos o tempo todo moldados pela cultura que nos cerca. Os italianos, por exemplo, são conhecidos por falarem e gesticularem muitas vezes, e isso são naturais e culturais.

Exemplos de linguagem não verbal:

Exemplo 1:

FIGURA 4 – EXEMPLOS DE LINGUAGEM NÃO VERBAL: EMOJI EMOTION



FONTE: Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/egILo5bKK1E/maxresdefault.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

## Exemplo 2:

FIGURA 5 – EXEMPLO DE LINGUAGEM NÃO VERBAL – PLACAS DE SINAIS DE TRÂNSITO



FONTE: Disponível em: <<https://www.luis.blog.br/userfiles/image/linguagem-nao-verbal.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FIGURA 6 – LINGUAGEM NÃO VERBAL: PLACA DE AVISO



FONTE: Disponível em: <[https://cdn.goconqr.com/uploads/media/image/11139179/desktop\\_d5429f3d-6999-407c-8d5f-cb757fe98177.jpg](https://cdn.goconqr.com/uploads/media/image/11139179/desktop_d5429f3d-6999-407c-8d5f-cb757fe98177.jpg)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Temos ainda a linguagem mista, quando há o uso da linguagem verbal e não verbal ao mesmo tempo. Por exemplo, uma peça teatral, que utiliza simultaneamente gestos, símbolos e diálogos.

FIGURA 7 – EXEMPLO DA LINGUAGEM MISTA OU HÍBRIDA



FONTE: Disponível em: <<https://image.slidesharecdn.com/portugus-130621090557-phpapp02/95/portugus-11-638.jpg?cb=1371805619>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Visto que cada contexto social exige uma linguagem, a pessoa pode usar a linguagem formal, por exemplo, em reuniões de trabalho ou em produção de textos acadêmicos, que exigem o uso da linguagem padrão; ou informal, usada quando existe intimidade entre os sujeitos falantes, recorrendo a expressões coloquiais (linguagem cotidiana).

Temos ainda as linguagens artificiais, por exemplo, a linguagem utilizada na informática, que é criada para servir a um fim específico, mas também pode ser designada por linguagem formal. A linguagem de programação de computadores, por exemplo, é uma linguagem formal que consiste na criação de códigos e regras específicas que processam instruções para computadores.

FIGURA 8 – LINGUAGEM COMPUTACIONAL



FONTE: Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/-dx4D53Skjq8/Uwlfi9YkqZl/AAAAAAAAACg/UEialpOcyA/s1600/id\\_25233\\_inteligenciaartificial.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-dx4D53Skjq8/Uwlfi9YkqZl/AAAAAAAAACg/UEialpOcyA/s1600/id_25233_inteligenciaartificial.jpg)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

As linguagens artificiais são criadas por sujeitos humanos e usadas para comunicação com as máquinas e entre máquinas. Em termos estritos, cada tipo de máquina ou dispositivo criado pelo homem contém uma linguagem, por exemplo, o celular, a máquina de lavar roupa, entre outras máquinas que utilizam dispositivos eletrônicos.

A linguagem, de um modo geral, funciona como uma roupagem que irá revestir e dar forma aos nossos pensamentos, sentimentos e emoções. É através da linguagem que nós nos fazemos entendidos pelos outros. Todas as linguagens são importantes e precisam ser valorizadas, no caso desse curso em especial, iremos estudar com mais afinco a Libras.

FIGURA 9 – ALFABETO MANUAL



FONTE: UNIASSELVI (2018) setor Audio Visual

### 3 A RELAÇÃO SUJEITO-LINGUAGEM

Olá, acadêmico! Como falamos anteriormente, a linguagem é que dá forma ao nosso pensamento. Ela é também fundamental na relação sujeito-sujeito, fazendo da relação sujeito-linguagem algo que seja estudado por vários pesquisadores de diversas áreas, por exemplo, a filosofia, que estuda sobre a filosofia da linguagem.

Os primeiros filósofos perceberam que a linguagem faz parte da teoria do conhecimento, mas mesmo que não houvesse essa conclusão, dependemos da linguagem para interagir. Por exemplo: quando não entendemos algo dito por alguém, afirmamos que ela possui dificuldade para se comunicar.

Quando um bebê demora a usar a linguagem para interagir com o mundo, logo nos preocupamos se ele não possui alguma disfunção que impossibilite a fala. Conseguimos compreender que entre algo dito por alguém e seu significado, há no meio do caminho as palavras que nos repassam as ideias. Prova disso é que nosso cérebro, assim que recebe a mensagem dada pelas palavras, consegue diferir e nos passar a imagem do que seria um palácio ou um barraco; um ovo e uma galinha. Percebeu? Você acabou de vivenciar esse processo.

Através da linguagem podemos até esquecer o mundo real, o cotidiano e nos transportarmos, através das palavras que promovem sensações, para outro mundo completamente idealizado. Como vimos, as palavras nos fazem viajar, para isso, comecemos então pelo que essas palavras podem nos apresentar sobre a linguagem.

Desde que a linguagem se tornou um tema importante de estudo, dois caminhos foram necessários trilhar para determinar como ela surgiu: a linguagem seria natural ao homem, ou seria fruto de uma construção social? Como em qualquer divergência, estudiosos apoiavam um ou outro caminho e nenhum dos dois se mostrou suficiente para esgotar a questão.

Essa discussão original teve início na Grécia antiga e séculos mais tarde se chegou à seguinte conclusão: todo ser humano, a menos que possua alguma anomalia, nasce com a capacidade biológica de desenvolver a linguagem, mas o sentido dado às palavras, como também à língua, é constituído por construções sociais rígidas por leis específicas da localidade.

Ao falar em linguagem, Penha (2017) cita Foucault (2007), ao relacionar o sujeito e a linguagem: “Que relação existe entre a linguagem e o ser do homem?” (FOUCAULT, 2007, p. 468).

Segundo Penha (2017, p. 44),

Para entender essa questão da linguagem, Foucault (2007) empreendeu uma investigação, com a finalidade de entender a relação existente entre linguagem e sujeito, entre ontologia e linguagem e entre as palavras e as coisas. Foucault foi levado a investigar detalhadamente o corte transversal na história, da linguagem e suas implicações e contribuições para as diversas áreas do conhecimento e em relação ao saber humano, e, por fim, verificar como a linguagem contribuiu para uma noção de sujeito.

Por isso, a noção que temos do sujeito também é atravessada pela linguagem, o que faz com que sejamos sujeitos dentro de um contexto histórico, político, ideológico e cultural. A linguagem é fundamental no contexto histórico, sem a linguagem não teríamos nem mesmo a história.

E a história está marcada pelas ideias filosóficas. Existem vários filósofos da linguagem e outros demais pensadores que nos fazem refletir sobre a linguagem. Eis alguns filósofos.

FIGURA 10 – BERTRAND RUSSEL



FONTE: Disponível em: <[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTsKwIW0aWt\\_gfLkty1dki6Jz27Rd7hMvtYI9nm7QAcfFq0-FOX](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTsKwIW0aWt_gfLkty1dki6Jz27Rd7hMvtYI9nm7QAcfFq0-FOX)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Filósofo, lógico e matemático, suas ideias sobre linguagem refletem um pouco de cada uma dessas áreas. Ele denuncia que no cotidiano o homem se esquece de analisar separadamente o sentido e significado das proposições que faz. Essa falta de análise levaria a erros e confusões nas interpretações. Essas confusões na interpretação, em consequência, levariam à criação de diversos problemas a serem analisados filosoficamente, que poderiam não existir caso fosse empregado o atomismo lógico.



Atomismo lógico: é a possibilidade de fazer uma análise lógica da linguagem da mesma maneira que se analisa o átomo. O objetivo é estabelecer que na linguagem houvesse uma construção simples, de interpretação clara.

FIGURA 11 – LUDWIG WITTGENSTEIN



FONTE: Disponível em: <<http://www.netmundi.org/pensamentos/wp-content/uploads/2012/02/wittgenstein061.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Partindo da ideia de que a maioria dos problemas da filosofia foram, na verdade, problemas na linguagem, Wittgenstein se dedica à construção de uma estrutura lógica que pudesse definir, organizar e solucionar os problemas da linguagem. Para que isso fosse possível, era necessário que a realidade dos fatos se relacionasse diretamente com a estrutura da linguagem.

Com o passar do tempo e as complexidades que se apresentavam, Wittgenstein percebeu que a linguagem, por melhor que fosse, não seria capaz de ser um tradutor fiel do mundo real. Sendo assim, passou a admitir que entre o real e a linguagem houvesse uma redução necessária, para que ela se tornasse possível, ou seja, muito do que era real nem sempre conseguia ser perfeitamente traduzido na linguagem.

A linguagem passou a ser encarada e analisada no seu contexto social. Na sua relação entre os sujeitos. A partir daí se esquecia da ideia de que a linguagem era inadequada ou adequada, passando a analisar se ela estava sendo bem ou mal-empregada, de acordo com o contexto social. A filosofia passou então a se ocupar com o uso adequado da linguagem.

FIGURA 12 – GILBERT RYLE



FONTE: Disponível em: <[https://manwithoutqualities.files.wordpress.com/2016/08/gilbert\\_ryle\\_by\\_ladysiubhand35045a.jpg?w=640](https://manwithoutqualities.files.wordpress.com/2016/08/gilbert_ryle_by_ladysiubhand35045a.jpg?w=640)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Este filósofo foi um dos adeptos britânicos das teorias de Wittgenstein sobre a linguagem, seus estudos visam análises de conceitos mentais. Ryle (1951) e no livro coleção: Os pensadores (1975), nos mostra que a tarefa da filosofia seria tornar claras as ideias e conceitos, afastando ao máximo conceitos considerados enganadores. Para ele, os *enigmas filosóficos* surgem quando a troca de signos ou termos resulta em uma composição absurda. Quando esse absurdo é fácil de identificar, pode-se buscar a origem dele e combatê-lo, se necessário. Quando a identificação não é fácil, levando a uma análise, daí derivam os enigmas filosóficos, sendo assim importantíssima a relação sujeito-linguagem de forma que os interlocutores possam entender uns aos outros.

FIGURA 13 – JOHN AUSTIN



FONTE: Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d9/John\\_Austin.jpg/200px-John\\_Austin.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d9/John_Austin.jpg/200px-John_Austin.jpg)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Também natural da Inglaterra, adepto do pensamento sobre a filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, defendia o estudo sobre a maneira como as palavras são usadas para obter seus significados. Outra importante tese defendida por Austin era a de que, na história da filosofia, os confrontos entre a filosofia e

a visão popular são causados pela incompreensão de uma linguagem comum, em geral, por parte dos filósofos, ou seja, a linguagem comum é importante, a linguagem corriqueira, a conversa de boteco, ou uma roda de amigos em torno de uma mesa, ou em praças públicas são importantíssimas.

Através dos estudos realizados acima, pode parecer que os filósofos se ocupam apenas de problemas da linguagem, que também fazem parte de outros ramos do saber, como a gramática e a psicologia, porém, o interesse dos filósofos por esse campo pode ser entendido primeiramente a partir da necessidade que a filosofia tem de saber lidar com essa ferramenta, da melhor forma possível. A discussão, as palavras, as demonstrações verbais são um campo privilegiado da filosofia, por isso, a linguagem se converte facilmente em campo de interesse para os filósofos.

Platão já chamava a atenção através de suas alegorias para o fato de que uma palavra nem sempre corresponde à ideia que expressamos através da linguagem, pois ela pode conter significados diversos, portanto, o talento está em saber empregá-las na relação entre os sujeitos e a linguagem.

A filosofia da linguagem, apesar de não ser para todos eles seu principal foco, foi considerada importante por vários filósofos modernos. Para alguns filósofos, a linguagem dita vulgar, a do cotidiano, seria suficiente para atender aos temas e necessidades de comunicação impostos pela filosofia.

Seguindo essa linha de pensamento temos John Locke, que criticava os filósofos escolásticos que, pelo linguajar, não se faziam compreender, era interessante, aparentemente, ser entendido apenas por poucos. Para Ludwig Wittgenstein, o filósofo teria a tarefa de livrar o mundo do atoleiro que alguns conceitos o levaram, sendo assim, a filosofia da linguagem se torna um campo privilegiado entre os séculos XIX e XX.

## 4 ÁREAS DE TRABALHO DA LINGUAGEM

São inúmeras as áreas de trabalho da linguagem, até mesmo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) considera a área de linguagens, pois a atuação dos sujeitos em práticas de linguagem, nas diversas esferas da comunicação humana, da linguagem informal à modalidade formal que algumas situações exigem, esses conhecimentos possibilitam mobilizar e ampliar recursos expressivos, para construir sentidos com o outro em diferentes campos de atuação, e compreender como o ser humano se constitui como sujeito e como age no mundo social em interações mediadas por palavras, imagens, sons, gestos e movimentos, pois as áreas da linguagem abrangem o todo que pertence à vida humana, pois a linguagem está relacionada ao pensamento e as emoções.

FIGURA 14 – LINGUAGEM E PENSAMENTO



FONTE: Disponível em: <<http://vitaclinica.com.br/blog-da-vita/wp-content/uploads/2017/07/afasia-1.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Como podemos ver na imagem acima, sobre linguagem e pensamento, é através da linguagem que damos forma aos nossos pensamentos, e essa linguagem pode se expressar de diversas formas, por exemplo, através do olhar, através de gestos, através da língua e assim por diante.

É interessante como muitos pesquisadores e teóricos da linguagem podem investigar um determinado aspecto da linguagem, muitas vezes, aparentemente simples e que até pode passar despercebido aos nossos olhos e ouvidos, mas que são fundamentais no ambiente linguístico. Muitos se debruçam em teses e dissertações estudando esses aspectos.

Temos várias áreas que estudam a linguagem, entre elas a linguística, que busca explicar os mecanismos implícitos, ou seja, ocultos, nos sistemas linguísticos, bem como busca compreender os sistemas sonoros das línguas, assim como a relação destes sistemas com os demais componentes da gramática, por exemplo, a morfologia, a sintaxe e a semântica, que consistem no trabalho do pesquisador que atua com a linguística.

Você já parou para pensar nas inúmeras variações culturais e regionais do Brasil, por exemplo, a região em que você mora, os sujeitos que nela habitam podem ter sotaques que em outras regiões brasileiras não encontramos, o fato de ser algo da sua região não seria importante estudar? Sim! Com certeza seria, ou melhor, é importante! E por isso existem pesquisas tão importantes quando se trata de linguística, pois essas estão carregadas de questões culturais e isso tudo é muito rico para todos.

Podemos ver também a importância da área da linguagem no *ensino de línguas estrangeiras e maternas*. É fundamental o conhecimento do professor sobre a língua a ser ensinada, pois assim ele criará estratégias para o ensino e aprendizagem

da língua a ser ensinada. É assim com o ensino da língua portuguesa, assim, também, com a Língua Brasileira de Sinais, em ambos os casos os profissionais precisam ter qualificação e formação para ensinar tal idioma, até porque o fato de ser surdo não é a única condição para ser professor de Libras, necessitando esse também de uma qualificação.

Outra área importante é a *tradução e interpretação*. Conforme podemos observar na imagem a seguir, as mãos também falam, remetendo essa as línguas de sinais.

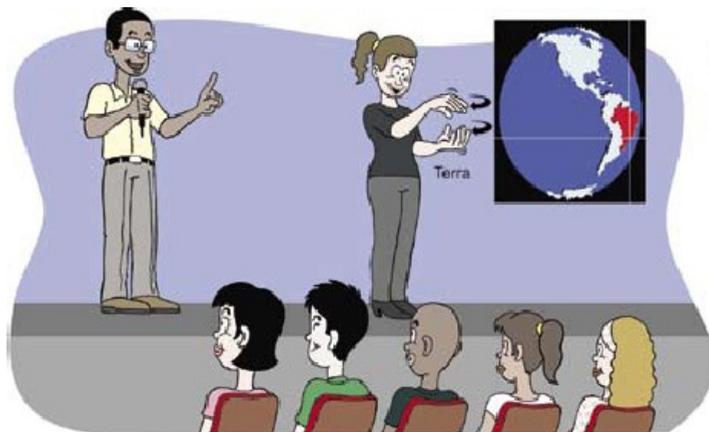
FIGURA 15 – AS MÃOS TAMBÉM FALAM



FONTE: Disponível em: <[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQPCBK\\_x2EchK2xiNqxtxmAiwvYbitBtjFUD8Ssqc-j8p1P5mdB4g](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQPCBK_x2EchK2xiNqxtxmAiwvYbitBtjFUD8Ssqc-j8p1P5mdB4g)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Vivemos em um mundo globalizado, onde estamos o tempo todo quase que instantaneamente tendo contato com outros sujeitos de diferentes culturas, de outros países e de outros meios linguísticos, fazendo-se necessária a tradução e interpretação muito relevantes, para entendermos uns aos outros, caso não falemos todos os idiomas do mundo. Tradutores necessitam conhecer os sistemas sonoros das línguas com que trabalham para explicar todos os aspectos da língua que eles, como tradutores e intérpretes, estejam traduzindo. Para o intérprete, o conhecimento dos sistemas sonoros das línguas com as quais trabalha é fundamental para que não ocorram ruídos, ou erros durante a interpretação, pois para os surdos, o tradutor/intérprete são os ouvidos e a voz desse surdo.

FIGURA 16 – PALESTRA COM INTERPRETE DE LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<http://pronatec2017.com/wp-content/uploads/2017/01/T%C3%A9cnico-em-Tradu%C3%A7%C3%A3o-e-Interpreta%C3%A7%C3%A3o-de-Libras.png>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

A linguagem é formada também pela língua e ela é formada por algumas partes, o signo, significado e significante como um desdobramento do signo. Os **signos** são os símbolos gráficos que utilizamos; nosso abecedário, por exemplo. Já o significado são os conteúdos que os signos carregam com eles (científicos, literários, afetivos, religiosos, entre tantos outros). O **significante** é um grupo de signos, organizados, mediante os quais se expressa. O **significado** é a palavra, a frase, a oração e outras reuniões de signos que conhecemos. Lopes (1995, p. 42) assim se expressou:

Ao falar ou ouvir a palavra “casa” /'kaza/, por exemplo, compreendemos que essa sequência de sons, diferente de qualquer outra sequência, refere-se a um significado “espaço construído pelo homem para lhe servir de habitação”, diferente de qualquer outro significado. Se isso ocorrer, o conjunto de sons /'kaza/ transforma-se em signo linguístico (LOPES, 1995, p. 42).

Signos e significantes têm o valor que lhes impõe a língua. A revista Superinteressante do grupo Abril, Por Daniela Kopsch, Felipe van Deursen e Renata Steffen, que teve como fontes: Neide González, professora de linguística da USP, especializada em aprendizagem de língua estrangeira; Heloísa Salles, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística/UnB; Cláudia Mendes Campos, professora da UFPR; Cambridge Encyclopedia of Language; SIL International. Publicaram um artigo intitulado: “Quais são as línguas mais difíceis de se aprender?”

Aprender uma nova língua não é fácil, mas por que algumas são mais difíceis que outras? Dois motivos. Primeiro, a distância entre elas na árvore genealógica dos idiomas. Quanto mais próxima, mais fácil de aprender. Outros critérios contam, como alfabeto e pronúncia. Mas o segundo motivo é motivação, segundo linguistas e professores. Ela faz a diferença. Ou seja, você pode até ficar fluente em! Xóõ (pronuncia-se estalando a língua no céu da boca), mas vai precisar de mais tempo. E muita paciência.

## FÁCIL

Idiomas com mesma origem têm mais semelhanças. As línguas latinas são como primas que cresceram juntas, mas se afastaram. Francês é mais difícil que espanhol e italiano porque teve influência germânica (exemplo: *chic* vem do alemão *schick*). E o inglês é a amiga que se enturmou: somos mais suscetíveis a aprender a língua que está em todo lugar.

### ESPAANHOL

**Número de nativos:** 390 milhões

*Família latina*

*Alfabeto latino*

### ITALIANO

**Número de nativos:** 80 milhões

*Família latina*

*Alfabeto latino*

### FRANCÊS

**Número de nativos:** 220 milhões

*Família latina*

*Alfabeto latino*

### INGLÊS

**Número de nativos:** 400 milhões

*Famílias germânica*

*Alfabeto latino*

### ROMENO

**Número de nativos:** 24 milhões

*Família latina*

*Alfabeto latino*

Aprender a língua do Conde Drácula não é assim tão difícil. Existem aproximadamente 500 palavras semelhantes ou até iguais entre romeno e português. Um exemplo é *superior*, que se escreve e pronuncia da mesma forma.

## MÉDIO

Aqui entram idiomas de famílias diferentes, mas quase sempre com o mesmo alfabeto: o latino, o mais usado no mundo. Mesmo línguas de outras famílias ficam mais próximas quando usam o mesmo alfabeto de base. Neste caldeirão de letras latinas, está a maioria dos idiomas da Europa.

**ALEMÃO****Número de nativos:** 100 milhões*Família germânica**Alfabeto latino***ISLANDÊS****Número de nativos:** 320 mil*Família germânica**Alfabeto latino***POLONÊS****Número de nativos:** 42,7 milhões*Família eslava**Alfabeto latino***FINLANDÊS****Número de nativos:** 7 milhões*Família fino-permiana**Alfabeto latino*

É uma das raras línguas ocidentais que não deriva do tronco indo-europeu, mas do urálico (junto com o húngaro e o estoniano). A diferença aparece principalmente na pronúncia, cheia de vogais. Às vezes lembra o japonês.

**TURCO****Número de nativos:** 73 milhões*Família turcomana**Alfabeto latino***GREGO****Número de nativos:** 13 milhões*Família helênica**Alfabeto grego*

Inspirou o latim, origem da língua portuguesa. É, digamos assim, um tio-avô. Então, mesmo com um alfabeto diferente, a expressão “tô falando grego” deveria brincar com outra língua, pois o grego está longe de ser o idioma mais difícil do mundo.

**DIFÍCIL**

O aprendizado de uma língua passa pela escrita. Aqui nos deparamos com letras, ideogramas e sinais que nos são estranhos. E muitas dessas línguas são tonais, o que dificulta. A palavra vietnamita *khao*, por exemplo, pode significar “ele”, “ela” ou “branco”, dependendo do tempo levado para falar as vogais.

**VIETNAMITA****Número de nativos:** 73 milhões*Família Mon-khmer**Alfabeto Latino*

*Língua tonal (tem palavras que mudam completamente o significado, dependendo da entonação que se usa para pronunciar)*

## **RUSSO**

**Número de nativos:** 164 milhões

*Família eslava*

*Alfabeto cirílico*

## **TAILANDÊS**

**Número de nativos:** 60 milhões

*Família kradai*

*Alfabeto khmer*

*Língua tonal*

## **MANDARIM**

**Número de nativos:** 885 milhões

*Família sino-tibetana*

*Alfabeto logograma*

*Língua tonal*

## **JAPONÊS**

**Número de nativos:** 127 milhões

*Família japônica*

*Alfabeto logograma*

*Língua tonal*

Assim como no mandarim, aprendizes de japonês precisam memorizar milhares de ideogramas. São dois sistemas silabários e cinco de escrita. Haja coração (e memória) para encarar essa língua.

## **COREANO**

**Número de nativos:** 71 milhões

*Família língua isolada*

*Alfabeto hangul*

*Língua tonal*

## **ÁRABE**

**Número de nativos:** 206 milhões

*Família semítica*

*Alfabeto árabe*

O árabe é tão difícil de aprender a ler que o lado direito do cérebro (responsável por dar uma leitura geral das letras) fica sobrecarregado e simplesmente desliga, deixando o lado esquerdo se virar sozinho.

## **QUASE IMPOSSÍVEL**

O sistema vocal complexo de alguns idiomas exóticos torna a tarefa de aprendê-los quase impossível. O que vai fazer diferença, daqui para a frente, é a determinação e a força no gogó. Há registros de africanos que desenvolveram caroços na laringe por causa do! Xóõ.

## **TUYUCA**

**Número de nativos:** menos de mil

*Família tukano oriental*

Só consoantes simples, poucas vogais nasais e um amplo vocabulário. Calma que piora: para os indígenas da Amazônia que dominam a língua, a única forma de afirmar algo é terminando a frase com um verbo (Yoda tuyuca fala?).

**!XÓÕ**

**Número de nativos:** 2,5 mil

*Família khoisan*

Em Botsuana, na África, as pessoas conversam usando cliques (estalos feitos com a língua no céu da boca). O alfabeto é construído com cinco cliques básicos e 17 adicionais.

FONTE: Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/quais-as-linguas-mais-dificeis-de-aprender/>> Acesso em: 3 de jun. 2018.

Como pudemos ver no texto acima, o nível de dificuldade está relacionado ao distanciamento da base genealógica da língua natural de quem quer aprender um novo idioma com relação à língua que esse sujeito quer aprender, todavia como a capacidade humana de aprender é extensa, se impõe, sendo necessária a dedicação e o estudo para aprender o outro idioma, e com a LIBRAS não é diferente.

O sujeito falante é dotado de duas aptidões: o saber usar a língua (competência) e o seu jeito peculiar de usar (performance). A **competência** determina se este sujeito consegue utilizar de maneira adequada os signos e a **performance** é a marca pessoal que cada um imprime à língua, de acordo com as suas características pessoais.

Podemos dividir a linguagem em duas formas:

**Linguagem simbólica:** fortemente emotiva e afetiva, oferece ao cérebro uma imagem imediata do que se quer passar. Utilizam-se em geral palavras com sentidos diversos que podem levar a diferentes interpretações. A linguagem simbólica permite que nosso cérebro produza as mais diferentes formas de compreensão.

**Linguagem conceitual:** em geral identificada com as ciências, a linguagem conceitual também pode tratar dos afetos e emoções, mas sem se confundir com eles. Nesta forma de linguagem, o importante é que os signos e o que deles deriva tenha sentido restrito, que limite a interpretação a um aspecto apenas. Diferentemente da linguagem simbólica que permite ao cérebro alçar voos, esta forma de linguagem tenta explicar o mundo em que vivemos, estabelecendo seu sentido, ocupando-se do presente e do necessário.

Por mais que alguns insistam em limitar as possibilidades do cérebro ou da linguagem, ela não se restringe a uma relação onde possamos dizer que as palavras são exatamente expressão do pensamento humano. A linguagem conta com as características naturais que cada ser humano possui para desenvolvê-la, mas também com as características culturais que nos deixam marcas. Os aspectos socioculturais, linguísticos e psicológicos compõem a linguagem e nos ajudam a elucidar como desenvolvê-la de forma condizente com o ambiente em que vivemos.

Desde a antiguidade, além da fala, o homem teve a necessidade de registrar o que acontecia nas sociedades humanas. Das escritas nas paredes das cavernas, aos atuais sinais gráficos e as diferentes possibilidades de uso que eles contêm, é impossível a espécie humana se imaginar sem o uso desse recurso.

No contexto atual do conhecimento, o ato de escrever assume um importante papel, e isso levou à elaboração de alguns livros sobre o tema. Analisando as etapas que a partir de criança um ser humano percorre para completar todo o processo de desenvolvimento da escrita, para a argentina Emilia Ferreiro, são necessárias cinco etapas para que o indivíduo complete o aprendizado e domine a escrita.

Apesar da importância da escrita, não se pode inferir que ela seja um reflexo exato do pensamento e da linguagem, pois algumas vezes ela se torna um limitador do que foi pensado. Como a linguagem foi foco de discussões de alguns filósofos, desde a antiguidade, a escrita também teve seu destaque. No seu livro *O banquete*, Platão já salienta as dificuldades que podem aparecer com a apropriação empobrecida das ideias, através da escrita. Analisemos.

FIGURA 17 – A INVENÇÃO DA ESCRITA

Essa é uma das passagens do diálogo **FEDRO**, descrita pelo filósofo **PLATÃO**. Sócrates, o personagem, narra ao discípulo a visita de Theuth, o deus das invenções, a Thamus, rei do Egito. Dentre suas numerosas invenções, das quais expõe as vantagens ao rei, que as vai aprovando ou não, Theuth fala sobre a escrita, para ele uma receita segura para a memória e a sabedoria dos egípcios. O faraó posiciona-se contrário à invenção argumentando:

## Sobre a Invenção da Escrita

— Theuth, meu exemplo de inventor, o descobridor de uma arte não é o melhor juiz para avaliar o bem ou o dano que ela causará naqueles que a praticarem.

Portanto, você, que é pai da escrita, por afeição ao seu rebento, atribui-lhe o oposto de sua verdadeira função.

Aqueles que a adquirem vão parar de exercitar a memória e se tornarão esquecidos; confiarão na escrita para trazer coisas à sua lembrança por sinais externos, em vez de fazê-lo por meio de seus recursos internos.

O que você descobriu é a receita para a recordação, não para a memória.



Theuth, o inventor da **ESCRITA**

FONTE: Disponível em: <<http://1.bp.blogspot.com/-Ax85S-ehSqY/UFNoZr3lywI/AAAAAAAAADtQ/pIPpVTNp3V0/s640/escrita.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

## 5 COMUNICAÇÃO

Você já conseguiu imaginar como seria viver sem comunicação, pois tudo que fazemos emite de certa forma uma comunicação, seja através do olhar, da linguagem escrita, do choro, do sorriso, seja pessoalmente ou através de aplicativos de celular, ou computador.

Muitos de nós já escutamos expressões como: comunicação analógica ou comunicação de massa, sendo essa uma forma de comunicação dirigida a um público amplo, anônimo, disperso e heterogêneo, que atinge grande audiência, com a utilização dos meios de comunicação. Ou comunicação digital, ou comunicação humana etc. todas dizem respeito a algum tipo de comunicação.

Conforme podemos ver na figura a seguir, expressa com signos, existem diversos meios de comunicação. É importante ressaltar que a comunicação envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através da linguagem oral, escrita ou gestual, por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos.

FIGURA 18 – IMAGEM ILUSTRANDO A COMUNICAÇÃO



FONTE: Disponível em: <[https://cdn-images-1.medium.com/max/400/1\\*BxbKiQSB7s9WOjCvLqAmNQ.jpeg](https://cdn-images-1.medium.com/max/400/1*BxbKiQSB7s9WOjCvLqAmNQ.jpeg)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Imagine os problemas que podem acontecer na vida por falta de comunicação ou por causa de ruídos na comunicação como um todo. Imagine se você tivesse um amigo ou amiga e, do nada, ela ou ele lhe fizesse um pedido de casamento. Com certeza, no mínimo, você ficaria assustado. E quando a comunicação entre setores, ou entre a empresa e o cliente não ocorre de forma satisfatória? Pense em programar uma viagem durante toda a vida e descobrir que seu destino foi alterado pela empresa de viagens por erro, ou que pagou por hospedagens e passeios *cinco estrelas* e ao chegar lá se viu em uma grande *furada*?

A comunicação pode ser responsável pelo sucesso ou fracasso nas relações em todos os setores da vida. Por isso, existem empresas especialistas em comunicação, fazendo com que a comunicação seja a mais clara possível entre as empresas e os seus clientes. Desde o início dos tempos, as relações interpessoais se pautam na comunicação e muitos desastres têm sido ocasionados devido ao mau uso dela.

A palavra comunicação deriva do latim, *communicatio de communis*, significa tornar algo comum a muitos ou a quantos for possível, tendo a função de informar, transmitir conhecimento, divertir. Significa troca de informações entre um emissor e um receptor, e a percepção de significado entre os indivíduos envolvidos. A comunicação é a base das relações humanas, é a maneira pela qual o homem interage, ensina e aprende.

Veja o exemplo a seguir:

FIGURA 19 – COMUNICAÇÃO

**Comunicação**

---

**A arte de comunicar-se:  
"EU LEVO OU EU DEIXO?"**

Diz a lenda que Rui Barbosa, ao chegar em casa, ouviu um barulho estranho vindo do seu quintal. Chegando lá, constatou haver um ladrão tentando levar seus patos de criação.

Aproximou-se vagarosamente do indivíduo e, surpreendendo-o ao tentar pular o muro com seus amados patos, disse-lhe:

- Oh, bucéfalo anácrono! Não o interpelo pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes, mas sim pelo ato vil e sorrateiro de profanares o recôndito da minha habitação, levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa. Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares da minha elevada prosopopéia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica bem no alto da tua sinagoga, e o farei com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, diz:

"- Dotô, eu levo ou deixo os pato?"

PEARSON  
Prentice  
Hall

© 2005 by Pearson Education

FONTE: Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/3684285/12/images/19/Comunica%C3%A7%C3%A3o+A+arte+de+comunicar-se%3A+EU+LEVO+OU+EU+DEIXO.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

## 6 CANAIS DE COMUNICAÇÃO

A exatidão na comunicação está em que o **emissor** possa transmitir com clareza e garantir que a mensagem chegue sem distorções ao **receptor**. Existem três canais básicos de comunicação que podem ser desenvolvidos de maneiras iguais ou diferentes nas pessoas, que segundo a neolinguística, usamos sem perceber, mas que se conhecidos podem melhorar a qualidade do que é transmitido, são eles:

### Visual

FIGURA 20 – LINGUAGEM VISUAL



FONTE: Disponível em: <<https://agenciamarte.files.wordpress.com/2012/10/outdoor-criativo.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Outra imagem representando a linguagem visual nos remete à importância e ao poder que tem de nos fazer fixar conteúdos, ideias e teorias. A imagem a seguir retrata essa questão visual, que é de uma criança, ainda bebê, marcada por diversas marcas famosas do mercado de compra e venda.

FIGURA 21 – LINGUAGEM VISUAL E PUBLICIDADE



FONTE: Disponível em: <[http://www.humorbabaca.com/upload/fotos/fotos\\_1027\\_bebe%20propaganda.jpg](http://www.humorbabaca.com/upload/fotos/fotos_1027_bebe%20propaganda.jpg)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Linguagem visual é todo meio de comunicação que se expressa através de signos visuais. Outdoors, fachadas prediais, banners, totens, transportes coletivos são meios utilizados para comunicar. Os publicitários têm se especializado cada vez mais nessa forma de comunicação, tornando-a cada vez mais criativa. Dar grande valor à aparência, possuir o que se chama de *memória fotográfica* (quem tem facilidade para registrar tudo que vê), são características de quem desenvolve esse canal de comunicação.

## Auditivo

FIGURA 22 – IMAGEM 1 – UM DOS PRIMEIROS RÁDIOS A SEREM PRODUZIDOS. IMAGEM 2 – RÁDIO MAIS MODERNO, DO SÉCULO XXI

Imagem 1:



Imagem 2:



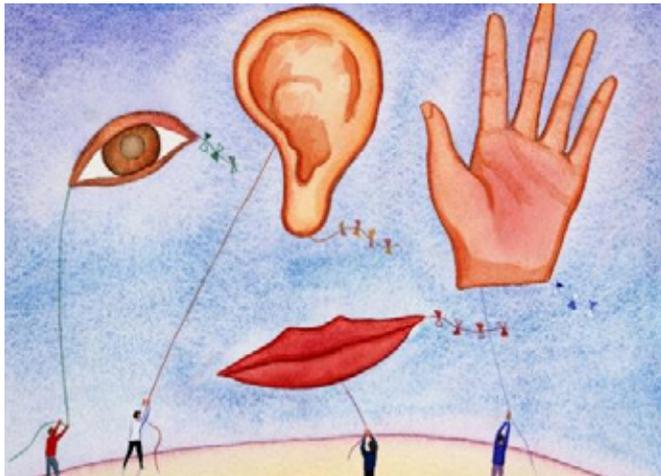
FONTES: Disponível em: <<https://tcanv.com/2010/08/10/historia-do-radio/>>; <<https://www.bwbfdirect.co.uk/products/concerto-2-radio>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Durante muito tempo, o rádio foi o maior veículo de comunicação de massa. O rádio surgiu entre 1893 e 1894, porém as informações são controversas quanto ao seu surgimento, todavia já faz muito tempo e ele foi e continua sendo importantíssimo para a comunicação. A comunicação auditiva se estabelece quando as falas (a linguagem verbal) são preponderantes.

Para as pessoas que têm essa forma como a mais familiar, a percepção auditiva é a forma mais eficaz para apreender um discurso. Alguns alunos possuem essa comunicação mais desenvolvida e por isso compreendem muito melhor um conteúdo quando ele lhes é explicado verbalmente. O rádio é o meio que por excelência que se vale desse canal de comunicação. Além desses, ou seja, os canais de comunicação visual e auditivo, já apresentados, temos também o sinestésico.

## Sinestésico

FIGURA 23 – COMUNICAÇÃO SINESTÉSICA



FONTE: Disponível em: <[https://media.proprofs.com/images/QM/user\\_images/371768/qm2038032314.jpg](https://media.proprofs.com/images/QM/user_images/371768/qm2038032314.jpg)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Um cheiro, um toque e o estímulo às sensações são as maneiras básicas de se desenvolver a comunicação sinestésica. Onde nossos cinco sentidos são aguçados, ou um ou alguns deles. Essa forma de comunicação se estabelece quando majoritariamente as sensações são predominantes nos discursos. Cheiros, cores, texturas e afins são apresentados e conseguem comunicar uma ideia ou no mínimo estabelecer uma impressão. Muitas pessoas frequentam usualmente o mesmo restaurante, pois o aroma da comida lhes remete a uma situação familiar, reconhecem perfumes à distância, pois o cheiro lhes remete a uma pessoa querida, ou a uma situação única. As sensações podem causar fortes impressões e contribuir ou interferir na comunicação.

Os sentidos são fundamentais para desenvolvermos a linguagem, mas a falta de um deles ou de vários não impede que o sujeito desenvolva a linguagem. Uma pessoa cega, por exemplo, ela pode não enxergar com os olhos, mas utiliza os demais sentidos para poder ver, assim como a pessoa surda que utiliza os demais sentidos para além da audição estabelece uma comunicação, portanto, há diversos tipos de linguagem.



Wittgenstein emprega a estratégia de interpelar as formas de vida através de situações regionais teoricamente organizadas: os jogos de linguagem. A descrição gramatical dos usos incide, exclusivamente, sobre aspectos das formas de vida em que diferentes práticas estão envolvidas com a linguagem; a linguagem é uma parte apenas, mas determinante dessas situações teoricamente organizadas.

FONTE: MORENO, A. R. W. *Através das Imagens*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995, p. 112.

Para dar continuidade a esse tema relacionado à linguagem, levantado por Moreno (1995), em relação ao pensamento do filósofo Ludwig Wittgenstein, iremos estudar no próximo tópico a fonética, mais especificamente, a fonética das línguas orais, para entendermos melhor os sons que as palavras produzem.

# RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- Tanto a linguagem verbal e a não verbal são importantes.
- A linguagem é formada por dois campos: **a língua** – o que identifica uma pessoa como pertencente a um território, composta por regras e peculiaridades, e **a fala** – esta seria o ato de cada indivíduo de como usar a língua.
- Por mais que alguns insistam em limitar as possibilidades do cérebro ou da linguagem, ela não se restringe a uma relação onde possamos dizer que as palavras são exatamente a expressão do pensamento humano.
- A linguagem conta com as características naturais que cada ser humano possui para desenvolvê-la, mas também com as características culturais que nos deixam marcas. Os aspectos socioculturais, linguísticos e psicológicos compõem a linguagem e nos ajudam a elucidar como desenvolvê-la de forma condizente com o ambiente em que vivemos.
- Desde a antiguidade, além da fala, o homem teve a necessidade de registrar o que acontecia nas sociedades humanas. Das escritas nas paredes das cavernas, aos atuais sinais gráficos e às diferentes possibilidades de uso que eles contêm, é impossível a espécie humana se imaginar sem o uso desse recurso.
- A Libras também é uma forma de linguagem e é uma língua.

## AUTOATIVIDADE



Após estudar o Tópico 1, como você responderia às seguintes questões? Veja a charge a seguir para responder às questões 1 e 2:



Querido Andy: Como você tem estado? Sua mãe e eu estamos bem. Sentimos sua falta. Por favor, desligue o seu computador e venha aqui para baixo para comer algo. Com amor, Papai.

FONTE: Disponível em: <<http://www.freefotolog.net fotos/2126433192.jpg>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Com base na imagem acima, responda:

1 A partir das análises feitas até aqui, defina linguagem, destacando as suas características e a sua importância no convívio humano.



2 Diferencie a linguagem simbólica da linguagem conceitual.



3 Considerando uma partida de futebol, podemos dizer que só não é linguagem não verbal:

- a) ( ) Os cartões amarelos e vermelhos do juiz.
- b) ( ) As listras pretas das camisas dos jogadores.
- c) ( ) As cores quadriculadas das bandeiras dos times.
- d) ( ) O som do apito do juiz.
- e) ( ) Os gritos de gol da torcida.



4 São exemplos de linguagem não verbal:

- a) ( ) Sinais de trânsito e uma conversa informal entre alunos e professores.
- b) ( ) Cores das bandeiras e dos semáforos.
- c) ( ) Cantigas infantis.
- d) ( ) Discursos políticos.
- e) ( ) Apitos e discursos políticos.





## 1 INTRODUÇÃO

Olá, acadêmico! Para darmos continuidade ao nosso estudo sobre linguagem, nos debruçaremos sobre alguns temas mais específicos. No Tópico 2, nós vamos estudar fonética e sua importância linguística. A fonética é uma das áreas estudadas pela linguagem, pois ela se preocupa em analisar de forma detalhada os sons produzidos por uma língua. Como no nosso caso das línguas orais e da língua de sinais, que veremos mais profundamente na Unidade 2.

Nesta parte nos dedicaremos a estudar a produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório, entendendo como funciona a linguagem. Inicialmente, descreveremos o aparelho fonador e discutiremos sobre os mecanismos fisiológicos envolvidos na produção da fala. Em seguida, consideraremos as propriedades articulatórias envolvidas na produção dos segmentos consonantais e vocálicos, ou seja, os sons da nossa fala. Essa área de estudo, a fonética, é subdividida em quatro partes: a fonética articulatória, a fonética auditiva, a fonética acústica e a fonética instrumental, conforme podemos ver na explicação da figura a seguir:

FIGURA 24 – PRINCIPAIS ÁREAS DA FONÉTICA

As principais áreas de interesse da fonética são:

- ◆ **Fonética articulatória** - compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório.
- ◆ **Fonética auditiva** - compreende o estudo da percepção da fala.
- ◆ **Fonética acústica** - compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte.
- ◆ **Fonética instrumental** - compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.

FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/marcoantoniorochabarreto/fonica-38182780>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

## 2 FONÉTICA ARTICULATÓRIA, AUDITIVA, ACÚSTICA E INSTRUMENTAL E O APARELHO FONADOR

Essa parte da fonética, ou seja, a fonética auditiva está voltada ao estudo de como os sons são captados pelo aparelho auditivo e interpretados pelo cérebro humano, ou seja, a maneira como o ser humano codifica os sons ouvidos, fazendo com que tenham sentido, e não sejam todos apenas ruídos sem sentido ou significado. Por exemplo, quando você escuta a palavra “maçã”, logo remete à fruta “maçã”, a essa palavra, portanto, tem sentido para você, e se tem sentido é porque seu cérebro interpretou rapidamente a palavra “maçã”, trazendo sentido, isso porque houve sinais químicos elétricos enviados pelo órgão auditivo ao seu cérebro. Tudo no nosso corpo é tão rápido e tão “comum” que acabamos não percebendo a máquina humana em funcionamento e percebemos tudo normal. Na verdade, tudo é incrível, já parou para pensar nisso?

Vejamos na figura a seguir o caminho do som.

FIGURA 25 – O CAMINHO DO SOM

### O caminho do som

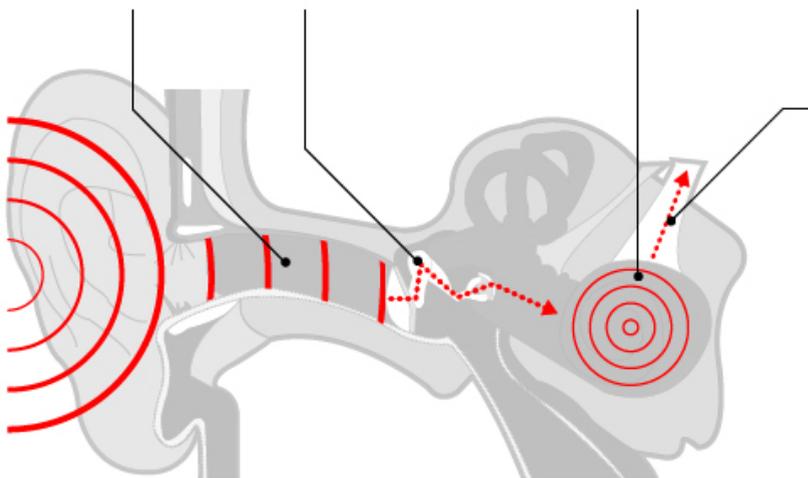
O som entra pelo canal auditivo e chega até o tímpano, fazendo-o vibrar

O tímpano aciona os ossinhos do ouvido, que se movem e pressionam a cóclea

Com a força da pressão, a cóclea se mexe e o líquido dentro dela também. Essa movimentação ativa as pequenas células ciliadas em seu interior

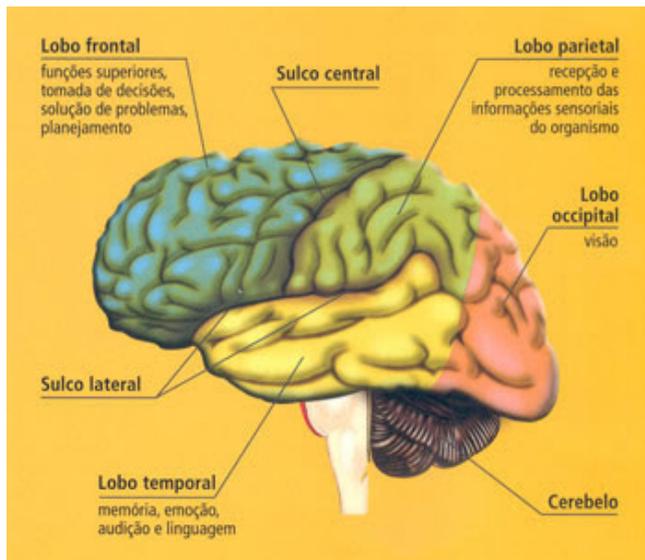
Ao receber esse estímulo, os cílios mandam a informação do som para o cérebro

Todo esse processo dura milésimos de segundos



O cérebro é o lobo temporal responsável pela audição e pela linguagem, assim também é responsável pela memória e pela emoção. Veja na figura a seguir as partes cerebrais e suas respectivas funções.

FIGURA 26 – AS PARTES CEREBRAIS E SUAS RESPECTIVAS FUNÇÕES



FONTE: Disponível em: <<http://fonoaudialogando.blogspot.com/2010/10/areas-cerebrais.html>>. Acesso em: 29 abril 2018.

Segue a figura sobre as ondas sonoras, responsáveis por carregar as vibrações que são transformadas em informação, como dito acima.

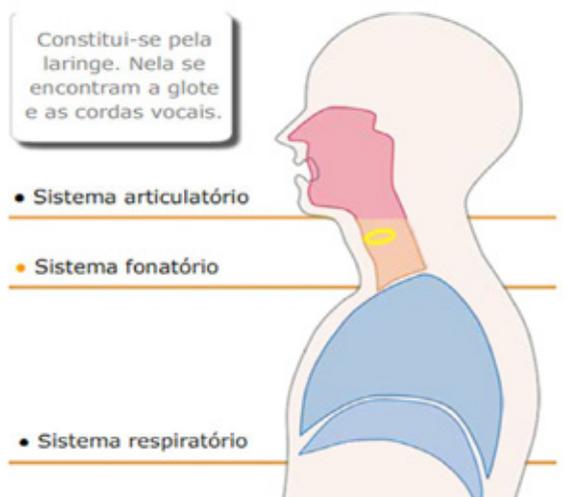
FIGURA 27 – ONDAS SONORAS



FONTE: Disponível em: <<https://foneticafonologiablog.files.wordpress.com/2015/12/acustica.jpg?w=648>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Diferente da fonética auditiva, essa parte da fonética, ou seja, a fonética articulatória está voltada para os aspectos fisiológicos e articulatórios para que ocorra a produção dos sons de uma língua, ou seja, estuda o local em que os sons são produzidos no aparelho fonador. Identificaremos os órgãos articuladores da fala. Veja nas imagens a seguir o aparelho fonador.

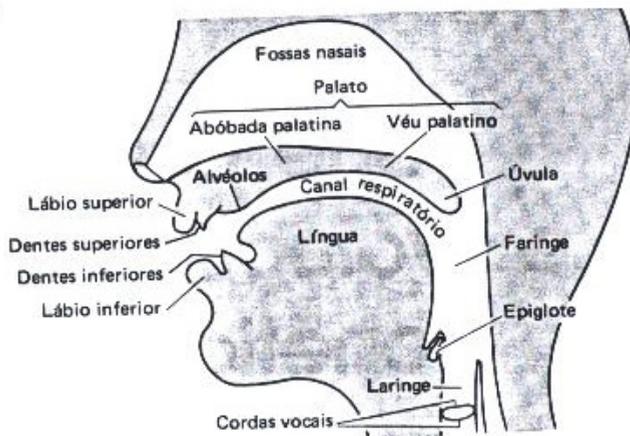
FIGURA 28 – APARELHO FONADOR



FONTE: Disponível em: <[http://images.slideplayer.com.br/5/1643035/slides/slide\\_3.jpg](http://images.slideplayer.com.br/5/1643035/slides/slide_3.jpg)>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Ainda sobre o aparelho fonador, de forma mais detalhada.

FIGURA 29 – APARELHO FONADOR DETALHADO



FONTE: Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/wp-content/uploads/14531.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

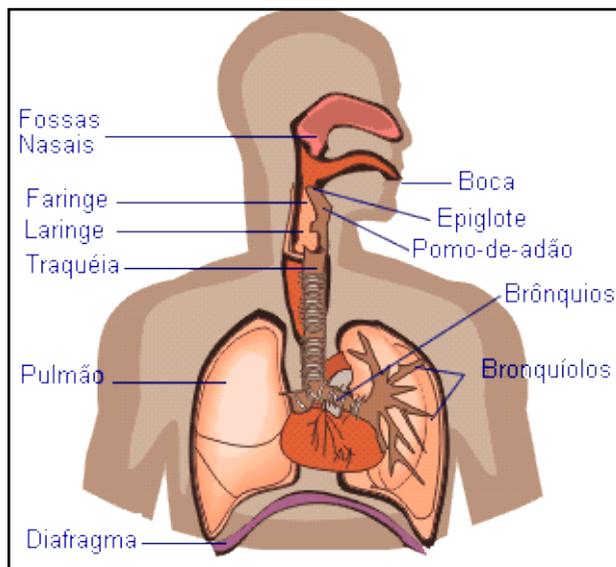
Na figura anterior dá para perceber que são várias as áreas que são envolvidas na produção da voz. É importante entender que “fonador” quer dizer aquele que produz voz. Os órgãos que utilizamos para produzir a voz, ou seja, os sons da fala, sua principal função não é a articulação dos sons, eles servem primeiramente para respirar, cheirar, mastigar, engolir. O conjunto desses órgãos é chamado de aparelho fonador, portanto, não só os ouvintes possuem o aparelho fonador, mas também os surdos.

Por se tratar de uma disciplina e de um curso que irá se aprofundar na Libras, é importante entendermos que há uma diferenciação dos ouvintes para os surdos, porém, em ambos os casos, tanto os sujeitos surdos como os ouvintes possuem o aparelho fonador. É importante aproveitar para desmistificar que o surdo não é “mudinho”, ou “mudo-surdo”, ou “surdo-mudo”, entre outros, geralmente o surdo gosta de ser identificado como surdo e não por termos pejorativos como mudinho, entre outros, e como nos apresenta Gesser (2009, p. 45, grifo nosso),

A maioria dos ouvintes desconhece a carga semântica que termos mudo, surdo-mudo e *deficiente auditivo* evocam. É facilmente observável que, para muitos ouvintes alheios à discussão sobre surdez, o uso da palavra surdo pareça imprimir mais preconceito, enquanto o termo deficiente auditivo parece-lhes ser mais politicamente correto [...]. Sobre essa questão terminológica, muitos surdos têm a oportunidade de se posicionarem nos cursos de Libras que ministraram para ouvintes: *Essa história de dizer que surdo não fala, que é mudo, está errada. Eu sou contra o termo surdo-mudo e deficiente auditivo porque tem preconceito... Vocês sabem quem inventou o termo deficiente auditivo? Os médicos! Eu não estou aqui só para vocês aprenderem Libras, eu estou aqui também para explicar como é a vida do surdo, da cultura, da nossa identidade... (Professora Surda, 2002). O termo surdo-mudo não é correto porque o surdo tem aparelho fonador, e se for treinado ele pode falar. Eu sou surdo, fui oralizado e não ouço nada, mas a minha língua é a de sinais... (professor surdo, 2003).*

Como podemos ver na citação acima, o surdo, assim como os demais, tem o aparelho fonador, desta forma, o correto é chamá-lo de SURDO e não de SURDO-MUDO, ou MUDO. Vejamos a figura a seguir sobre o aparelho fonador.

FIGURA 30 – APARELHO FONADOR

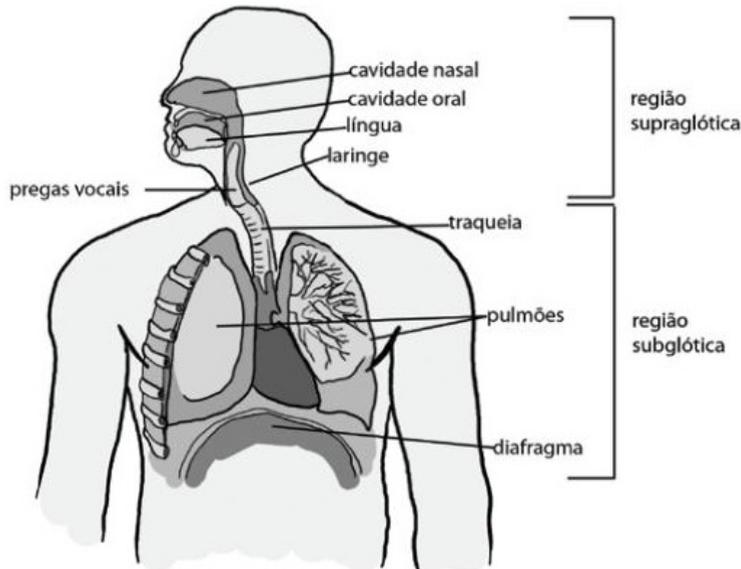


FONTE: Disponível em: <[http://static.wixstatic.com/media/466083\\_3f7d7027fcc44014a39282f31510d160.gif](http://static.wixstatic.com/media/466083_3f7d7027fcc44014a39282f31510d160.gif)>. Acesso em: 8 abr. 2018.

É comum confundirmos a voz com a fala, entretanto, a voz e a fala não são as mesmas coisas. A voz pode ser definida como o som produzido a partir da vibração das pregas vocais. A fala é o resultado da articulação desse som, e tudo isso acontece através do aparelho fonador, porém utilizando algumas vezes partes distintas desse. Um surdo pode falar, porém sem utilizar o som produzido pela voz, mais à frente verão isso com mais detalhes, quando estivermos estudando a surdez de um modo mais específico.

Vejamos a figura a seguir, em que o aparelho fonador está dividido em subglótica e supraglótica. Vamos observar que a divisão acontece a partir da glote, que está localizada na laringe. A glote é o espaço entre as pregas vocálicas acima dela, em que se encontram as cavidades responsáveis pelas ressonâncias vocais, e abaixo dela temos a traqueia, os pulmões e o diafragma, que são responsáveis pelo suprimento da fonte de energia que gera os sons da fala, para cantar, por exemplo. A lógica é o ar que sai dos pulmões, expulso pelo diafragma. Ao entrar em relaxamento passa pelas pregas vocais. Localizadas na laringe, as pregas vocais vibram e transformam o ar em som.

FIGURA 31 – APARELHO FONADOR



FONTE: Disponível em: <<https://userscontent2.emaze.com/images/62a7aa13-5b08-43bb-a08b-ddfec7362436/04160d2f-a89c-425d-8aae-5e63c144a284.JPG>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Na figura acima vemos o aparelho fonador dividido nas regiões subglótica e supraglótica, como dissemos anteriormente. Com relação ao som, são os músculos da laringe que determinam a altura e a duração do som e as notas cantadas. São esses músculos os responsáveis por dizer se uma pessoa canta tenor ou barítono, ou qualquer outro tipo de voz. Já outra parte importante do aparelho fonador é o diafragma, que se constitui em uma estrutura em forma de abóbada que separa a cavidade torácica da abdominal. Onde estão também os dois pulmões que acompanham os movimentos da caixa torácica. Os movimentos para a produção dos sons. Tudo isso é um processo complexo, porém natural, nós não pensamos no comando do diafragma quando respiramos, não pensamos no trabalho de cada músculo da laringe sempre que emite um som, não pensamos na posição do seu palato mole para falar, mas mesmo sem pararmos para pensar nisso, tudo isso acontece para podermos falar e cantar, ou seja, para emitirmos o som, somos uma máquina com grandes habilidades e ao mesmo tempo supercomplexos.

Podemos dividir em três grupos os órgãos do corpo humano que desempenham um papel na produção da fala: o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatório, conforme vimos na figura correspondente.

Assim, definimos o sistema articulatório (faringe, língua, nariz, palato, dentes, lábios), o sistema fonatório (laringe, onde está a glote) e o sistema respiratório (pulmões, músculos pulmonares, brônquios, traqueia). O sistema respiratório consiste dos pulmões, dos músculos pulmonares, dos tubos brônquios e da traqueia. O sistema respiratório encontra-se na parte inferior à glote, que é

denominada cavidade infraglotal. A função primária do sistema respiratório é obviamente a produção da respiração, como podemos observar na figura a seguir sobre o sistema.

FIGURA 32 – SISTEMA FONATÓRIO



FONTE: Disponível em: <<https://image.slidesharecdn.com/fonticatrabfbioapresentao-140820122316-phpapp02/95/fontica-10-638.jpg?cb=1408537483>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

### 3 AS FUNÇÕES E INTERFACES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA

Nesse item iremos identificar o objeto de estudo da Fonética e da Fonologia, e convido você a refletir sobre a distinção entre elas, ligando tudo isso à questão das línguas orais e das línguas de sinais. É importante ressaltar que tanto a fonética quanto a fonologia têm como objeto de estudo os sons da fala, ou seja, a fonética e a fonologia estudam como os seres humanos produzem e conseqüentemente ouvem os sons da fala.

Para nos comunicarmos, como dito ao longo deste livro, para essa disciplina, acontece uma explosão de ações e reações em nosso corpo, por exemplo, o funcionamento cerebral, e, portanto, a comunicação está para além do simples abrir e fechar da boca, que na verdade não é tão simples assim, precisamos também do funcionamento dos pulmões, da laringe, do ouvido, entre outros órgãos responsáveis pela produção e para a audição dos sons da fala.

Imagine-se em um lugar onde cada pessoa falasse um idioma, uma língua diferente uns dos outros e ninguém entendesse a fala do outro, com certeza, seria

um caos, pois mesmo que tivéssemos os órgãos da fala e da audição em perfeito estado, essa comunicação poderia não ter sucesso se não compreendêssemos a língua falada pelo outro.

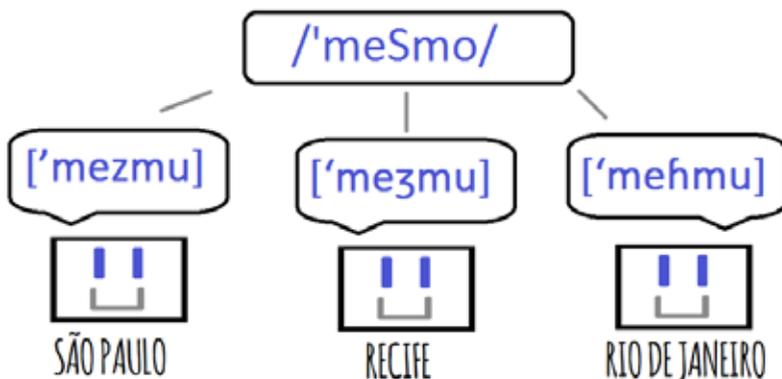
A Bíblia, como livro histórico, no livro de Gênesis, no capítulo 11, traz uma história que faz analogia a esse episódio, onde pessoas tentavam construir uma torre bem alta, porém foram impedidas de prosseguir com a construção, pelo fato de no decorrer do processo de construção do grande edifício terem tido suas línguas trocadas, essa história é chamada “Construção da Torre de Babel”. Resultado, a falta de compreensão linguística impediu a continuidade da construção, pois as pessoas pediam tijolo e vinha água, ou seja, sem uma comunicação onde os interlocutores se entendam é impossível ter compreensão da parte de outros.

Assim, podemos dizer que a fonética estuda e analisa as medidas precisas, as amostragens do sinal de fala, enquanto a fonologia estuda a organização mental da linguagem, com as distinções sonoras em relação às línguas em particular, ou seja, estabelecem quais são os sons que servem para distinguir uma palavra de outra, ou ainda, quais são os princípios que determinam a pronúncia das palavras, frases e elocuições de uma língua, e o português brasileiro é riquíssimo referente às questões fonológicas, com seus sotaques e regionalismos.

Uma outra maneira de diferenciar fonética de fonologia está relacionada à faceta empírica própria da fonética, todavia tanto a investigação de sistemas linguísticos quanto da organização mental da fala, realizadas pela fonologia, são baseadas na observação.

Vejam algumas imagens a seguir sobre a questão da fala, aspectos também importantes, como a prosódia e entoação e a variedade fonética relativa às diversas pronúncias regionais.

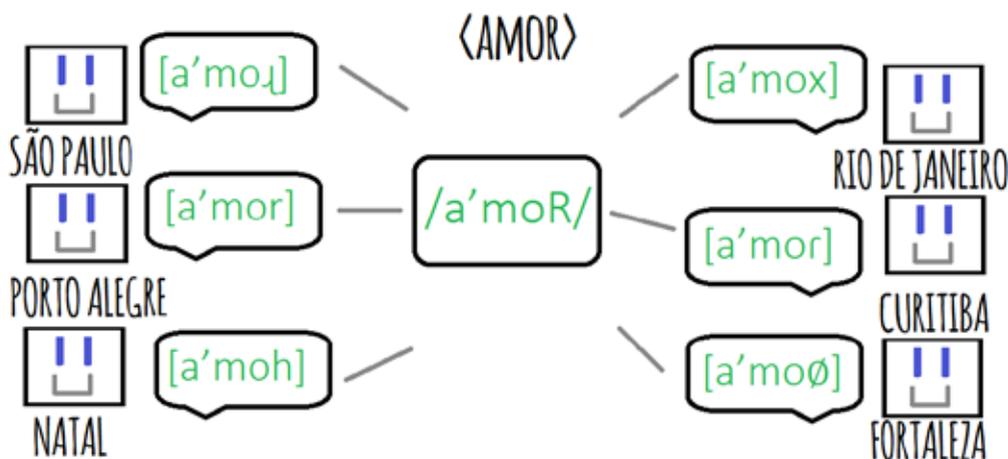
FIGURA 33 – VARIAÇÃO FONÉTICA DA PALAVRA MESMO



FONTE: Disponível em: <[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT1WMPrhLSzFJZwKGJ2HwBhiHCf6lu7DaEQcllG8pl7GpveM\\_tQ](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT1WMPrhLSzFJZwKGJ2HwBhiHCf6lu7DaEQcllG8pl7GpveM_tQ)>. Acesso em: 9 abr. 2018.

Como vimos na figura acima, os regionalismos interferem na maneira como pronunciamos as palavras, por mais que a escrita seja a mesma em todo o território nacional brasileiro.

FIGURA 34 – VARIAÇÃO FONÉTICA DA PALAVRA AMOR



FONTE: Disponível em: <<https://oprogramalinguisticalista.files.wordpress.com/2015/03/fonologia-cc3b3pia-cc3b3pia.png>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

Assim, a prosódia, a entoação e a variedade fonética fazem a diferença na hora de pronunciarmos as palavras. Provavelmente, você, se for um sujeito ouvinte, já escutou a sensação de ouvir um jeito diferente de falar, ou seja, já escutou sotaques diferentes da região onde você mora. Sotaque é o tom, inflexão ou pronúncia particular de cada indivíduo ou de cada região. Se você já teve a oportunidade de viajar para diferentes regiões do país, sabe bem do que estamos falando. Até porque, podemos ver as variações de sotaques da língua portuguesa até mesmo sem sair de casa, já que esse jeito de falar particular pode ser percebido através de veículos de comunicação como a televisão, o rádio e pelas mídias sociais, que utilizam a oralidade. No Brasil, por ser um país com um território muito extenso, não há uniformidade na fala, apesar de os brasileiros compartilharem, em sua maioria, o mesmo idioma, cada estado brasileiro pode apresentar peculiaridades na fala.

Essa multiplicidade de sotaques encontrados no Brasil pode ser explicada a partir do ponto de vista histórico. Nosso país foi colonizado por diferentes povos e em diferentes momentos de sua história. Temos influências alemã, italiana, espanhola, holandesa, portuguesa, africana e até mesmo francesa, enquanto na Região Sul houve uma imigração maciça de italianos, alemães e outros povos oriundos do leste europeu. Em Pernambuco tivemos a influência dos holandeses. No Rio de Janeiro, onde temos o sotaque do “S” bem chiado, podemos perceber a influência dos portugueses de forma mais forte. No Norte, em virtude do distanciamento geográfico, a região ficou menos exposta à influência estrangeira, por isso a língua portuguesa recebeu maior influência das línguas indígenas.

Nossos sotaques fazem parte de nosso patrimônio cultural e são elementos importantes na formação da identidade do povo brasileiro. É importante ressaltar que há uma distinção entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal, pois desde o início da colonização, a cultura portuguesa no Brasil recebeu influências culturais e linguísticas, primeiro das línguas indígenas e africanas. E a partir do século XIX, dos imigrantes de outras partes do mundo, principalmente, dos imigrantes europeus.

## 4 SEGMENTOS FONÉTICOS DAS LÍNGUAS ORAIS

Já deu para perceber que o nosso corpo, como uma máquina, é capaz de fazer uma série de coisas para produzir os sons, utilizando diversas partes do aparelho fonador. Neste item sobre os segmentos fonéticos das línguas orais, identificaremos os movimentos articulatórios das vogais e das consoantes e seus respectivos órgãos articuladores, para tentarmos entender o vozeamento, classificaremos, assim, os segmentos fonéticos a partir do seu ponto de articulação.

As línguas orais possuem várias diferenciações das línguas de sinais, sendo que é a partir da liberação do fluxo de ar nos pulmões que podemos ver a divisão tradicional entre vogais e consoantes em nível de articulação. Para emitirmos os sons das vogais (a, e, i, o, u), não ocorre impedimento da passagem de ar no trato vocálico, sendo assim, os segmentos vocálicos são produzidos com o fluxo de ar passando praticamente sem obstáculos pelo trato vocálico.

Como podemos observar na Leitura Complementar, a seguir, no excerto extraído do livro de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 25-28), sobre segmentos fonéticos.

## LEITURA COMPLEMENTAR

### SEGMENTOS FONÉTICOS

Aqui, identificaremos os movimentos articulatórios de vogais e consoantes e seus respectivos órgãos articuladores. Classificaremos também os segmentos fonéticos a partir de seu ponto e modo de articulação e vozeamento.

Bom, agora vamos iniciar a apresentação dos diferentes sons da fala, discutindo em detalhes aqueles que pertencem ao quadro do PB. Aqui, apresentaremos os sons a partir de seus movimentos articulatórios. Os sons de fala serão vistos como fones e não fonemas, uma vez que a sua característica distintiva ainda não está sendo considerada. A divisão tradicional entre vogais e consoantes em nível de articulação deve ser entendida a partir da liberação do fluxo de ar dos pulmões. Nas vogais, não há nenhum impedimento a essa passagem de ar, ou seja, os segmentos vocálicos são produzidos com o fluxo de ar passando livremente ou praticamente sem obstáculos (obstruções ou constrictões) no trato vocal. Já as consoantes são articuladas a partir de alguma obstrução no trato oral, seja ela parcial ou total. Uma outra diferença entre esses dois tipos de sons é que as vogais são vozeadas, isto é, são produzidas com a vibração das pregas vocais, enquanto as consoantes podem ou não ser produzidas com vibração das pregas vocais. Assim podem ser vozeados ou não vozeados. Em termos de classificação fonética, as vogais são analisadas por meio dos seguintes parâmetros: altura, avanço/recuo da língua e arredondamento dos lábios. Já, para as consoantes, utilizam-se as características de ponto articulatório (lugar de articulação), modo articulatório e sonoridade.

#### Segmentos vocálicos

Vogais são sons produzidos com o ar saindo dos pulmões (fluxo de ar egressivo). Os sons vocálicos se diferenciam dos consonantais pela inexistência de obstrução à saída de ar no trato vocal. Eles devem ser produzidos de modo que o estreitamento gerado pelo movimento dos articuladores não produza fricção. Sua emissão é realizada com a vibração das pregas vocais, sendo por isso considerados sons vozeados ou sonoros. As vogais podem ser ainda classificadas como orais e nasais. Na produção das orais, o véu do palato fecha a passagem à cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pelo trato oral. Nas vogais nasais, o véu palatino encontra-se abaixado, permitindo que o ar passe também pelas cavidades ressoadoras nasais.

Para a classificação articulatória das vogais, estão envolvidos o corpo da língua e os lábios. O corpo da língua pode movimentar-se verticalmente, levantando-se ou abaixando-se, ou horizontalmente, avançando ou recuando. A mandíbula auxilia na abertura do trato oral para a diferenciação entre vogais abertas e fechadas. O parâmetro que define o movimento vertical da língua é denominado altura e o que define o movimento horizontal (avanço/recuo) denomina-se anterioridade/posterioridade. Há ainda a possibilidade de os lábios

estarem distensos ou arredondados. O movimento de arredondamento dos lábios ocorre na produção de vogais ditas arredondadas. As demais são articuladas com os lábios distensos e são classificadas como não arredondadas.

No PB, apenas as vogais [ɔ] (ó), [o] (ô) e [u] são arredondadas (como em *avó*, *avô*, *tatu*, respectivamente). Produza essas vogais e observe que, na sua pronúncia, os lábios se arredondam e se projetam para frente. Em francês, outras vogais são arredondadas, como o *“i”*, por exemplo. Nesse caso, geralmente, falantes nativos do PB podem ter dificuldades na produção dessas vogais arredondadas, visto que esse não foi um hábito adquirido para o PB.

Para produzir esta vogal arredondada, pronuncie um [i] e, sustentando essa pronúncia, vá arredondando os lábios. Você perceberá que a qualidade dessa vogal vai se modificando. Quando os lábios estiverem arredondados como na pronúncia de um [u], você ouvirá a vogal alta anterior arredondada da língua francesa, representada pelo símbolo fonético [y].

Com relação à altura da língua, no PB, existem quatro níveis:

**Altas:** Aquelas em que o dorso da língua se eleva ao máximo estreitando o trato, mas sem produzir fricção (produção de *i* e *u*). [...], nota-se que, apesar de a língua elevar-se consideravelmente, não há obstrução total do trato.

**Médias-altas:** Aquelas em que o dorso da língua encontra-se em uma posição intermediária entre a posição mais alta e a mais baixa, localizando-se, no entanto, mais próximo da posição mais alta (produção de [e] e [o]). [...].

**Médias-baixas:** Aquelas em que o dorso da língua encontra-se em uma posição intermediária entre a apresentada nas vogais altas e aquela mostrada para as vogais baixas. A língua localiza-se, no entanto, em uma posição mais próxima à vogal baixa [...].

**Baixas:** Aquelas em que a língua se encontra na posição mais baixa no trato oral [...] a abertura do trato na articulação das vogais baixas é bem mais ampla do que a apresentada para as vogais altas e médias.

Outros autores (MALMBERG, 1954; MAIA, 1991) têm classificado as vogais em função da abertura/fechamento do trato oral. Dessa forma, como na pronúncia das vogais altas o trato oral está mais fechado do que na pronúncia das vogais baixas (Produza as vogais [i] e [a] em sequência e observe como a boca está mais fechada para [i] e mais aberta para [a]), as altas são classificadas como fechadas e as baixas como abertas, as demais seriam meio-fechadas e meio-abertas. De acordo com Mateus et al. (1990), essa classificação leva em consideração a maior audibilidade das vogais.

Ainda conforme o avanço ou recuo da língua, as vogais podem ser classificadas como:

**Anteriores:** Aquelas em que a língua se dirige para a parte anterior do trato vocal, mais especificamente em direção aos alvéolos, mas sem qualquer tipo de bloqueio no trato oral. Na produção de vogais anteriores, a língua se eleva para frente, [...] a posição da língua na produção das vogais [e] e [i], levando em conta apenas o eixo horizontal.

**Posteriores:** Aquelas em que o dorso da língua se movimenta para a parte posterior do trato oral na direção do palato mole, sem, porém, apresentar bloqueio à passagem do ar. Nas vogais posteriores, o dorso da língua progressivamente se eleva para trás, [...] a posição da língua em relação ao eixo horizontal, na produção das vogais [o] e [u].

**Centrais:** Aquelas em que a língua se encontra em posição mais centralizada.

FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/rudinho59/fonetica-e-fonologia-do-portugus-brasileiro>>. Acesso em: 9 de abril 2018.

Conforme podemos observar na Leitura Complementar, sobre os segmentos fonéticos, em cada movimento da língua e da boca temos a produção de um som, portanto, os movimentos articulatórios são os responsáveis pela produção pelo tipo de som que produzimos com a nossa boca. Assim, o texto trouxe uma explanação sobre os segmentos vocálicos explicando que os sons vocálicos são diferentes dos sons consonantais, e isso tudo acontece a partir dos movimentos articulatórios que produzimos.

A Leitura Complementar traz ainda uma explicação sobre os sons produzidos quando pronunciamos as vogais, que podem ser orais ou nasais, na passagem do ar, para produzirmos esses sons. Apresentando-nos também uma explicação sobre a altura da língua para produção dos sons, no português brasileiro, sendo que existem quatro níveis, ou seja, as altas, médias-altas, médias-baixas, e as baixas; explica ainda que o recuo ou o avanço da língua também são responsáveis pela produção dos sons que saem da nossa boca, sendo eles classificados como: anteriores, posteriores e centrais.

Podemos observar ainda que para produzirmos os sons existe o movimento tanto vertical quanto horizontal na produção de cinco vogais orais, sendo elas [a], [e], [i], [o] e [u], para a produção dos sons vocálicos. Assim, as vogais podem até mesmo ser classificadas pela posição assumida pelos lábios, sendo elas arredondadas: vogais produzidas com os lábios arredondados. Podendo ser vista a projeção dos lábios para frente (como se fosse fazer biquinho), denotando arredondamento na produção das vogais [u] e [o]. Podendo também ser chamadas de labializadas. E as não arredondadas, sendo as vogais produzidas com os lábios distendidos. São elas as vogais [a], [e] e [i], para produção dessas vogais os lábios não estão projetados para frente.

No próximo tópico estudaremos a fonologia.

# RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- A fonética estuda a linguagem e se preocupa em analisar de forma detalhada os sons produzidos por uma língua.
- A fonética é subdividida em quatro partes: a fonética articulatória, a fonética auditiva, a fonética acústica e a fonética instrumental.
- Estudamos a captação dos sons e a transformação destes sons em códigos, que fazem sentido para nosso cérebro e conseqüentemente para nossa vida cotidiana, assim como a produção dos sons e da fala.
- Estudamos que os movimentos articulatorios da boca e da língua são fundamentais na produção dos sons vocálicos e consonantais.
- A fonética é o estudo dos aspectos acústicos e fisiológicos dos sons efetivos, ou seja, os sons reais, dos atos de fala no que se refere à produção, articulação e variedades. Em outras palavras, a fonética preocupa-se com os sons da fala em sua realização concreta. Quando um falante pronuncia a palavra 'dia', à fonética interessa de que forma a consoante /d/ é pronunciada: /d/ /i/ /a/ ou /dj/ /i/ /a/.
- A posição dos lábios interfere no tipo de som que produzimos.
- Para produzir os sons existe o movimento, tanto vertical quanto horizontal, na produção de cinco vogais orais, que são: [a], [e], [i], [o] e [u], para a produção dos sons vocálicos.

## AUTOATIVIDADE



Após estudar o Tópico 2, vamos nos exercitar respondendo às questões a seguir para a fixação dos conteúdos estudados.

1 Em quantas partes a fonética está subdividida? Quais são?



2 Qual é a importância, na sua concepção, para estudarmos a fonética?



3 Defina a base de estudos da fonética.





## 1 INTRODUÇÃO

Para falar sobre a fonologia, começamos a refletir sobre a seguinte questão: como nós conseguimos nos entender uns aos outros diante da enorme variedade de sons de fala que somos capazes de produzir através de nosso aparelho vocal? Você com certeza já foi um bebê, ou ainda, já teve contato com crianças pequenas e percebeu quanto a linguagem nessa fase da vida é limitada a alguns sons, porém, mesmo assim, era capaz de produzir diversos ruídos. Com o passar do tempo, nosso arsenal de palavras e sons foi se ampliando cada vez mais. É interessante como mesmo sem nos darmos conta, começamos a nos habituar a falar e entender as variações linguísticas da comunidade linguística da qual fizemos parte. Na verdade, existe um acordo estabelecido entre os falantes e é ele que controla a variação de nossa fala, pois se fosse diferente, viveríamos em total confusão linguística. Esse acordo é a língua. E, de certa forma, a grosso modo, é desse acordo que trata a fonologia, ou seja, de estudar os sons da nossa língua.

Como temos estudado no decorrer deste livro, a linguística tem vários ramos de estudos, um deles é a fonologia, que estuda o sistema sonoro de um idioma, estudando assim, aspectos relacionados aos encontros vocálicos, aos encontros consonantais, à divisão silábica, à ortografia e à acentuação das palavras.

Nesse tópico estudaremos a fonologia. Os estudos fonéticos são muito mais antigos do que os fonológicos. Estes últimos começam a se afirmar somente no início do século XX. A fonologia, entretanto, prescinde de análises fonéticas. À medida que o olhar sobre o objeto da fonologia (sons da fala) mudava, mudavam também as teorias acerca desse objeto. A fonologia é, então, uma interpretação daquilo que a fonética apresenta, restrita a uma língua e aos modelos teóricos que descrevem essa língua.

## 2 OS FONEMAS

Fonologia é o estudo dos fonemas (os sons) de uma língua. Para a fonologia, o fonema é uma unidade acústica que não é dotada de significado. Isso quer dizer que os fonemas são os diferentes sons que produzimos para exprimir aquilo que pensamos, sejam nossos sentimentos, ideias e emoções, isso tudo a partir da junção de unidades distintas. Essas unidades juntas formam as sílabas e conseqüentemente as palavras, portanto, a fonologia é a parte da gramática que estuda os fonemas.



A palavra '**Fonema**' tem origem grega (fono = som + emas = unidades distintas) e representa as **menores unidades sonoras** que formam as palavras. As palavras são a **unidade básica da interação verbal** e são criadas pela junção de unidades menores: **as sílabas e os sons, na fala, ou as sílabas e letras, na escrita.**

(FONTE: Disponível em: <<https://portugues.uol.com.br/gramatica/fonetica-fonologia.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018).

Os **fonemas** são classificados em **vogais, semivogais e consoantes**. Essa classificação existe em virtude dos diferentes tipos de sons produzidos pela corrente de ar que sai dos nossos pulmões e é liberada, com ou sem obstáculos, pela boca e/ou pelo nariz. É o que vamos ver no decorrer deste tópico. As vogais são a parte mais importante dos fonemas, pois não existem sílabas sem vogais. Ela se caracteriza pelo fato de o som ser emitido sem obstáculos, sendo o núcleo das sílabas; as semivogais são representadas pelos fonemas I e U e, em alguns casos, também os fonemas E e O são classificados como semivogais quando se juntam a uma vogal e são pronunciados com menos força, já as consoantes se caracterizam pelo fato de o som ser emitido com obstáculos, uma vez que não conseguem sair livremente pela boca. Elas somente formam sílabas apoiadas no som de uma vogal, daí decorre o nome consoante. Tal como as vogais, as consoantes podem ser **orais** ou **nasais** e, ainda, **surdas** ou **sonoras**.

Conforme descrito em Silva (1999, p. 126),

Um dos objetivos de uma análise fonêmica é definir quais são os sons de uma língua que têm valor distintivo (servem para distinguir palavras). Sons que estejam em oposição – por exemplo [f] e [v] em “faca” e “vaca” – são caracterizados como unidades fonêmicas distintas e são denominados fonemas.

Portanto, os fonemas são importantes para entendermos o significado não apenas dos sons, mas também para entendermos a escrita e o sentido das palavras. Portanto, o fonema é considerado a menor unidade da língua. Cada língua apresenta um número limitado e restrito de fonemas, em torno de vinte a cinquenta fonemas, conforme a língua, eles se combinam sucessivamente, ao longo da cadeia da fala, para constituir unidades maiores, ou seja, os morfemas. Entretanto é importante ressaltar que um fonema não é a mesma coisa que letra.

Abaixo temos os conceitos básicos da fonêmica, de acordo com Silva (1999, p. 135):

- Fone: unidade sonora atestada na produção da fala, precedendo qualquer análise. Os fones são os segmentos vocálicos e consonantais encontrados na transcrição fonética.
- Fonema: unidade sonora que se distingue funcionalmente das outras unidades da língua. Método de identificação de um fonema: par mínimo (ou análogo).
- Alofone: Unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema. Alofones de um mesmo fonema ocorrem em contextos exclusivos. Método de identificação: distribuição complementar.
- Par suspeito: representa um grupo de dois sons que apresentam características fonéticas semelhantes e devem ser caracterizados ou como fonema ou como alofones.

Veja abaixo uma tabela contendo os fonemas vocálicos da língua portuguesa.

FIGURA 35 – TABELA DE FONEMAS VOCÁLICOS

TABELA DE FONEMAS VOCÁLICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA		
Fonemas vocálicos	Representação na escrita (letras)	Exemplos
/á/	a	<i>carro</i>
/ã/	ã am an	<i>órfã</i> <i>ambiente</i> <i>anjo</i>
/ê/	e	<i>selo</i>
/é/	e	<i>mel</i>
/ɛ̃/	em en	<i>empada</i> <i>pente</i>
/i/	i	<i>bíblia</i>
/ɪ̃/	im in	<i>impedir</i> <i>lindo</i>
/y/ (semivogal)	e i	<i>mãe</i> <i>coisa</i>
/ó/	o	<i>bola</i>
/ô/	o	<i>coxa</i>
/õ/	õ om on	<i>põe</i> <i>bomba</i> <i>ponto</i>

/u/	u	<i>uva</i>
/ɐ̃/	um um	<i>chumbo</i> <i>untar</i>
/w/ (semivogal)	u o i	<i>pausa</i> <i>navio</i> <i>mal</i>

FONTE: Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/portugues/fonemas>>. Acesso em: 12 maio 2018.

Outros exemplos de fonemas e letras e suas quantidades, para entendermos um pouco mais.

FIGURA 36 – EXEMPLOS DE FONEMAS E LETRAS E SUAS QUANTIDADES

### ALGUNS EXEMPLOS

- Ascender - /a**scen**der/ – 6 fonemas e 8 letras;
- Expoente - /expo**en**te/ – 7 fonemas e 8 letras;
- Excesso - /ex**cess**o/ – 5 fonemas e 7 letras;
- Excepcional - /ex**cep**cional/ – 10 fon. e 11 letras;
- Exceção - /ex**ce**ção/ – 6 fonemas e 7 letras;
- Complexo - /com**ple**xo/ – 8 fonemas e 8 letras;
- Convexo - /con**ve**xo/ – 7 fonemas e 7 letras;
- Engatilhar - /en**gatilh**ar/ – 8 fonemas e 10 letras;
- Horizonte - /horiz**ont**e/ - 7 fonemas e 9 letras.

FONTE: Disponível em <<https://pt.slideshare.net/SilvaJones/relao-letra-x-fonema>>. Acesso em: 12 de maio 2018

É importante ressaltar, como dito anteriormente, que letras e fonemas são diferentes, letras são sinais gráficos, ou seja, símbolos, e os fonemas são sons que representam estes sinais.

## 3 SONS FONETICAMENTE SEMELHANTES E SISTEMA VOCÁLICO

Os sons foneticamente semelhantes são aqueles que compartilham um maior número de características fonéticas, são mais facilmente encontrados como variantes de um fonema, e aqueles foneticamente muito diferentes têm alta probabilidade de ocorrerem como fonemas.



Assim, também ocorre com os sinais na LIBRAS, mais à frente estudaremos a parte fonética da LIBRAS, quando estivermos tratando sobre a fonologia da Língua Brasileira de Sinais. Aguardem!

É importante também entender as premissas da fonêmica, que são:

- 1) Os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram.
- 2) Os sistemas sonoros tendem a ser foneticamente simétricos.
- 3) Os sons tendem a flutuar.
- 4) Sequências características de sons exercem pressão estrutural na interpretação fonêmica de segmentos suspeitos ou sequências de segmentos suspeitos.

Como identificar os fonemas? De acordo com Silva (199, p. 128),

- 1) Par mínimo: contraste em ambiente idêntico. Ex.) *faca* vs. *Vaca* => Sons foneticamente semelhantes constituem par suspeito => Par análogo.
- 2) Distribuição complementar.
- 3) Representação Fonêmica (/faka/) vs. Representação Fonética ([faka]).

Silva (1999) fez uma discussão sobre as definições de fone, fonema e alofone, entre outros relativos à fonologia e também à fonética, que já estudamos anteriormente. Esse livro é de suma importância e relevância. Trazemos um artigo que é um resumo desta obra tão importante quando se trata de estudar a fonética e a fonologia.

**LEITURA COMPLEMENTAR**

Mônica Veloso Borges

O livro *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*, de Thaís Cristófaros Silva, tem por escopo subsidiar a organização e descrição do sistema sonoro das línguas naturais, sobressaindo-se a caracterização das variedades do português brasileiro.

Compõe-se de introdução, três partes intituladas, respectivamente, “Fonética”, “Fonêmica” e “Modelos Fonológicos”, seguidas da resolução dos exercícios presentes no texto e da bibliografia.

Na introdução são explicados e exemplificados os termos técnicos usados no decorrer das três partes e os postulados teóricos básicos sobre Linguística, linguagem e variação linguística que orientarão todas as discussões ao longo da obra. Essas noções são enriquecidas com quatro exercícios que abrangem questões como variedades linguísticas do português e diferenciação entre as gramáticas descritiva e prescritiva. A introdução termina com a exposição sucinta das áreas de ensino de línguas materna e estrangeira, planejamento linguístico-social, tradução e interpretação, dramaturgia, fonoaudiologia, linguagem de sinais, linguística computacional, ciência da telecomunicação, zoobiologia, linguística forense e linguística indígena, que, segundo a autora, requerem profissionais com formação sólida em linguística, particularmente em fonética e fonologia. Na primeira parte, além de definir o termo fonética, a autora assinala os princípios orientadores das fonéticas articulatória, auditiva, acústica e instrumental, e procede a uma análise circunstanciada dos sistemas respiratório, fonatório e articulatório e dos órgãos que constituem o aparelho fonador.

Para se chegar ao elenco dos segmentos consonantais do português, inicialmente são formuladas sete questões relacionadas a mecanismo da corrente de ar, correntes de ar ingressiva e egressiva, estado da glote, posição do véu palatino, articuladores ativos e passivos e grau e natureza da estrutura. No intuito de respondê-las, são elaborados exercícios e ilustrações que as elucidam. As respostas sugeridas são acompanhadas de explicações detalhadas sobre transcrições fonéticas, labialização, palatalização, velarização e dentalização.

A autora apresenta tabelas consonantais relevantes à transcrição de itens do léxico português, as quais contêm informações concernentes aos segmentos consonantais no que diz respeito a sua classificação, sua distribuição nos dialetos existentes no Brasil, modo e lugar de articulação, vozeamento, exemplos ortográficos e transcrições fonéticas.

As páginas seguintes trazem os símbolos propostos pela Associação Internacional de Fonética, símbolos concorrentes e o Alfabeto Internacional de Fonética, revisado em 1993 e atualizado em 1996, contendo consoantes de

mecanismo de corrente de ar pulmonar e não pulmonar, vogais, suprasegmentos, tons, acentos, diacríticos e outros símbolos. Incluem-se na sequência oito exercícios sobre os órgãos que formam o aparelho fonador, articuladores ativos e passivos, classificação de sons consonantais, segmentos consonantais do português e símbolos fonéticos.

Toda a fundamentação teórica efetuada em “Fonética” objetiva o estabelecimento do sistema consonantal do português brasileiro com base em exercícios que contribuem para a identificação dos segmentos consonantais que aparecem no idioleto do leitor. É fornecida uma tabela destacável para ser preenchida à medida que os exercícios de transcrição fonética enumerados forem sendo feitos, de modo que ao final dessa parte o leitor tenha a seu dispor uma tabela pessoal dos segmentos fonéticos consonantais de sua língua. No que tange às vogais, são enfatizados altura e anterioridade da língua, arredondamento dos lábios, duração, desvozeamento, nasalização e tensão, parâmetros articulatórios relevantes à descrição desses segmentos. Dão continuidade ao texto argumentos sobre ditongos crescentes e decrescentes, monotongos, hiatos, glides, sílabas, tonicidade, acentos primário e secundário, vogais tônicas e átonas, ritmo de fala, línguas tonais, padrões entoacionais e traços prosódicos. Essa parte é acrescida de atividades de fixação dos pressupostos teóricos estudados. A exemplo do que foi feito para os segmentos consonantais, a autora prepara uma tabela destacável para os segmentos vocálicos do português brasileiro, através da qual o leitor especificará as vogais nasais e orais de seu idioleto. Destaque-se nessa seção a diferença entre nasalização e nasalidade fixada pela Profa. Thaís, que afirma que nasalização é um traço fonético, condicionado por segmentos nasais contíguos, sendo resultado de processo fonológico, ao passo que nasalidade é traço fonêmico, não condicionado, e, portanto, não predizível por regras fonológicas (cf. p. 93). Na seção reservada aos encontros vocálicos, são indicados os ditongos crescentes com início em [I] e [U] e os ditongos nasais e decrescentes orais com término em [I] e [U], para cujo inventário há uma tabela destacável e vários exercícios. Esclarecimentos sobre consoantes complexas do português, normas de transcrição fonética e exercícios complementares compreendendo transcrições fonéticas de sons isolados, itens lexicais e pequenos textos concluem a primeira parte do livro.

Em “Fonêmica”, segunda parte, a autora estabelece uma distinção entre os termos fonêmica e fonologia, mostrando que este último é utilizado eminentemente para os modelos pós-estruturalistas de análise do componente fonológico. São considerados os pressupostos elementares de fonêmica, para o que se postulam quatro premissas básicas, quais sejam: 1) os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram; 2) os sistemas sonoros tendem a ser foneticamente simétricos; 3) os sons tendem a flutuar; e 4) sequências características de sons exercem pressão estrutural na interpretação fonêmica de segmentos suspeitos ou sequências de segmentos suspeitos. Necessário ressaltar as reflexões sobre contextos fonológicos em que se focalizam os ambientes propícios à modificação de segmentos, tais como sons adjacentes, fronteiras de sílabas, morfemas, palavras e sentenças, e a posição do som em relação ao acento.

A discussão que se segue centra-se nas definições de fone, fonema e alofone, par mínimo, contraste em ambientes idênticos e análogos, sons foneticamente semelhantes, pares suspeitos, distribuição complementar, transcrições fonéticas e fonêmicas e variantes livres e posicionais. Após as elucidações sobre coleta de corpus, quadro fonético, listagem de sons foneticamente semelhantes, análise para identificação de fonemas e alofones e tabela fonêmica, procedimentos básicos para uma análise fonêmica, a autora os aplica ao estabelecimento do sistema consonantal do português, partindo de exercícios e do preenchimento da tabela fonêmica consonantal destacável, em que se contemplam fonemas consonantais, alofonia consonantal (vozeamento de /R/ e de /S/, palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, alofonias das consoantes palatais lateral /l/ e nasal /ʎ/ e velarização e vocalização do /l/ pós-vocálico) e consoantes pós-vocálicas /S/, /R/, /l/ e /N/.

Na parte relativa ao exame da estrutura silábica, são observados os glides, as sílabas constituídas exclusivamente por vogal e as consoantes pré-vocálicas e pós-vocálicas. No tocante a essas últimas, são estudados os arquifonemas /S/ e /N/ e o “R” e o “l” em posição de coda. Assim como foi feito para as consoantes, os passos para a análise fonêmica explicitados são empregados na descrição do sistema vocálico oral do português. Analisam-se, por meio de exemplos, os fonemas vocálicos e a alofonia das vogais anteriores /i/, /e/ e /E/, da central /a/ e das posteriores /u/, /o/ e /O/. Novamente é acrescida ao texto uma tabela destacável, que evidencia os casos de alofonia vocálica. A autora trata ainda do acento do português, enfatizando os padrões acentuais de palavras individuais e de grupos de força. Na conclusão, relacionam-se os segmentos do português, dezenove consonantais e sete vocálicos, encontrados a partir das discussões feitas. São eles: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /R/, /F/, /m/, /n/, /ʎ/, /l/, / /, /i/, /e/, /E/, /a/, /u/, /o/ e /O/.

Na terceira parte, nomeada “Modelos fonológicos”, a autora realiza um panorama histórico do desenvolvimento das correntes teóricas pós-estruturalistas da análise do componente sonoro das línguas naturais, expondo os principais preceitos e referências bibliográficas dos modelos fonológicos, demonstrando sua aplicabilidade à investigação do português, e explanando a proposta estruturalista, o modelo gerativo padrão, e os progressos teórico-metodológicos da fonologia atual.

Nas páginas dedicadas ao estruturalismo, registram-se as contribuições significativas do modelo fonêmico, cuja unidade mínima de análise é o fonema, bem como a proposta do Círculo Linguístico de Praga, com noções essenciais como as de neutralização e arquifonema. Na seção seguinte são explicitados minuciosamente os aspectos basilares da Fonologia Gerativa Padrão, que, segundo a autora, “propõe-se a formalizar as oposições e distribuições presentes nos sistemas sonoros de maneira a expressar as generalizações atestadas empiricamente” (p. 191). Abordam-se nessa perspectiva teórica processos fonológicos para cuja explicação são elaboradas regras fonológicas que os elucidam de modo simples e econômico. Como assegura a autora, essas regras são essencialmente de transformação, cancelamento e inserção. Ela elucidam o formalismo pertinente à descrição de cada

um desses tipos, ilustrando-os com dados do português. São também examinados os traços distintivos propostos por Chomsky e Halle (1968), a partir dos quais se podem formular matrizes fonéticas e fonológicas, especificadas para os traços (+) e (-), dependendo da presença ou ausência de determinado atributo fonológico.

Na seção destinada ao modelo natural, enumeram-se resumidamente os preceitos da Fonologia Gerativa Natural e da Fonologia Natural. Segue-se um exame pormenorizado do modelo de sílaba na Fonologia Não linear, englobando a Fonologia CV e a Fonologia Autossegmental. Merecem ênfase as explicações sobre a estrutura interna da sílaba e sobre o princípio de sonoridade. Finaliza essa trajetória histórica dos estudos fonológicos uma abordagem dos pressupostos teóricos da interface fonologia-sintaxe, da Teoria da Otimização e das Fonologias de Dependência, de Governo, Lexical e Métrica.

Concluindo a terceira parte, a autora sugere alguns tópicos para pesquisa, subdividindo-os em três grupos, a saber: 1) pesquisa teórica, referente a avaliação e comparação de modelos fonológicos e sua aplicabilidade à descrição do componente fonológico de línguas naturais, esclarecendo suas vantagens, falhas e limitações; 2) pesquisas aplicadas ao português, que dizem respeito às especificidades dialetais, como, por exemplo, no que concerne ao sistema vocálico oral pretônico e postônico final e medial de uma dada variedade linguística; e 3) pesquisas em alfabetização, fonoaudiologia, línguas indígenas, línguas de sinais, linguística e informática e linguística forense, áreas vinculadas à fonética e à fonologia.

Ao final, são apresentadas as resoluções das atividades propostas no livro. Conforme salienta a autora, essas respostas são em sua maioria apenas demonstrativas e não exaustivas, havendo, desse modo, a possibilidade de serem apontadas outras alternativas adequadas à solução dos exercícios.

O livro termina com uma extensa compilação bibliográfica na qual se incluem estudos que versam sobre linguística geral, fonética, fonêmica e fonologia que permitem ao leitor traçar o histórico das pesquisas relacionadas ao componente sonoro das línguas naturais. Acham-se aí indicados trabalhos pioneiros, de leitura ainda atual e necessária, como o de Câmara Jr. (1953), e estudos mais recentes, como os de Goldsmith (1995) e Bisol (1996).

Em suma, “Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios” representa uma valiosa contribuição aos estudos fonológicos brasileiros, por proporcionar o conhecimento dos pressupostos teórico-metodológicos fundamentais de fonética, fonêmica e fonologia, de maneira clara e numa linguagem coerente e acessível. O maior mérito da autora, a meu ver, é debater a teoria fonológica por meio de exemplos do português de várias regiões do país, propiciando ao leitor a oportunidade de descrever sua própria fala e de chegar assim ao seu idioleto, não existindo, por conseguinte, respostas prontas e corretas de antemão. Além disso, esse livro destaca-se por efetuar um percurso histórico

dos estudos de fonologia, enfocando desde os modelos estruturalistas até os mais atuais. São dignas de nota a bibliografia fornecida, em que são listados títulos mais antigos, de consulta obrigatória, até trabalhos recentemente elaborados, e as preciosas sugestões de temas para pesquisa.

Por tudo isso, a leitura dessa obra é imprescindível para alunos e docentes dos cursos de Letras, especialmente para aqueles que desenvolvem pesquisas em fonética e fonologia ou em áreas afins.

## REFERÊNCIAS

BISOL, L. (1996). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUC-RS.

CÂMARA JR. J. M. (1953). Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro: Organizações Simões.

CHOMSKY, N. E. M. HALLE. (1968). The sound pattern of English. New York: Harper and Row.

GOLDSMITH, J. A. (1995) The handbook of phonological theory. Cambridge: Blackwell Publishers.

FONTE: Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n1/a11v16n1.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2018.

Então, acadêmicos, ao lerem o texto da *Leitura Complementar*, foi possível perceber que falar de fonética e fonologia é um tema extenso, como dissemos no decorrer desse livro? Existem várias pesquisas envolvendo unidades mínimas fonológicas, pois todas são importantíssimas e complexas, porém é parte do nosso cotidiano as pronunciarmos, sem pensar nessa complexidade toda, e isso é natural, dentro do contexto linguístico. Os fonemas têm uma classificação, porém para falarmos sobre essa classificação é importante entendermos sobre os diferentes tipos de sons/fonemas que são produzidos pela corrente de ar que passa dos pulmões para nossa boca e/ou nariz e que faz vibrar ou não as nossas pregas vocais, temos então:

1. **Os fonemas orais:** quando a corrente de ar é liberada apenas pela **boca**.
2. **Os fonemas nasais:** quando a corrente de ar é liberada parcialmente pela **boca** e pelas **narinas**.
3. **Os fonemas sonoros:** que são aqueles que promovem a vibração das pregas vocais.
4. **Os fonemas surdos:** são aqueles que não promovem a vibração das pregas vocais.

Agora que você já sabe que as correntes de ar que passam pelas pregas vocais influenciam o surgimento de diferentes tipos de sons, vejamos, mais detalhadamente, a classificação dos fonemas. Vejamos o quadro a seguir dos sons consonantais da língua portuguesa. Olhem com atenção esses fonemas consonantais, sua representação na escrita, ou seja, as letras e os exemplos dados. Caro acadêmico! Conseguiu perceber que são palavras do nosso cotidiano, portanto, mesmo sendo complexo é algo que faz parte do cotidiano do brasileiro, que utiliza a língua portuguesa brasileira para se comunicar.

FIGURA 37 – SONS CONSONANTAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Fonemas consonantais	Representação na escrita (letras)	Exemplos
/s/	c ç s sc sç ss x xc z	<i>cebola, macio</i> <i>paçoca, laço</i> <i>sapo, cansado</i> <i>descer, piscina</i> <i>desço, cresço</i> <i>passeio, assado</i> <i>externo, explicar</i> <b>(dialeto paulista)</b> <i>exceto, excelente</i> <i>rapaz, luz</i>
/z/	s x z	<i>mesada, peso</i> <i>exato, exército</i> <i>azeite, esperteza</i>
/x/	ch x	<i>chuva, achar</i> <i>baixo, xícara</i> <i>externo, explicar</i> <b>(dialeto nordestino)</b>
/j/	g j	<i>gelo, agir</i> <i>jeito, laranja</i>
/g/	g gu	<i>pagamento, gola</i> <i>sangue, enguiçar</i>
/k/	c qu	<i>comer, calar</i> <i>queijo, máquina</i>
/r/	r	<i>paraíso, lírio</i>
/R/	r rr	<i>rosa, real</i> <i>carro, arrumar</i>

FONTE: Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/portugues/fonemas>>. Acesso em: 12 maio 2018.

Dentro do sistema vocálico temos ainda as vogais e as semivogais:

Vamos começar falando das vogais, sendo elas consideradas a base das sílabas que formam as palavras. São elas: A, E, I, O, U, porém de acordo com Silva (1999, p. 174), “As vogais do português devem ser analisadas em relação ao sistema acentual”.

Na língua portuguesa brasileira temos sete vogais orais, mais as nasais, sendo elas: /i/ /e/ /ɛ/ /i/ /o/ /o/ /u/. Elas têm sua classificação, sendo classificadas de acordo com a sua intensidade, timbre e articulação. Vejamos cada uma delas:

1. Intensidade: tônicas, semitônicas e átonas.
2. Timbre: abertas ou fechadas.
3. Articulação: pelo modo de pronúncia: oral (passagem pela boca) ou nasal (passagem pela boca e pelo nariz) ou pelo ponto (posicionamento da língua na boca ao pronunciar a vogal): posterior, central ou anterior.

Já as semivogais são os fonemas /i/ /e/ /u/ quando aparecem com outras vogais em uma mesma sílaba. Na Língua Portuguesa, a semivogal /i/ pode ser representada pelas letras 'i' e 'e', e a Semivogal 'u' pode ser representada pelas letras 'u' e 'o'. Em alguns estados brasileiros, a letra 'l' pode ter o som da semivogal 'u', como na palavra 'milharal', que pode ser pronunciada como [milharaw].

Com relação às consoantes, na Língua Portuguesa, temos 19 consoantes: B, C, D, F, G, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Z. Porém, a letra 'H' não é considerada consoante porque não possui som ou ruído e, dessa forma, é considerada como uma letra diacrítica.

Temos ainda a prosódia, que é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas. A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba predominante, chamada tônica.



Mais à frente, na Unidade 3, veremos a consciência fonológica: leitura e escrita. Desta forma, nós estudaremos mais propriedades da fonologia, em relação à leitura e escrita.

## 4 ESTRUTURA SILÁBICA

As estruturas silábicas são importantes e, como dito anteriormente, existem vários estudos dentro da linguística sobre a fonologia e especificamente sobre as estruturas silábicas, principalmente, por pesquisadores que estudam a aprendizagem de outros idiomas por parte dos sujeitos brasileiros que falam o português brasileiro. Foneticamente, o termo sílaba é frequentemente usado com referência a uma sequência de sons falados que tem um ponto culminante entre dois mínimos. O ápice silábico pode ser o elemento mais sonoro, o de maior intensidade, o de maior abertura, o de maior tensão muscular etc.



**SÍLABAS:** são constituídas de vogais que representamos por "V" e consoantes que representamos por "C". A estrutura silábica máxima é representada desta forma: CCVCC – ex.: (Trens). A vogal é sempre obrigatória e as consoantes podem ser opcionais. A vogal é o núcleo da sílaba e as consoantes ocupam as partes periféricas. O núcleo ou pico da sílaba pode receber o acento primário (tônico) ou secundário (átone). Geralmente, os núcleos das sílabas são preenchidos por segmentos vocálicos.

A análise das combinações de fonemas em sílabas nos permite algumas conclusões: a vogal é a base da sílaba e em torno dela gravitam semivogais e consoantes, além disso, as semivogais se ligam diretamente a uma vogal, antes ou depois desta, e a consoante pode ocorrer adjacente a outra consoante, mas não há sílabas com três consoantes seguidas e a consoante se liga a outra consoante, a uma semivogal ou à vogal.

É preciso entender que a sílaba é um conjunto de fonemas que tem, na maior parte das vezes, um vocoide como núcleo. As sílabas que terminam em vogal são chamadas de sílabas livres ou abertas e as que terminam em consoante, de travadas ou fechadas. As sílabas abertas predominam nas línguas do mundo e entre elas parece preponderar o tipo CV (consoante + vogal).

Segue uma imagem falando sobre as sílabas canônicas e não canônicas:

FIGURA 38 – SÍLABAS CANÔNICAS E NÃO CANÔNICAS

**Sílabas canônicas**  
Compostas de consoante + vogal. Por exemplo:  
ca-ua-lo, pe-te-ca, ja-ne-la.

**Sílabas não canônicas**  
São as que fogem do modelo consoante + vogal, com a presença de dígrafos e grupos consonantais. Por exemplo: vogal (**amarelo**); vogal + consoante (**anjo**); consoante + consoante + vogal (**galinha**); consoante + vogal + consoante (**banco**); consoante + consoante + vogal + consoante (**trancado**); consoante + vogal + semi vogal (**cadeira**).

FONTE: Disponível em: <<http://info.plataformadoletramento.org.br/info1-praticas-de-leitura-3/fluencia.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.



Na Unidade 3, iremos estudar um pouco mais sobre as questões relacionadas à consciência fonológica: estudos e conceitos e consciência fonológica: leitura e escrita.

Nesta Unidade 1, vimos de forma ampla, porém não completa, o tema Princípios gerais da fonética e da fonologia. Como disse no decorrer desta unidade, esse tema é amplo e complexo, valendo a pena se debruçar para estudar mais profundamente sobre o assunto. Pois, realizamos apenas um apanhado geral da temática, para nos debruçarmos no estudo da LIBRAS, em relação à fonética e à fonologia.

# RESUMO DO TÓPICO 3

No Tópico 3, estudamos fonologia, um dos ramos da linguística, que estuda os sons da nossa língua, estudamos também:

- Os fonemas, que são a menor unidade sonora de uma língua.
- Os fonemas são classificados em vogais, semivogais e consoantes.
- Conceitos básicos da fonêmica: fone, fonema, alofone e par suspeito.
- Sons foneticamente semelhantes, como o P e o B.
- Temos os fonemas orais, nasais, sonoros e os surdos.
- Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas. A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba predominante, chamada tônica.
- Sílabas são constituídas de vogais que representamos por “V” e consoantes que representamos por “C”. A estrutura silábica máxima é representada desta forma: CCVCC – ex.: (Trens). A vogal é sempre obrigatória e as consoantes podem ser opcionais. A vogal é o núcleo da sílaba e as consoantes ocupam as partes periféricas. O núcleo ou pico da sílaba pode receber o acento primário (tônico) ou secundário (átono). Geralmente, os núcleos das sílabas são preenchidos por segmentos vocálicos.
- Apesar de ser algo natural, para falarmos e estabelecermos uma linguagem, nosso corpo faz e executa uma série de procedimentos.
- Temos diversas partes do corpo que tratam e trabalham para o desenvolvimento da linguagem como um todo.
- Dentro da linguística temos vários ramos e um deles é a fonética e a fonologia, sendo esses ramos da linguística importantíssimos para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, como veremos no decorrer das unidades 2 e 3.

## AUTOATIVIDADE



1 As palavras “bilíngue”, “derradeiro” e “complexo” apresentam, respectivamente:

- a) ( ) Sete, oito e oito fonemas.
- b) ( ) Sete, nove e sete fonemas.
- c) ( ) Oito, oito e oito fonemas.
- d) ( ) Sete, nove e oito fonemas.
- e) ( ) Oito, oito e sete fonemas.



2 Defina o que são sílabas.



3 As vogais podem ser opcionais? Justifique sua resposta.



4 Quais são os conceitos básicos da fonêmica?



5 Na Unidade 1, entendemos um pouco sobre linguagem, fonética e sobre a fonologia, você estudou e aprendeu que apesar de ser algo natural, para falarmos e estabelecermos uma linguagem, nosso corpo faz e executa uma série de procedimentos. Descreva qual é a importância da linguagem e de nos dedicarmos ao estudo dela.



# RELAÇÃO ENTRE A FONÉTICA E FONOLOGIA DAS LÍNGUAS ORAIS E LÍNGUA DE SINAIS

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- conceituar e diferenciar a relação entre fonética e fonologia das línguas orais e da Libras;
- entender a variação linguística da Libras e das línguas orais;
- compreender a organização fonológica das Libras;
- conhecer o estatuto linguístico das línguas de sinais, em especial da Libras.

## PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos, em cada um deles você encontrará atividades visando à compreensão dos conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

TÓPICO 2 – LÍNGUAS EM MUDANÇA: VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

TÓPICO 3 – ORGANIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS





## ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

### 1 INTRODUÇÃO

Olá, continuando nossos estudos de fonética e fonologia, nesta segunda unidade nós iremos estudar a relação entre a fonética e fonologia das línguas orais e língua de sinais. Assim, vamos estudar o estatuto linguístico das línguas de sinais.

Acadêmico, apesar dos avanços nas pesquisas linguísticas que consolidam o estatuto das línguas de sinais como línguas naturais, ainda existem inúmeros equívocos quanto a esse assunto. Assim, é necessário esclarecer alguns aspectos das línguas de sinais, em especial, a Libras, revisando alguns conceitos com a finalidade de esclarecer, desmistificando algumas ideias relacionadas à Libras.

Iremos retornar a alguns conceitos já estudados na primeira unidade, sobre linguagem e língua. Vamos nos aprofundar nos temas: linguagem natural e língua natural, procurando esclarecer alguns conceitos e mitos que ainda persistem quanto ao estatuto e ao status das línguas de sinais, bem como, estudaremos alguns aspectos gerais relacionados às línguas orais e às línguas de sinais.

### 2 DISCUSSÕES SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS

Começamos este tópico lançando mão a uma questão levantada no livro de Gesser (2009), sobre as Libras, que traz como título *LIBRAS? Que língua é essa?* Você com certeza já sabe a resposta a essa pergunta, até porque está cursando um curso superior de Letras Libras, mas infelizmente ainda não são comuns a todos as discussões em torno da Libras, e ainda existem dúvidas e mitos que circundam a Libras como um todo.

As primeiras leis referentes à Libras foram a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Em 22 de dezembro de 2005 foi criado o Decreto nº 5.626, para dar validade às leis já existentes e acrescentar outros pontos importantes que são extremamente favoráveis ao desenvolvimento da Libras no campo social e acadêmico.



Você pode encontrar o Decreto nº 5.626, a Lei nº 10.436 e o art. 18 da Lei nº 10.098 no site: <[http://w.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://w.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>.

A Lei nº 10.436 nos leva à ideia de que o surdo precisa ser incluído na educação. Ela reconhece a Libras como meio oficial de comunicação em seu artigo primeiro:

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único: “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, s.p.).

Gesser (2009, p. 9), na introdução do seu livro, nos traz uma reflexão interessante sobre a Libras, quando pergunta:

Ainda é preciso afirmar que Libras é língua? Essa pergunta me faz pensar: na década de 1960, foi conferido à língua de sinais o status linguístico, e, ainda hoje, mais de 40 anos passados, continuamos a afirmar e reafirmar essa legitimidade. A sensação é mesmo a de um discurso repetitivo. Entretanto, para a grande maioria, trata-se de uma questão alheia, e pode aparecer como uma novidade que causa certo impacto e surpresa: *não adianta, é sempre a mesma coisa. Quando estamos em um evento que fala para quem está de fora do meio da surdez, tudo é novidade mesmo! As pessoas ficam espantadas quando tomam conhecimento, e para quem está dentro da área do discurso é sempre a mesma coisa, fica esta coisa batida, e ficamos nos repetindo...*

Esse comentário põe em palavras minha própria surpresa. Uma surpresa “de dentro”, que reclama também agora essa mesma repetição. O que vemos é que o discurso aparentemente “gasto” faz-se necessário, precisando ser repetido inúmeras vezes para que a construção social dessa língua minoritária ocorra, ou seja, para chegarmos à legitimação e ao reconhecimento, por parte da sociedade como um todo, de que a língua de sinais É uma língua.

Portanto, ainda se faz necessário pesquisarmos e estudarmos sobre a Libras, pois assim como estudamos outros temas importantes e nos debruçamos várias vezes sobre eles, se faz necessário também estudar sobre o estatuto linguístico da Libras.

Temos vários autores que se debruçam a estudar e pesquisar sobre a Libras, desmistificando alguns mitos e verdades sobre essa língua. Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) organizaram uma lista de mitos, apresentados a seguir:

QUADRO 1 – MITOS E VERDADES

MITOS	VERDADES
1 – A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.	Tal concepção está atrelada à ideia filosófica de que o mundo das ideias é abstrato e que o mundo dos gestos é concreto. O equívoco desta concepção é entender sinais como gestos. Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais-auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto as palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais, tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem expressar quaisquer ideias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas.
2 – Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.	Esta ideia está relacionada com o mito anterior. Se as línguas de sinais são consideradas gestuais, então elas são universais. Isto é uma falácia, pois as várias línguas de sinais que já foram estudadas são diferentes umas das outras. Assim como as línguas faladas, temos línguas de sinais que pertencem a troncos diferentes. Temos pelo menos dois troncos identificados, as línguas de origem francesa e as línguas de origem inglesa. Provavelmente, nossa língua de sinais pertence ao tronco das línguas de sinais que se originaram na língua de sinais francesa.

<p>3 – Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.</p>	<p>Como as línguas de sinais são consideradas gestuais, elas não poderiam apresentar a mesma complexidade das línguas faladas. Isso também não é verdadeiro, pois em primeiro lugar, as línguas de sinais são línguas de fato. Em segundo lugar, as línguas de sinais independem das línguas faladas. Um exemplo que evidencia isso claramente é que a língua de sinais portuguesa é de origem inglesa e a língua de sinais brasileira é de origem francesa, mesmo sendo o português a língua falada nos respectivos países, ou seja, Portugal e Brasil. Como estas línguas de sinais pertencem a troncos diferentes, elas são muito diferentes uma da outra. É claro que não podemos negar o fato de ambas as línguas estarem em contato, principalmente entre os surdos letrados. O que se observa diante deste contato é que, assim como observado entre línguas faladas em contato, existem alguns empréstimos linguísticos. Além disso, as línguas de sinais não têm relação com as línguas faladas do seu país. Elas são autônomas e apresentam o mesmo estatuto linguístico identificado nas línguas faladas, ou seja, dispõem dos mesmos níveis linguísticos de análise e são tão complexas quanto as línguas faladas.</p>
<p>4 – A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.</p>	<p>Como as línguas de sinais são tão complexas quanto as línguas faladas, esta afirmação não procede. Nós já vimos que as línguas de sinais podem ser utilizadas para as inúmeras funções identificadas na produção das línguas humanas. Você pode usar a língua de sinais para produzir um poema, uma estória, um conto, uma informação, um argumento. Você pode persuadir, criticar, aconselhar, entre tantas outras possibilidades que se apresentam ao se dispor de uma língua. Assim, a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra língua, mas sim, tão linguisticamente reconhecida quanto qualquer outra língua.</p>

<p>5 – As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.</p>	<p>A ideia de que a língua de sinais seja gestual também reaparece neste mito. As pessoas pensam que as línguas de sinais são de fácil aquisição por estarem diretamente relacionadas com o sistema gestual utilizado por todas as pessoas que falam uma língua. Como isso não é verdade, as línguas de sinais são tão difíceis de serem adquiridas quanto quaisquer outras línguas. Precisamos de anos de dedicação para aprender uma língua de sinais, mas com base neste mito, as pessoas pensam que sabem a língua de sinais por usarem alguns gestos e alguns sinais que aprendem nas aulas de língua de sinais. A comunicação gestual usada exclusivamente é extremamente limitada, pois torna inviável a comunicação relacionada com questões mais abstratas. Assim, você vai precisar da língua de sinais para poder comunicar estas ideias. É verdade que você pode comunicar algumas coisas utilizando apenas gestos, assim como você faz quando chega a um país em que é falada uma língua desconhecida por você. Mas, também é verdade que você estará limitado à identificação direta entre o gesto e sua intenção, sem poder entrar em níveis de detalhamento necessário para discorrer sobre um determinado assunto. Para discorrer sobre um determinado assunto qualquer, você vai precisar de uma língua. No caso da comunicação com surdos, você vai precisar da língua de sinais.</p>
<p>6 – As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.</p>	<p>As pesquisas com surdos apresentando lesões em um dos hemisférios apresentam evidências de que as línguas de sinais são processadas linguisticamente no hemisfério esquerdo da mesma forma que as línguas faladas. Existe sim uma diferença que está relacionada com informações espaciais, pois estas, além de serem processadas no hemisfério esquerdo com suas informações linguísticas, são também processadas no hemisfério direito quanto às suas informações de ordem puramente espacial. Assim, parece haver um processamento até mais complexo do que o observado em pessoas que usam línguas faladas. As investigações concluem que a língua de sinais é um sistema, que faz parte da linguagem humana, processado no hemisfério esquerdo e no hemisfério direito.</p>

Desta forma, como Quadros e Karnopp (2004, p. 37), concluímos que esta análise dos mitos e verdades nos mostra que as línguas de sinais, “[...] sob o ponto de vista linguístico, são completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise”. Portanto, o estatuto linguístico das línguas de sinais, da Libras, por exemplo, é real e amplo como qualquer outra língua.

Stokoe (1960) apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana revolucionando a linguística na época, sendo ele o primeiro autor a estudar os estudos linguísticos das línguas de sinais. Até então, todos os estudos linguísticos concentravam-se nas análises de línguas orais. Ele, como linguista, estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais, assim, as línguas de sinais passaram a serem vistas como línguas de fato. Ele apresentou uma análise no nível morfológico e também fonológico das línguas de sinais.

Com o tempo, os próprios surdos começaram a participar como pesquisadores, estudando as línguas de sinais. Atualmente temos várias pesquisas sobre a língua de sinais, entre elas, a de Carvalho (2016), que traz em sua pesquisa que “*Não basta ser surdo para ser professor*”, necessitando assim, de um preparo e de uma formação docente básica, formação em cursos de nível superior na área docente e formação continuada que é requerida por todos profissionais da educação e inclusive pelos docentes que são surdos, que atuam nas salas de aula como professores e professoras. Temos ainda a pesquisa de Penha (2017), que irá tratar com base na concepção de Carvalho (2015), onde essa pesquisadora realizou uma formação continuada para docentes surdos, tendo como base a reflexão filosófica, pesquisa essa intitulada *Surdo que é professor: formação por meio da filosofia e da constituição de um espaço pedagógico*. Além desses, temos ainda outras pesquisas nessa área, que foram apresentadas na dissertação de Penha (2017, p. 24-29), conforme podemos ver na citação a seguir:

A questão da formação docente do surdo é recorrente nas pesquisas de mestrado e doutorado nas mais diversas linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em Educação no Brasil. Para tanto, fizemos um recorte cronológico de 10 anos, de 2006 a 2016, olhando pesquisas que foram realizadas nesse período, principalmente por surdos acadêmicos.

Em 2006, temos o trabalho da pesquisadora e surda Flaviane Reis, em sua dissertação de Mestrado sob o título – PROFESSOR SURDO: A POLÍTICA E A POÉTICA DA TRANSGRESSÃO PEDAGÓGICA, apresentado ao curso de Pós-Graduação em Educação na linha de Educação e Processos inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis-SC), ela parte de uma perspectiva de Estudos Culturais se aproximando dos Estudos Surdos (SKLIAR, 1999) com a intenção de contribuir para a melhoria da representação deste professor.

Sua proposta está voltada para a prática pedagógica, tendo em vista o processo de transgressão, em que o professor surdo é concebido em suas possibilidades de mostrar a realidade de sua transgressão pelo espaço

educacional surdo. Tendo pretensão de apresentar um entendimento para o conceito de cultura, a possível vinculação da história ao longo do processo de transgressão pedagógica, que estava iniciando no decorrer de sua pesquisa e, por fim, nos conceitos de pedagogia da diferença, de ser surdo, o espaço educacional surdo, tendo em vista um afastamento.

Já na pesquisa de dissertação de mestrado *A PRIORIDADE DOS DOCENTES SURDOS PARA ENSINAR A DISCIPLINA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR APÓS O DECRETO 5.626/2005*, da Universidade Federal de Bahia (Salvador-BA), de Larissa Rebouças (2009), outra surda que é pesquisadora, a autora expôs que muitos professores ouvintes passaram a ensinar a Libras após o Decreto 5.626/2005.

Para ela, isso ocorre pelo fato de que muitas pessoas surdas não concluíram o Ensino Superior, além disso, ela cita a prioridade das pessoas surdas diante do decreto, para o ensino de Libras, inclusive em universidades, mesmo aquelas que só têm escolaridade em nível médio e curso básico de instrutores de Libras sendo o SURDO o único sujeito que tem condições de assumir a docência dessa língua, por ser nativo dela. Desta maneira, questionamos e ressaltamos a importância da formação docente para o surdo, assim como para qualquer outro.

Outro estudo que abordou a questão da formação dos instrutores de Libras foi a dissertação de mestrado de Teresa Cristina Hitomi Kikuchi Bueres (2010), sob o título — *UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DOS INSTRUTORES DE LIBRAS EM PALMAS – TOCANTINS*, da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa, PB). Bueres (2010) desenvolveu essa pesquisa com o propósito de desvendar as dificuldades que levavam os instrutores surdos de Palmas-Tocantins a terem baixo rendimento no Exame Nacional de Proficiência em Libras (PROLIBRAS). Desta forma, ela investigou a formação linguística dos educadores surdos para o ensino da Língua Brasileira de Sinais, na condição de L1, em Palmas-Tocantins.

Através da análise dos dados levantou-se a hipótese de que os surdos do Tocantins falavam uma variante linguística da Libras - uma variante próxima ao português sinalizado, com isso houve a descoberta da existência de um isolamento linguístico da comunidade surda do Tocantins, ocasionando uma barreira de dificuldades na interpretação dos sinais mostrados durante o exame do PROLIBRAS.

Para ela, isso revela a necessidade da formação em nível superior, ou seja, da graduação em Letras/Libras para os instrutores surdos. De modo que isso é fundamental para ultrapassar a visão do senso comum e desenvolver saberes aplicados ao ensino de Libras em Palmas-TO. Assim, temos mais uma pesquisa que ressalta a importância da formação docente não só para o surdo, mas como para qualquer outro professor.

No artigo publicado na Revista Brasileira de Educação Especial de Marília intitulado **FORMAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR SURDO: REFLEXÕES A PARTIR DO DECRETO 5.626/2005**, de Faria (2011), pesquisadora que é ouvinte, apresenta como ponto de discussão reflexões sobre o instrutor de Libras e o professor de Libras dentro da escola de Educação Básica.

Nele, o objetivo da autora foi refletir sobre o significado da denominação de instrutor dada ao profissional surdo e compreender de que maneira essa denominação está expressa no Decreto 5.626/2005. A partir de suas reflexões, concluiu que o instrutor de Libras caracterizado no decreto é um profissional que não possui formação pedagógica, ou seja, não precisa ter formação superior, porém, é citado de forma alternativa ao papel desempenhado pelo professor de Libras dentro da escola de Educação Básica.

Também verifica que Instrutor de Libras tem sido a denominação dada ao profissional surdo, mesmo quando ele exerce atividade peculiar à docência e possui formação em licenciatura para exercer a docência. Evocando que a busca por uma educação que considere a cultura, identidade e processo de aprendizagem do surdo será alcançada mediante a primazia de profissionalização, reconhecimento e valorização dos próprios profissionais surdos dentro das escolas de Educação Básica, sendo que os surdos, que são professores, serão reconhecidos enquanto docentes e não apenas como instrutores.

Para Faria (2011), essa valorização passa pelo reconhecimento do profissional surdo que ensina Libras como um professor de Libras, sendo um profissional que participa dos debates e tomadas de decisão, e se envolve no processo educativo de seus pares no espaço escolar.

Outra autora que aborda a formação dos professores surdos é Paula Xavier Scremin (2012), em **A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES SURDOS: VERDADES PRODUZIDAS NA REVISTA ESPAÇO**, do programa de Pós-Graduação em Educação, da linha de pesquisa Identidade e Diferença na Educação, da Universidade Federal da Santa Cruz do Sul – UNISC (Santa Cruz do Sul-RS).

Nessa pesquisa, ela propôs problematizar as verdades sobre a formação de professor surdo produzidas nos textos publicados na Revista Espaço, periódico oficial e de maior circulação produzida no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES-RJ). Uma de suas propostas de pesquisa foi a formação de professores, onde ela situa seu trabalho no campo teórico dos estudos surdos e analisa as noções de verdades e de diferença, a partir da perspectiva foucaultiana. Essas noções são utilizadas para pensar as questões educacionais dos surdos na atualidade. A figura do professor surdo aparece situada na História da Educação dos Surdos e na atualidade após o Decreto 5.626/2005, sendo que sua pesquisa foi realizada a partir de um recorte temporal do ano de 2005 a 2009, da revista Espaço.

Podemos ainda citar o trabalho de Bianca Gonçalves da Silva (2012) — MEMÓRIA E NARRATIVAS SURDAS: O QUE SINALIZAM AS PROFESSORAS SOBRE SUA FORMAÇÃO? Universidade Federal de Pelotas (Pelotas-RS). A pesquisadora aborda temas como a constituição da identidade docente e os aspectos da formação, analisados a partir das narrativas, abordando as histórias de formação e os processos formadores vivenciados ao longo de suas vidas que proporcionam a construção de uma identidade docente. Silva (2012) ressalta em sua pesquisa que, na medida em que se produz a cultura, também se produz a identidade.

No ano de 2012, temos a pesquisa de Eleny Gianini (2012), pesquisadora ouvinte, em sua tese de doutorado sob o título PROFESSORES SURDOS DE LIBRAS: A CENTRALIDADE DE AMBIENTES BILÍNGUES EM SUA FORMAÇÃO, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal-RN).

Gianini (2012) aborda a história da educação de surdos nos últimos 30 anos, em três escolas para surdos, sendo elas: Escola de audiocomunicação de Campina Grande (EDAC), Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo (EMSGB) e a Escola Municipal de Surdos de Aroeiras (EMSA), situadas nos municípios de Campina Grande, Gado Bravo e Aroeiras, na Paraíba, sendo que a presente pesquisa relata histórias de vida de seis docentes surdos de Libras, que se formaram e atuam nessas instituições de ensino para surdos.

A dessa pesquisadora defende a importância dos ambientes bilíngues para a constituição da pessoa surda como cidadão de plenos direitos, com base na voz dos surdos, silenciados pela história da educação, sendo conduzida por ouvintes; esta pesquisa nos faz refletir sobre a importância do surdo que é professor desenvolver o cuidado de si pelo viés filosófico, passando a exercer a experiência de si e as tecnologias do eu, na docência.

Para falarmos de docência, objeto de nossa pesquisa, destacamos o trabalho de Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado (2012), sob o título (PER) CURSOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SURDOS CAPIXABAS: CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, produzida no PPGE da Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória-ES).

Apesar de não falar diretamente sobre a formação do surdo que é professor, a autora discute a questão da docência, a partir da teoria de Michel Foucault, possibilitando observar diferentes formas de constituição e subjetivação dos professores de surdos (ouvintes). A pesquisadora teve como objetivo geral compreender o tornar-se professores de surdos, com os saberes de experiência constituídos juntamente com os saberes considerados acadêmicos. Vieira-Machado (2012) mostra possibilidades de formações, sem modelos, mas basicamente apontando princípios que optem por formar professores por meio de redes de conversação, sendo esses também os sujeitos que irão refletir a importância da educação bilíngue.

Na pesquisa de Sandra de Oliveira (2015), sua tese de doutorado sob o título: **TORNAR-SE PROFESSOR/A: MATRIZ DE EXPERIÊNCIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo-RS).

Apresenta a análise dos processos envolvidos na constituição da docência, ou dos modos de ser docente, sendo essa, ou seja, a questão da docência, um dos temas abordados em nosso trabalho de pesquisa de mestrado.

Na articulação entre os Estudos Foucaultianos e os Estudos sobre a Docência, buscou compreender os processos de subjetivação implicados na experiência de tornar-se professor(a), considerando a inclusão de práticas de iniciação à docência na formação inicial, concluindo que a subjetividade docente é produzida por uma matriz de experiência colocada em operação nas práticas que dão início ao se constituir professor.

E, para finalizarmos, citamos a mais recente pesquisa realizada sobre essa temática da docência do Surdo que é Professor que mais se aproxima de nossa proposta de trabalho, principalmente pelo fato de ser parte da produção do grupo de pesquisa no qual sou participante, o GIPLES/UFES (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos), a pesquisa de Daniel Junqueira Carvalho (2016), sob o título **NÃO BASTA SER SURDO PARA SER PROFESSOR: AS PRÁTICAS QUE CONSTITUEM O SER PROFESSOR SURDO NO ESPAÇO DA INCLUSÃO**, da Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória-ES), onde o mesmo discute a importância da formação docente e em que constitui esse ser professor. O pesquisador defende a tese de que “não basta ser surdo para ser professor”.

Para o pesquisador, o Ser surdo não pode ser a única condição para que o sujeito possa trazer para si o ensino de Libras como sendo o único capaz de ensinar essa língua.

A ideia que Carvalho (2016) traz é propor que a palavra “Surdo” não adjective o professor, mas sim, que “Surdo” seja substantivo e que a docência seja uma prática dentre outras possíveis. Para ele, apesar desta condição facilitar a inserção do surdo neste mercado de trabalho, ou seja, da docência, o mesmo não pode deixar de se qualificar como docente.

Concluimos dessa forma a revisão de literatura apresentando que o importante é assumirmos outra linguagem para pensar a docência do sujeito surdo. Diante disso, nossa proposta de pesquisa, como dito anteriormente, foi criar um projeto de formação docente pelo viés filosófico, a partir de rodas de conversas em Libras, uma vez que essas pesquisas apontam para a falta dela.

Essas pesquisas diante da investigação da formação de professores reivindicam, de certa forma, a formação docente tendo como base a necessidade de uma formação continuada de qualidade, mostrando assim a necessidade e conseqüentemente o interesse de diversas faculdades, e principalmente a UNIASSELVI, de investir em cursos destinados à pesquisa e formação qualificada de profissionais dessa área.

Todavia, mesmo com a diversidade de pesquisas na área de Libras, ainda é comum encontrar dúvidas no meio acadêmico sobre a temática, havendo mitos em relação à língua de sinais, e isso não ocorre apenas no imaginário popular, mas também no meio acadêmico, nas faculdades e universidades. Uma pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Goiás, publicada em 2009, na revista da Editora Arara Azul, intitulada MITOS DA LÍNGUA DE SINAIS NA PERSPECTIVA DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, dos autores: Neuma CHAVEIRO, Claudney Maria de Oliveira e SILVA, Ana Paula Massi de Oliveira e SILVA, Flávia Pereira da SILVA, Maxwell Souza da Silva MATOS e Polyana Rodrigues BORGES. Eles nos apresentam os mitos sobre a Língua de Sinais na concepção de professores da Universidade Federal de Goiás. Eles realizaram uma pesquisa descritivo-analítica, com abordagem qualitativa, a amostra constou de dez professores da Universidade Federal de Goiás. Para a coleta de dados eles utilizaram um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas. Constatando nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa que existem muitos mitos em relação à Língua de Sinais, pois a maioria não reconhece a Língua de Sinais como um sistema lingüístico, desconhecendo a identidade e a cultura surda. Para esses pesquisadores, é imprescindível que haja a desmistificação dos mitos relacionados à Língua de Sinais, havendo assim a necessidade de formação e divulgação, especialmente para a comunidade acadêmica. Trazemos a seguir recortes dessa pesquisa como leitura complementar.

**LEITURA COMPLEMENTAR****MITOS DA LÍNGUA DE SINAIS NA PERSPECTIVA  
DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

[...] É imprescindível que haja a desmistificação dos mitos relacionados à Língua de Sinais, portanto, há necessidade de formação e divulgação, especialmente para a comunidade acadêmica, representada neste trabalho pelos professores.

[...] A Língua de Sinais faz parte da cultura surda e, assim como qualquer outra, é carregada de significação social. Sabe-se que para conhecermos um povo e sua cultura é necessário conhecermos sua forma de comunicação, no caso a língua. Esta, ao mesmo tempo em que permite a troca de informações e ideias, veicula discursos, expressa subjetividades e também identidades. O mesmo ocorre com o uso de sinais pelos surdos. A Língua de Sinais, portanto, ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação e se constitui na expressão da identidade de uma comunidade (SKLIAR, 1998; PERLIN, 1998). As Línguas de Sinais igualam-se às Línguas Oraís por exercerem as mesmas funções linguísticas na vida de seus usuários. Trata-se de uma língua independente dos demais sistemas linguísticos. Ela é considerada, assim, uma Língua Natural desenvolvida pela comunidade surda, possibilitando o acesso dessas pessoas a todas as atividades sociais (GOLDFELD, 1997).

Diante disso, essa pesquisa tem, primeiramente, o objetivo de esclarecer o que de fato são as Línguas de Sinais. Em segundo lugar, pretende-se fazer um levantamento dos mitos que povoam o imaginário coletivo acerca da comunidade surda, bem como do uso que esta faz das Línguas de Sinais. Em seguida, pretende-se verificar a concepção de professores da Universidade Federal de Goiás (UFG) a esse respeito, utilizando-se, para isso, de entrevistas gravadas em áudio, as quais serão transcritas e analisadas de forma crítica e reflexiva à luz de textos teóricos [...].

As Línguas de Sinais são as Línguas Naturais das comunidades surdas. [...]. Elas constituem um sistema linguístico complexo e muito bem estruturado como as línguas faladas. As Línguas de Sinais são reconhecidas pela Linguística como uma língua viva e autônoma composta por aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos próprios. Por meio dessa língua, seus usuários podem expressar pensamentos simples e também complexos. Nesse processo, eles utilizam a expressão facial e corporal para fazer afirmações, negações, questionamentos, enfatizar, omitir, salientar, demonstrar desconfiança etc. [...].

Enquanto nas Línguas Oraís a modalidade é oral-auditiva, nas Línguas de Sinais a modalidade é espaço-visual. Sendo assim, o que é reconhecido por palavra ou item lexical nas Línguas oral-auditivas denomina-se sinal nas Línguas espaço-visuais (SACKS, 1998) [...]. Portanto, a Língua de Sinais se organiza no cérebro do mesmo modo que a Língua Falada. Além disso, ela não é simplesmente um conjunto de mímicas e gestos soltos utilizados pelos surdos para facilitar a

comunicação. As Línguas de Sinais têm suas próprias estruturas gramaticais. Sendo assim, elas são tão importantes e tão complexas quanto as Línguas da modalidade oral [...]. A população deste estudo foi constituída por dez docentes da UFG, sendo cinco da Faculdade de Letras e os demais de outras unidades, que nesse caso foram Informática, História, Biblioteconomia, Matemática e Geografia [...]. Com o objetivo de verificar a concepção dos professores da UFG sobre a Língua de Sinais, procedeu-se a análise das entrevistas. As respostas dos sujeitos da pesquisa foram categorizadas tanto conforme ao mito a que se referem como às concepções de Línguas de Sinais. Para preservar a identidade dos participantes, foi utilizada a letra inicial da palavra “Sujeito” (S), seguida dos números das entrevistas para identificação dos relatos (S1, S2, S3...). Inicia-se, assim, a análise com o seguinte quadro:

<p><b>Mito 1: A Língua de Sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.</b></p> <p><b>Mito 2: Haveria uma única e universal Língua de Sinais usada por todas as pessoas surdas.</b></p> <p><b>Mito 4: A Língua de Sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.</b></p>		
Sujeitos	5. A Língua de Sinais é uma língua mais concreta?	6. A Língua de Sinais é universal?
S1	Não, porque nela também há representações, assim como nas outras línguas.	Não, porque os gestos também são representações. Sendo assim, em cada lugar eles são interpretados de maneiras diferentes, um gesto que tem uma idéia positiva no Brasil pode representar uma idéia negativa em outro país.
S2	Sim, pois a materialidade dos signos e suas referências é mais explícita, mais forte que o código linguístico oral.	Não. Cada grupo de surdos faz sua língua de sinais.
S3	É tão concreta ou abstrata como qualquer outra.	Não. Cada país tem uma língua específica.
S4	Não conheço a Língua de Sinais.	Não. Há Línguas de Sinais em outros países.
S5	Ela é concreta e abstrata como qualquer outro sistema de símbolos e signos.	Acho que universalizante, não sei se é universal.
S6	Sim. Pelo que entendo de concreta, é uma língua que existe e que podemos aprender.	Penso que não, pela diferença entre as línguas
S7	Não entendi a pergunta. Prefiro não responder.	Não. Vários países tem a sua própria língua de sinais. No Brasil é a LIBRAS.
S8	Acredito que não. Penso que, como em qualquer outra língua, também é possível abstrair na Língua de Sinais.	Não, acredito que cada cultura tem a sua língua.
S9	Não, acho que ela é mais abstrata porque é formada por símbolos que representam todo um conjunto de significados. Assim, um gesto pode significar todo um contexto.	Sim.
S10	Acho que não, justamente por ser uma comunicação por gestos.	Sim.

Em relação à pergunta 5, percebe-se variações quanto ao entendimento sobre o que vem a ser uma língua concreta. Os sujeitos S1, S3, S5 e S8 compartilham do entendimento de que a Língua de Sinais é tão concreta e abstrata como todas as demais línguas no mundo. O sujeito S2 compreende língua “concreta” como uma língua mais explícita, no sentido de visibilidade. Nesse sentido, ele acredita que a Língua de Sinais é sim mais concreta que as demais línguas. Já o sujeito S6 entende que uma língua é concreta a partir do momento em que existe e que podemos aprendê-la. Sendo assim, ele concorda que a Língua de Sinais seja concreta, embora não tenha se manifestado quanto à comparação desta com as demais. Em relação ao sujeito S9, sua resposta revela a concepção de que não há unidades lexicais na Língua de Sinais, apenas representações gerais, envolvendo contextos e diferentes significados ao mesmo tempo. Por conseguinte, ele acredita que a Língua de Sinais não é uma língua concreta. Nessa mesma linha de raciocínio, o sujeito S10 acredita que gestos, conforme sua definição de Língua de Sinais, não caracterizam uma língua como concreta, mas como abstrata. Já em relação à pergunta 6, percebe-se que a maioria dos participantes se mostra consciente de que a Língua de Sinais não é única nem universal, variando conforme a nacionalidade e a cultura de seus usuários.

O discurso veiculado pelo mito 1 é de que os sinais não são símbolos arbitrários como as palavras, sendo apenas uma representação icônica ou pictográfica de seus referentes. Entretanto, as investigações linguísticas concluíram que os sinais expressam, sim, conceitos abstratos, não sendo seu aspecto icônico ou pictográfico o aspecto mais significante de sua estrutura (WILCOX; WILCOX, 2005).

Dessa forma, discussões sobre política, economia, filosofia, religião, entre outras, também podem ser feitas nas Línguas de Sinais, respeitadas as diferentes formas de expressão de conceitos conforme as diferentes culturas. Afinal, “uma Língua de Sinais não é transparentemente inteligível por surdos monolíngues de outra Língua de Sinais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 32), o que se contrapõe à concepção do senso comum de que a Língua de Sinais é universal, conforme o mito 2.

Tome-se como exemplo as diferenças de significado para um mesmo sinal manual tanto na Língua de Sinais brasileira quanto na Americana. O sinal para NÃO na Libras, apesar de ser considerado icônico, significa ONDE na Língua de Sinais Americana. Têm-se, assim, países diferentes com sinais semelhantes expressando conteúdos distintos. Nesse caso, a marca não manual associada ao sinal brasileiro envolve a expressão facial de negação, enquanto a marca não manual associada ao sinal americano envolve a expressão facial de interrogação. Tais sinais, portanto, assumem representações lexicais distintas, variando de acordo com as diferentes culturas, o que resulta em uma Língua de Sinais respectiva para cada país (WILCOX; WILCOX, 2005).

Quanto ao mito 4, o discurso veiculado é de que as Línguas de Sinais são pobres em termos de complexidade e poder de expressão. De acordo com esse mito, o léxico e a gramática nessas línguas não têm a capacidade de expressar proposições abstratas, humor e sutilezas como figuras de linguagem, limitando-se ao concreto. Entretanto:

Pesquisas realizadas mostram que poesia, piadas, trocadilhos, jogos originais, entre outros, são uma parte significativa do saber da cultura surda. Adicionalmente, não há limites práticos para a ordem, tipo ou qualidade de uma conversação em sinais, exceto aqueles impostos pela memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência. Em relação a isso, as Línguas de Sinais não são diferentes das Línguas Orais (HICKOK ET AL., [s. d]).

Na análise do terceiro mito, têm-se os seguintes dados:

<b>Mito 3: Haveria uma falha na organização gramatical da Língua de Sinais, que seria derivada das Línguas de Sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às Línguas Orais.</b>		
<b>Sujeitos</b>	<b>4. A Língua de Sinais é uma mistura de gestos?</b>	<b>7. Existe uma organização gramatical da Língua de Sinais?</b>
S1	Sim. Esta língua é gerada por meio de gestos; cada gesto representa uma palavra ou uma situação.	Não tenho a menor idéia; deve haver.
S2	Sim. A língua torna-se visual. O que se vê: gestos do corpo do sujeito comunicante, mãos em direções variadas, passando por partes do corpo (rosto, braços, tórax) e outros sinais visíveis.	É claro, todo código tem pelo menos dois eixos organizadores, o do paradigma e o do sintagma. Isso leva a uma organização gramatical.
S3	Não. É uma forma organizada de sinais.	Sim. Como todas as Línguas Naturais, a LIBRAS também tem uma organização gramatical.
S4	Acredito que não, mas não sei justificar porque não conheço a Língua de Sinais.	Creio que sim.
S5	Não. Trata-se de um sistema de códigos estruturado e sistemático.	Sim. Inclusive com variações sistemáticas.
S6	Sim. Pelo pouco conhecimento que tenho da Língua de Sinais acho que é uma forma de comunicação por sinais e assim gestos também.	Não saberia justificar, mas acho que deve ter uma organização gramatical.
S7	Não. Não é uma mistura. É uma sequência de gestos feitos com as mãos e às vezes envolvendo outras partes do corpo.	Sim. Existe estruturação e organização gramatical própria, pronomes verbos, etc, que se interligam formando frases.
S8	Não só de gestos mas também de códigos.	Com certeza.
S9	Sim. É o que eu percebo dessa língua.	Não faço idéia.
S10	Sim, é uma forma de comunicação por gestos.	Acho que sim, embora não consiga imaginar como.

Pelas respostas às questões 4 e 7, verifica-se que, apesar de a maioria dos sujeitos ter respondido que a Língua de Sinais é uma mistura de gestos, quase todos acreditam que a língua possui uma estrutura gramatical própria. Tem-se, portanto, que os sujeitos, em sua maioria, entenderam a pergunta 4 como relativa às unidades constitutivas do sinal. Outro dado é de que os sujeitos S6 e S8 diferenciam gestos de sinais, afirmando que a Língua de Sinais é composta tanto por sinais ou códigos quanto por gestos, sendo estes de caráter mais periférico ou paralinguístico em relação à gramática.

O discurso veiculado pelo mito 3 é de que as Línguas de Sinais são dependentes das Línguas Faladas nos países em que são produzidas. Todavia, isso não corresponde à verdade tendo em vista que as Línguas de Sinais também são Línguas Naturais, com léxico e organização interna próprios. Segundo esse mito, as Línguas de Sinais apenas “incluem elementos sublexicais e lexicais de acordo com a estrutura de Línguas Oraís locais, sendo transliterações ou meros sinais traduzidos manualmente para palavras das Línguas Oraís” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 34).

Essa é uma concepção que provavelmente surgiu em função da possibilidade de representar enunciados da Língua Falada por meio de soletração manual das letras, ou seja, pelo alfabeto manual. Entretanto, trata-se de um empréstimo feito pelas Línguas Oraís em relação às Línguas de Sinais, resultando em um código das Línguas Oraís, o qual não é utilizado de forma exclusiva por nenhuma comunidade linguística para comunicação. Os surdos apenas utilizam o alfabeto manual em situações específicas, quando necessário (WILCOX; WILCOX, p. 2005).

Em respeito à organização gramatical das Línguas de Sinais, pesquisas mostram fortes evidências “de que as Línguas de Sinais não são um apanhado de gestos sem princípio organizacional, mas consistem em uma configuração sistêmica de uma nova modalidade de língua” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 34). Além disso, os gestos compõem o sinal, cujas unidades constitutivas são: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressões não manuais (ENM). Assim, os gestos são parte do que é central à gramática das Línguas de Sinais.

Dando sequência à análise dos dados, observa-se o quadro referente ao quinto mito:

<b>Mito 5: As Línguas de Sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.</b>		
<b>Sujeitos</b>	<b>8. A Língua de Sinais deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes?</b>	<b>15. É fácil aprender a Língua de Sinais?</b>
S1	Creio que não, tem de ser algo uniforme, se não as pessoas não se entenderiam.	Sim. Depende de cada pessoa, acho que é como aprender uma língua estrangeira.
S2	Deriva da comunicação espontânea tanto do comunicante quanto do ouvinte. Aos poucos os sinais tornam-se código.	Não é fácil nem difícil, é uma língua que se aprende como todas as outras, num processo de aquisição semelhante ao das línguas orais: apreensão do código, prática e desenvolvimento das habilidades
S3	Não, é uma língua da comunidade surda.	Não, porque é tão complexa como qualquer outra língua.
S4	Creio que sim. Não conheço a Língua de Sinais.	Não conheço a Língua de Sinais.
S5	Talvez, pois as línguas têm sua origem em motivações interacionais concretas.	Não. Nenhuma língua é de fácil aprendizagem, embora todas sejam de fácil aquisição natural.
S6	Não sei responder.	Não. Para mim parece difícil, uma vez que nunca aprendi.
S7	Acredito que sim. Mas não sei realmente como surgiu.	Não tentei. Não sei a dificuldade.
S8	Não, pois é uma língua como as outras, com suas regras e sua estrutura própria.	Depende de quem está aprendendo a língua. Ela me parece tão complexa quanto às outras.
S9	Não faço idéia.	Não, imagino que seja bastante complicado. Na verdade, nenhuma língua é fácil de aprender.
S10	Não, senão todos saberiam a Língua dos Sinais.	Não. Deve ser tão difícil de aprender quanto as outras.

Verifica-se, conforme análise das respostas à questão 8, que apenas quatro sujeitos (S1, S3, S8 e S10) têm uma visão diferente daquela mitificada segundo a qual a Língua de Sinais não apresenta uma estrutura gramatical própria, não sendo reconhecida linguisticamente como uma nova modalidade da faculdade de linguagem. Já a questão 15 do questionário avalia a concepção dos sujeitos quanto à dificuldade de aprendizagem da Língua de Sinais em relação às demais. A maioria considera o aprendizado tão complexo quanto o de uma Língua Oral. Portanto, de acordo com tais sujeitos, aprendê-la envolve o mesmo esforço e dedicação. É interessante a contradição de que a maioria dos entrevistados não vê a Língua de Sinais como uma verdadeira língua, mas, ao mesmo tempo, comparam seu aprendizado com o das demais línguas.

As Línguas de Sinais, assim como as Línguas Oraís, são consideradas Línguas Naturais, enquadrando-se na definição de Chomsky (1957), segundo a qual a Língua Natural, em termos formais, é “um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto

finito de elementos”. Nas Línguas Oraís, esses elementos básicos são as palavras faladas enquanto nas Línguas de Sinais são os sinais manuais. Em ambos os casos, as frases são representáveis por uma sequência dessas unidades.

[...] Há, porém, um ponto em comum entre a Língua de Sinais e a Língua Oral, qual seja: a simultaneidade na realização de categorias linguísticas no que diz respeito à “codificação da atitude do falante em relação ao que está sendo descrito, em particular a distinção entre os tipos frasais – declarativo, interrogativo, exclamativo, imperativo (diretivo/ optativo/ exortativo)” (SALLES et al., 2002).

Nas Línguas de Sinais, a simultaneidade se manifesta pelo uso de marcas não manuais, tais como “expressões fisionômicas e movimentos do pescoço, em sincronia com o movimento manual” (SALLES et al., 2002). Já nas Línguas Oraís, a simultaneidade se manifesta pelo uso da “modulação do contorno melódico (entoação e intensidade) da cadeia linguística, em sincronia com os segmentos fônicos”. Dessa forma, tanto os traços suprasegmentais (contorno melódico e a intensidade) nas Línguas Oraís quanto as expressões faciais e o ritmo nas Línguas de Sinais devem ser analisados, como parte do que é central à gramática de uma língua e não apenas enquanto fator paralinguístico ou periférico (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O sexto mito é o último a ser analisado, e o quadro a seguir mostra os resultados obtidos com as entrevistas:

<b>Mito 6: As Línguas de Sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.</b>	
<b>Sujeitos</b>	<b>9. As Línguas de Sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial?</b>
S1	Não acredito em localização tão exata das regiões cerebrais. Caso essa região seja afetada, outra vizinha poderá assumir suas funções.
S2, S4, S6, S9, S10	Não sei.
S3	Acredito que não, pois as demais línguas são processadas no hemisfério esquerdo.
S5	Sim.
S7	Não no direito, mas no esquerdo. Eu sei que com as outras línguas é assim que funciona.
S8	Acredito que seja no esquerdo, assim como nas outras línguas.

As Línguas de Sinais são processadas no hemisfério cerebral esquerdo da mesma forma que as Línguas Orais. O mito de que as Línguas de Sinais são processadas no hemisfério direito advém de uma suposta dicotomia de que as habilidades verbais se concentram no hemisfério esquerdo, enquanto as habilidades visuoespaciais estão agrupadas no direito. Entretanto, nas últimas décadas as pesquisas vêm mostrando que “a maioria das habilidades cognitivas pode ser dividida em múltiplas etapas de processamento. Em alguns níveis, a atividade cerebral pode ser lateralizada (ocorrer principalmente em um hemisfério), ao passo que em outros a atividade pode ser bilateral (ocorrer em ambos)” (HICKOK et al., [s.d]).

A habilidade para a linguagem oral, por exemplo, tem muitos componentes, como percepção e produção dos sons individuais da fala e das palavras; reconhecimento de adições morfológicas, de construções sintáticas e inflexões melódicas; e capacidade de articulação coerente entre personagens e eventos por muitas sentenças. Todavia, dentre essas habilidades, a produção da linguagem é a mais restrita ao hemisfério esquerdo do cérebro. Isso é um fato que vale não somente para as Línguas Orais, mas também para as Línguas de Sinais. Quanto às habilidades espaciais não linguísticas, estas também podem se dividir em componentes com diferentes padrões de lateralização. Isso significa, portanto, que o processamento de informação visuoespacial não está restrito a uma única região do cérebro. Contudo, fica evidente nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa que essa é uma informação que muitas pessoas desconhecem, pois metade dos entrevistados não soube responder. Apenas S3, S7 e S8 fizeram colocações apropriadas. [...], podemos concluir que a pesquisa Mitos sobre a Língua de Sinais foi uma grande experiência. Além disso, tendo a oportunidade de aprofundar no universo da Língua de Sinais, conseqüentemente desmistificamos alguns conceitos (ou preconceitos) que são compartilhados por indivíduos de diversas áreas da sociedade.

[...] Sendo assim, esperamos que essa pesquisa sirva como alerta para que a sociedade como um todo e a comunidade acadêmica em particular, aqui representada especialmente pelos professores, percebam o quanto é importante a busca pelo esclarecimento dos mitos relacionados à Língua de Sinais. Nós, estudantes, futuros professores e pesquisadores, ao nos desfazermos dos mitos apresentados durante a vivência deste estudo, nos sentimos mais conscientes e confiantes na maneira de lidar com a comunidade surda e no nosso papel de futuros elaboradores e disseminadores de ideias. Estudamos para conduzir ideias, não mitos [...].

FONTE: Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/compar3.php>>. Acesso em: 20 maio 2018.

O texto acima nos faz refletir sobre essa área tão importante, fazendo-nos entender a importância de nos aprofundarmos e buscarmos mais conhecimento em relação à Libras e sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais.



As línguas de sinais são línguas visuoespaciais. Elas se apresentam em uma modalidade diferente das línguas orais, pois utilizam a visão e o espaço, e não canal oral-auditivo, para sua realização. Como tradicionalmente a língua foi associada à fala, várias concepções inadequadas surgiram quanto ao estatuto das línguas de sinais como sistema linguístico, bem como quanto ao entendimento de suas características.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37), conforme vimos no Quadro 1, no início deste Tópico 2, existem algumas concepções equivocadas que precisam ser desmistificadas. Como estamos estudando pesquisas realizadas em diversas áreas, principalmente na linguística e na formação docente em Libras, e com diferentes línguas de sinais, estudos têm desmistificado esses equívocos.

Esses estudos têm mostrado que tais línguas são sistemas linguísticos transmitidos de geração para geração, sem origens nas línguas orais, mas como uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal oral-comunicativo. Porém, assim como qualquer língua, ela surgiu naturalmente, entretanto, como nas línguas orais os usuários das línguas de sinais também vão para as escolas e também precisam aperfeiçoar a língua utilizada por esses, é necessário, desta forma, o ensino da Libras, no caso do Brasil, assim como no território brasileiro as crianças ouvintes aprendem a Língua Portuguesa, sendo necessário, a quem sempre queira aprender outro idioma, dedicação e estudo para aprender outros idiomas, pois lhe é natural apenas a língua utilizada na sociedade onde nasceu, pois não existe uma língua universal.

Ao falarmos sobre a diversidade linguística no mundo, também é importante lembrar que assim como não existe uma única língua oral-auditiva, universal, também não existe uma língua de sinais universal, ou seja, cada país tem sua própria língua de sinais, com estruturas próprias. Por exemplo, nos Estados Unidos da América temos a ASL (Língua de Sinais Americana).

Veja a seguir o sinal de MÃE em ALS e em Libras.

FIGURA 1 – SINAL DE MÃE EM ALS



FONTE: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/44824958771925056/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

FIGURA 2 – MÃE EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/525654587739466590/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

Para o surdo brasileiro a Libras tem status de primeira língua (L1) e o português é considerado segunda língua (L2), isso porque a aquisição da língua portuguesa (oral/ auditiva) geralmente é adquirida depois que esse já aprendeu a Libras. Assim como no caso de uma pessoa ouvinte que tenha nascido no Brasil, a L1 para esse é o Português, e caso esse venha a estudar, por exemplo, Libras, a Libras será a L2, assim como será L2 se em vez de Libras ele se interessar por estudar o inglês, ou o francês ou outro idioma, ou seja, L1 é a língua natural a esse sujeito, que está relacionada à sua cultura linguística e social, língua utilizada no país onde esse nasceu, e L2, a segunda língua que esse venha a estudar e aprender.

### 3 DISCUSSÕES SOBRE AS LÍNGUAS ORAIS

Para começar nosso diálogo sobre as línguas orais, é importante voltarmos ao termo linguagem, que pode ser entendido como qualquer sistema de comunicação ou de notação, humana ou não humana, natural ou artificial. Podemos falar sobre linguagem de computação, programação, linguagem pedagógica, linguagem matemática, linguagem corporal, entre outras, por exemplo. Com certeza, você já ouviu ou já falou sobre algum desses tipos de linguagens, não precisamos pensar a mesma coisa, mas precisamos da comunicação para transmitir nossas ideias e pensamentos.

FIGURA 3 – ILUSTRANDO A COMUNICAÇÃO



FONTE: Disponível em <<http://scientiadeanima.blogspot.com/2011/09/sobre-linguagem.html>>. Acesso em: 27 maio 2018.

Já o termo língua faz referência a um tipo de língua em particular, existem inúmeras línguas faladas ao redor do mundo, no Brasil temos várias línguas, por exemplo, o tupi-guarani, o português e a Libras. Do ponto de vista linguístico, de um modo geral, podemos dizer que independentemente da perspectiva teórica que fundamenta os conceitos de língua e linguagem, a linguagem aparece como uma faculdade ou potencialidade de expressão e a língua como a materialização dessa expressão ligada a um grupo determinado de sujeitos e indivíduos, identificados por traços culturais particulares e, muitas vezes, restritos a um determinado espaço, por exemplo, a Libras, que é pertencente ao Brasil, assim como o Português

Brasileiro, o PB, que é diferente do português que é usado e falado, por exemplo, em Portugal. Temos, no Brasil, características próprias culturais, devido às diversas nuances, tais como, a migração de diversos povos e culturas para o Brasil.

Chauí (2000, p. 43), ao falar da linguagem, ou melhor, da natureza da linguagem, nos diz que:

Uma primeira divergência sobre o assunto surgiu na Grécia: a linguagem é natural ao homem (existe por natureza) ou é convenção social? Se a linguagem for natural, as palavras possuem um sentido próprio e necessário; se for convencional, são decisões consensuais da sociedade e, nesse caso, são arbitrárias, isto é, a sociedade poderia ter escolhido outras palavras para designar as coisas. Essa discussão levou, séculos mais tarde, à seguinte conclusão: a linguagem como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, isto é, os humanos com uma aparelhagem física, anatômica nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra; mas as línguas são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, ou, em outros termos, são culturais. Uma vez construída uma língua, ela se torna uma estrutura ou um sistema dotado de necessidade interna, passando a funcionar como se fosse algo natural, isto é, como algo que possui suas leis e princípios próprios, independentemente dos sujeitos falantes que a empregam.

Podemos observar que para Chauí (2000), expressamos através da língua a nossa linguagem. Já vimos isso anteriormente na Unidade 1, quando falamos da linguagem. Assim, a palavra distingue os homens dos animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado ou simplesmente se expressado de alguma forma através da língua ou da linguagem. A partir do momento em que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso.

Gestos e vozes, na busca da expressão e da comunicação, fizeram surgir a linguagem. A linguagem está sempre à nossa volta, sempre pronta a envolver nossos pensamentos e sentimentos, acompanhando-nos em toda a nossa vida. Ela não é um simples acompanhamento do pensamento, mas, como um fio, vai tecendo as tramas do pensamento, sendo um tesouro da memória e da consciência vigilante que é transmitida de geração a geração.

A força da linguagem pode ser observada, por exemplo, através dos mitos e das religiões. A palavra grega *mythos* significa narrativa. É através da palavra que narramos a origem dos deuses, do mundo, dos homens e até mesmo das técnicas, sejam elas com o fogo, com a agricultura, com a caça, com a pesca, com o artesanato e com a guerra, e também com a vida do grupo social ou da comunidade. Pronunciados em momentos especiais, sejam eles casamentos, com seus votos, e, até mesmo nos momentos sagrados ou de relação com o sagrado, os mitos são mais

do que uma simples narrativa, eles são a maneira pela qual, através das palavras, os seres humanos organizam a realidade e a interpretam, foi assim com os gregos ao narrarem seus deuses e seus feitos.

O mito tem o poder de fazer com que as coisas sejam tais como são ditas ou pronunciadas. Além disso, temos o poder da palavra através da abertura do Gênese, na Bíblia judaico-cristã, em que Deus cria o mundo usando a linguagem: "E Deus disse: faça-se!", e foi feito. Porque Ele disse, foi feito, sendo ele o Verbo, ou seja, a ação em conjunto com a palavra. Para o criacionismo, por exemplo, a palavra divina é criadora.

Podemos também ver a força realizadora da linguagem nas liturgias religiosas. Por exemplo, na missa cristã, o celebrante, pronunciando as palavras "Este é o meu corpo" e "Este é o meu sangue", realiza o mistério da Eucaristia, isto é, a encarnação de Deus no pão e no vinho. Também nos rituais indígenas e africanos, os deuses e heróis comparecem e se reúnem com os mortais quando invocados utilizando as palavras corretas, pronunciadas pelo celebrante, pelo profeta.

Sendo a palavra tão sagrada nesses episódios, pessoas são separadas do restante dos adoradores para poderem pronunciar tais palavras. Eis por que, em quase todas as religiões, existem profetas e oráculos, isto é, pessoas escolhidas pela divindade para transmitir mensagens divinas aos humanos. Essa cultura é milenar.

A linguagem tem, seja ela oral ou nas línguas de sinais, um poder encantatório, isto é, uma capacidade para reunir o sagrado e o profano, trazer os deuses e as forças cósmicas para o meio do mundo, ou, como acontece com os místicos em oração, levando os humanos até o interior do sagrado. O poder encantatório da linguagem, quando, nos rituais de feitiçaria, a feiticeira ou o feiticeiro têm a força para fazer coisas acontecerem pelo simples fato de, em circunstâncias certas, pronunciarem determinadas palavras. Também nos contos infantis há palavras poderosas, sejam eles de fada, ou nos demais onde a mágica se mistura com o mundo real dos contos, palavras, por exemplo: "Abre-te, Sésamo!" ou "Shazam!" ou "Abracadabra!", são pronunciadas para o impossível acontecer.

FIGURA 4 – CONTOS INFANTIS



FONTE: Disponível em: <<https://marinabastos.com.br/wp-content/uploads/2014/09/contos-de-fada.jpg>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

Todavia as palavras também podem assumir o poder contrário ao criarem tabus, quando existem palavras que não podem ser ditas, e caso sejam pronunciadas, podem trazer desgraças. Essas palavras-tabus existem nos contextos religiosos de várias sociedades, todavia as palavras-tabus não existem apenas na esfera religiosa, mas também nas brincadeiras infantis, quando certas palavras são proibidas a todos os membros do grupo sob pena de punição para quem as pronunciar. Existem, ainda, palavras-tabus na vida social, sob os efeitos da repressão dos costumes, sobretudo os que se referem a práticas sexuais.

Muitas palavras, durante muito tempo, eram pronunciadas somente nos meios masculinos e em locais privados ou íntimos. Existem ainda as palavras de cunho político que tendem a se tornarem quase tabus, por exemplo, anarquistas, revolucionários, terroristas, guerrilheiros, socialistas, comunistas, entre outras.

Temos ainda a linguagem do poder do Judiciário, ou seja, a linguagem do direito. Na origem, o direito não era um código de leis referentes à propriedade, de coisas ou bens, do corpo e da consciência, nem referente à vida política, sobre impostos, constituições, direitos sociais, civis, políticos, mas era um ato solene no qual o juiz *pronunciava* uma fórmula pela qual duas partes em conflito fariam a paz, era o juiz quem decidia com base nas suas concepções. Onde as expressões "Dou minha palavra" ou "Ele deu sua palavra", para indicar o juramento feito e a "palavra empenhada" ou "palavra de honra". É por isso também que, até hoje, nos tribunais, se faz o acusado e as testemunhas responderem à pergunta: "Jura dizer a verdade, somente a verdade, nada além da verdade?", dizendo: "Juro". Razão pela qual o perjúrio – dizer o falso, sob juramento de dizer o verdadeiro – é considerado crime gravíssimo.

FIGURA 5 – JURAMENTO DO PRESIDENTE OBAMA, DOS EUA, JURAMENTO COM BÍBLIA DE LINCOLN



FONTE: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/trump-vai-imitar-obama-e-fazer-juramento-com-biblia-de-lincoln/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

Durante muito tempo, e ainda em algumas comunidades pequenas, com poucos habitantes, onde todos se conhecem, é comum a *palavra dada e empenhada* ser o suficiente para firmarem acordos e promessas, pois, quando alguém *dá sua palavra, dá sua vida, sua consciência, sua honra* e assume um compromisso que só poderá ser desfeito com a morte ou com o acordo da outra parte. Vemos isso ainda nos casamentos religiosos, onde basta que os noivos digam a palavra: *Aceito*, para que o casamento esteja concretizado, havendo assim um comum acordo e uma aceitação de ambas as partes simplesmente pelo poder da palavra. Durante muito tempo, no Brasil, o que valia como casamento era apenas o casamento religioso, porém, com o passar do tempo só a palavra dita deixou de ser o suficiente, sendo necessário haver o compromisso civil, quando os noivos, ao se comprometerem um com o outro, firmam um contrato e assinam um documento.

Independentemente de acreditarmos ou não em palavras místicas, mágicas, encantatórias ou tabus, o importante é que existam, pois sua existência revela o poder que as pessoas atribuem à linguagem. As palavras são núcleos, sínteses, significações, símbolos e valores que determinam o modo como interpretamos as forças divinas, as forças naturais, as forças e fraquezas sociais e políticas e suas relações conosco.

Além do *mythos*, temos o *logos*, que é uma síntese de três palavras ou ideias: fala e palavra, pensamento e ideia, realidade e ser. *Logos* é a palavra racional do conhecimento do real. É discurso, ou seja, argumento e prova, ou seja, raciocínio, demonstração e também realidade, nexos e ligações universais e necessários entre os seres, sejam eles humanos ou não.

*Logos* é a palavra-pensamento compartilhada, ou seja, diálogo; é a palavra-pensamento verdadeira, ou seja, a lógica; é a palavra-pensamento de alguma coisa, ou seja, a *logia* que colocamos no final de palavras como cosmologia, mitologia, teologia, ontologia, biologia, psicologia, sociologia, antropologia, tecnologia, filologia, farmacologia, entre outras, palavras essas que com certeza você já escutou. Do lado do *logos* desenvolve-se a linguagem como poder de conhecimento racional e as palavras, desvinculadas do *Mythos*, sendo conceitos ou ideias, estando referidas ao pensamento, à razão e à verdade, é o surgimento do pensamento crítico.

Para alguns filósofos das ciências, a ciência nasce ou um objeto se torna científico quando uma explicação que era religiosa, mágica, artística, mítica cede lugar a uma explicação conceitual, causal, metódica, demonstrativa e, conseqüentemente, racional.

Por exemplo, para os filósofos da ciência, como René Descartes (1596-1650), ele elaborou o método científico ou cartesiano. Esta metodologia serviu para que os fenômenos naturais pudessem ser explicados com outra linguagem que não a teológica, para além do *Mythos* dando lugar para o *logos*. Desta maneira, a partir de Galileu Galilei (1564-1654), se pretende um conhecimento específico e quantitativo. Em outras palavras, a ciência só aceitaria aquilo que pode ser comprovado através das repetições das experiências e dos cálculos matemáticos.

Essa dupla dimensão da linguagem, como o *mythos* e o *logos*, explica por que, na sociedade ocidental, podemos comunicar-nos e interpretar o mundo sempre em dois registros contrários e opostos: o da palavra solene, mágica, religiosa, artística, e o da palavra leiga, científica, técnica, puramente racional e conceitual. Há quatro tipos de respostas quanto à origem da linguagem.

- 1º- A origem da linguagem seria a onomatopeia ou imitação dos sons animais e naturais, onde a linguagem nasce por imitação, isto é, os humanos imitam, pela voz, os sons da natureza, dos animais, dos rios, das cascatas e dos mares, do trovão e do vulcão, dos ventos, entre outros.
- 2º- Ou a linguagem nasceu e nasce através da imitação dos gestos, isto é, nasce como uma espécie de pantomima ou encenação, na qual o gesto indica um sentido. Pouco a pouco, o gesto passou a ser acompanhado de sons e estes se tornaram gradualmente palavras, substituindo os gestos.
- 3º- Ou ela nasce da necessidade, causada pela fome, a sede, a necessidade de abrigar-se e proteger-se, a necessidade de reunir-se em grupo para defender-se das intempéries, fazendo com que o homem formasse e criasse um vocabulário elementar e rudimentar, que, gradativamente, tornou-se mais complexo e transformou-se em um determinado tipo de língua.
- 4º- Ou simplesmente ela nasceu das emoções, particularmente do grito provocado pelo medo, ou da surpresa ou simplesmente da alegria, do choro causado pela dor, medo, paixão, alegria etc. E do riso, provocado pelo prazer, pelo bem-estar e pela felicidade, e no caso de alguns pelas crises nervosas, onde a pessoa, em vez de chorar, começa a sorrir. Rousseau, em seu ensaio sobre a origem das línguas, afirmou:

Não é a fome ou a sede, mas o amor ou o ódio, a piedade, a cólera, que aos primeiros homens lhes arrancaram as primeiras vozes... Eis por que as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas. [...]. Assim, a linguagem, nascendo das paixões, foi primeiro linguagem figurada e por isso surgiu como poesia e canto, tornando-se prosa muito depois; e as vogais nasceram antes das consoantes. Assim como a pintura nasceu antes da escrita, assim também os homens primeiro cantaram seus sentimentos e só muito depois exprimiram seus pensamentos (ROUSSEAU, 1986, p. 260).

Rousseau (1986) explicita a origem da linguagem figurada ligada à corrente da simpatia e da compaixão. Argumentando sobre a relação entre elas, o filósofo salienta o papel da linguagem como parábola, citando a metáfora com seu duplo sentido. A palavra assim surgiu como poesia e canto, tornando-se prosa muito depois; e as vogais nasceram antes das consoantes. Assim como a pintura nasceu antes da escrita, assim também os homens primeiro cantaram seus sentimentos e só muito depois exprimiram seus pensamentos através da fala e da escrita.

O filósofo Rousseau (1986), ao argumentar que a primeira linguagem é figurativa, diz que:

Um homem selvagem, encontrando outros, inicialmente ter-se-ia amedrontado. Seu terror tê-lo-ia levado a ver esses homens maiores e mais fortes do que ele próprio e a dar-lhes o nome de gigantes. Depois de muitas experiências, reconheceria que, não sendo esses pretensos gigantes nem maiores nem mais fortes do que ele, à sua estatura não convinha a ideia que a princípio ligara à palavra gigante. Inventaria, pois, um outro nome comum a eles e a si próprio, como, por exemplo, o homem, e deixaria o de gigante para o falso objeto que o impressionara durante sua ilusão. Aí está como a palavra figurada nasce, antes da própria, quando a paixão nos fascina os olhos e a primeira ideia que nos oferece não é a da verdade (ROUSSEAU, 1986, p. 267).

Independentemente da linguagem apresentada, ou de suas origens, essas teorias não são excludentes. É muito possível que a linguagem tenha nascido de todas essas fontes ou modos de expressão, e os estudos de Psicologia Genética, isto é, da gênese da percepção, imaginação, memória, linguagem e inteligência nas crianças, mostra-nos que uma criança se vale de todos esses meios para começar a expressar-se e lançando mão de vários tipos de linguagem. Uma linguagem se constitui quando passa dos meios de expressão aos de significação, ou quando passa do expressivo ao significativo. Como nos diz Rousseau, na citação acima, o homem inventava os significados, a partir daquilo que lhe fazia sentido.

FIGURA 6 – IMAGEM DO FILME JACK O CAÇADOR DE GIGANTES, FAZENDO REFERÊNCIA À CITAÇÃO ACIMA DE ROUSSEAU



FONTE: Disponível em: <<https://www.blahcultural.com/critica-de-filme-jack-o-cacador-de-gigantes-por-pedro-lauria/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

Como já vimos anteriormente, a linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para expressarmos ideias, valores e sentimentos. Embora aparentemente tão simples, essa definição da linguagem esconde problemas complicados, com os quais os filósofos e demais estudiosos da linguagem ocupam-se desde há muito tempo. Afirmando que a linguagem é um sistema, isto é, uma totalidade estruturada, com princípios e leis próprios, sistema esse que pode ser conhecido.

A linguagem também é um sistema de sinais ou de signos, isto é, os elementos que formam a totalidade linguística são um tipo especial de objetos, os signos, ou objetos que indicam outros, designam outros ou representam outros. Quando escutamos ou pronunciamos a palavra fumaça, vem em nossa mente fogo. Os signos são palavras e os componentes das palavras, ou seja, sons ou letras, já a linguagem indica coisas, isto é, os signos linguísticos (as palavras) possuem uma função indicativa ou denotativa, pois como que apontam para as coisas que significam.

A linguagem tem, também, uma função comunicativa, isto é, por meio das palavras entramos em relação com os outros, comunicamos, dialogamos, persuadimos, relatamos, discutimos, amamos e odiamos, ensinamos e aprendemos, entre outros; como dito anteriormente, a linguagem exprime pensamentos, sentimentos e valores, isto é, possui uma função de conhecimento e de expressão, neste caso conotativa, ou seja, uma mesma palavra pode exprimir sentidos ou significados diferentes, dependendo do sujeito que a emprega, do sujeito que a ouve e lê, das condições ou circunstâncias em que foi empregada ou do contexto em que é usada. Por exemplo, a palavra água, se for usada por um professor numa aula de Química, conotará o elemento químico que corresponde à fórmula H<sub>2</sub>O; se

for empregada por um poeta, pode conotar rios, chuvas, lágrimas, mar, líquido e pureza, entre outras palavras usadas pelos poetas e diversos artistas, sejam eles da música ou da literatura. Portanto, a linguagem é um sistema de sinais com função indicativa, comunicativa, expressiva e conotativa.

Exemplo de poema com a palavra água, do poeta Mário Quintana:

Um poema como um gole d'água bebido no escuro.  
Como um pobre animal palpitando ferido.  
Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na  
floresta noturna.  
Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição  
de poema.  
Triste.  
Solitário.  
Único.  
Ferido de mortal beleza.  
(Mario Quintana)

Portanto, a Linguagem pode se expressar tanto através da língua oral como através das línguas de sinais.

# RESUMO DO TÓPICO 1

**Neste tópico você aprendeu que:**

- Em respeito à organização gramatical das Línguas de Sinais, pesquisas mostram fortes evidências “de que as Línguas de Sinais não são um apanhado de gestos sem princípio organizacional, mas consistem em uma configuração sistêmica de uma nova modalidade de língua” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 34).
- As línguas de sinais são línguas visuoespaciais. Elas se apresentam em uma modalidade diferente das línguas orais, pois utilizam a visão e o espaço, e não o canal oral-auditivo, para sua realização. Como tradicionalmente a língua foi associada à fala, várias concepções inadequadas surgiram quanto ao estatuto das línguas de sinais como sistema linguístico, bem como quanto ao entendimento de suas características.
- Podemos observar que para Chauí (2000), expressamos através da língua a nossa linguagem. Já vimos isso anteriormente, quando falamos sobre a linguagem. Assim, a palavra distingue os homens dos animais; a linguagem distingue as nações entre si.
- A força da linguagem pode ser observada, por exemplo, através dos mitos e das religiões.
- *Mythos* é a palavra grega para narrar os mitos e as religiões.
- *Logos* é uma síntese de três palavras ou ideias: fala e palavra, pensamento e ideia, realidade e ser. *Logos* é a palavra racional do conhecimento do real.
- A linguagem também é um sistema de sinais ou de signos, isto é, os elementos que formam a totalidade linguística são um tipo especial de objetos, os signos, ou objetos que indicam outros, designam outros ou representam outros.
- A linguagem pode se expressar, tanto através da língua oral como através das línguas de sinais, entre outras formas de comunicação.
- As línguas de sinais são reconhecidas pela linguística como línguas vivas e autônomas compostas por aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos próprios. Por meio dessa língua, seus usuários podem expressar pensamentos simples e também complexos. Nesse processo, eles utilizam a expressão facial e corporal para fazer afirmações, negações, questionamentos, enfatizar, omitir, salientar, demonstrar desconfiança etc.

- Portanto, a língua de sinais se organiza no cérebro do mesmo modo que a língua falada. Além disso, ela não é simplesmente um conjunto de mímicas e gestos soltos utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. As línguas de sinais têm suas próprias estruturas gramaticais. Assim, elas são tão importantes e tão complexas quanto as línguas da modalidade oral.
- Lei de Libras – Você pôde observar, por meio da Lei nº 10.436, que a Libras, assim como o português, é uma língua reconhecida legalmente no Brasil. Também pôde observar, no Decreto nº 5.626, que ela está devidamente regulamentada e apresenta total apoio à educação dos surdos, procurando minimizar as dificuldades educacionais.



1 Imagine a seguinte situação: você é responsável por um programa de inclusão de surdos em uma escola. Na época da matrícula, chegam a você pais que querem matricular seus dois filhos, de idades diferentes, sendo que um é surdo e o outro ouvinte. Eles questionam se seus filhos podem estudar na mesma sala de aula, uma vez que ambos estão na mesma série. Qual seria a sua conduta nesta situação?



2 Defina as características que se restringem a essa tríade: linguagem, língua e fala.



3 Levando-se em consideração todo o seu conhecimento inerente ao processo comunicativo, retrate as diferenças que demarcam linguagem verbal e não verbal e, se possível, dê exemplos.







## LÍNGUAS EM MUDANÇA: VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

### 1 INTRODUÇÃO

Nesse tópico iremos estudar a variação linguística tanto do PB como das línguas de sinais, no nosso caso, da Libras. A variação linguística diz respeito às mudanças que ocorrem no uso da língua em relação ao espaço, ao tempo e à situação de comunicação. Essas mudanças recebem variedades linguísticas ou variantes linguísticas. Neste tópico estudaremos os fatores determinantes da variação linguística, e o que são variantes ou variedades linguísticas e como ocorrem as variações linguísticas na Libras.

Existem inúmeras pesquisas da sociolinguística que tratam das variações linguísticas, entre elas, do autor Tarallo (1986), intitulada: “*A pesquisa sociolinguística*”, em que discute a questão da relação entre língua e sociedade. Ele adota a definição de língua numa perspectiva saussuriana, que consiste em percebê-la como fato social, dentro desse contexto social, mais especificamente, como um sistema convencional adquirido pelos indivíduos durante o convívio social, e, portanto, sujeito a variações de ordem fonológica, morfossintática, estilística e/ou semântica. Diante dessa concepção de que a língua sofre variações o tempo todo, o autor nos apresenta os conceitos de variante e variável linguísticas.

Visto que as variantes podem ser definidas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade (variantes padrão/não padrão, conservadoras/inovadoras, estigmatizadas/de prestígio), Tarallo (1986, p. 12) nos diz que, “[...] Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade”.

Tarallo (1986) ainda traz o enfoque da linguística histórica, no que se refere à transição e à implementação de variantes, de um momento do sistema linguístico para outro, fazendo, também, uma revisão da dicotomia saussuriana entre sincronia, estudo transversal da língua em um determinado grupo, e diacronia, estudo longitudinal da língua através do tempo.

Assim, a batalha entre variantes tem como desfecho uma relação de contemporização (onde ocorra a subsistência ou coexistência da diversidade), ou de morte (mudança em progresso). Em ambos os casos as variantes dispõem de certas armas, isto é, grupo de fatores condicionadores linguísticos e não linguísticos. A esse modelo de análise, compreensão dos processos de variação e de mudança

linguísticas, Tarallo (1986) acrescenta outra dimensão: a história. Essa dimensão se justifica porque a estrutura de uma língua somente será entendida como um todo à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração, sem história não há compreensão do todo, fazendo uma espécie de “viagem de ida de volta” (do presente ao passado e de volta ao presente), dentro das pesquisas e estudos das variações linguísticas.

Ao olharmos para a dimensão histórica, diante do estudo da língua, tomando como base o aparente e o real, tem como desdobramento dois outros elementos no processo de análise, sendo eles a transição (como e por quais caminhos a língua muda) e a implementação (por que, quando e onde determinada mudança ocorreu) de variáveis. Assim é possível sistematizar a língua falada, seja ela oral ou de sinal, mesmo com a coexistência de variantes em um mesmo período histórico, pois não existe uma homogeneidade da língua, existe incorporação de universais linguísticos de variação e de mudança, sendo esses fatores condicionadores linguísticos e não linguísticos.

## 2VARIAÇÕESLINGUÍSTICASNO PORTUGUÊS/BRASILEIRO

Ao falarmos em variação linguística no Português Brasileiro, o PB, é fácil verificarmos que ela não é usada de maneira homogênea em todo o Brasil. Apresentando variações que vão do léxico, por exemplo, o uso de palavras diferentes para se referir à mesma coisa e até o sotaque compõem essa variação linguística.

FIGURA 7 – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL



FONTE: Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/variacao-linguistica-preconceito-linguistico/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

FIGURA 8 – REPRESENTANDO ALGUNS SOTAQUES BRASILEIROS



FONTE: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZVKq9xGcQR4>>. Acesso em: 27 maio 2018.

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia e sintaxe). Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação. Além disso, existem as mudanças ortográficas de acentuação que ocorrem no decorrer dos processos.

Segue figura relatando essas mudanças gramaticais.

FIGURA 9 – MUDANÇAS GRAMATICAIS

### Queridos Vizinhos - Lucas Lima



FONTE: Disponível em: <[http://casadastiras.blogspot.com/2009/02/nicolau-lucas-lima\\_03.html](http://casadastiras.blogspot.com/2009/02/nicolau-lucas-lima_03.html)>. Acesso em: 27 maio 2018.

É importante observar que toda variação linguística é adequada para atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Assim, quando julgamos errada determinada variedade, estamos emitindo um juízo de valor sobre os seus falantes e, portanto, agindo com preconceito linguístico.

Segue uma charge sobre o preconceito linguístico.

FIGURA 10 – PRECONCEITO LINGUÍSTICO



FONTE: Disponível em: <<https://redacaonline.com.br/blog/tema-de-redacao-preconceito-linguistico/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

FIGURA 11 – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENTENDIMENTO



FONTE: Disponível em: <<http://minhalinguaeeu.blogspot.com/2010/03/lingua-e-idioma.html>>. Acesso em: 27 maio 2018.

Como nos mostram as charges acima, o fato de usarmos o mesmo idioma, podemos não falar a mesma língua, pois tudo depende do entendimento que damos a essa língua. Temos também as **Variedades regionais** que também interferem nas variações linguísticas. Elas demonstram diferenças entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do Estado do Rio Grande do Sul possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes de São Paulo. Observe a abordagem de variação regional em um poema de Oswald de Andrade:

*Vício da fala*  
*Para dizerem milho dizem mio*  
*Para melhor dizem mió*  
*Para pior pió*  
*Para telha dizem teia*  
*Para telhado dizem teiado*  
*E vão fazendo telhados.*

Segue uma figura de algumas variações de expressões utilizadas nas regiões brasileiras sobre o nome de um mesmo animal:

FIGURA 12 – VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS SOBRE O NOME DE UM MESMO ANIMAL



FONTE: Disponível em: <[https://paperimum.blogspot.com/2011/10/cultura-do-bode-no-nordeste-brasileiro\\_13.html](https://paperimum.blogspot.com/2011/10/cultura-do-bode-no-nordeste-brasileiro_13.html)>. Acesso em: 20 maio 2018.

E essas variações linguísticas podem ser percebidas nas relações sociais, veja a charge abaixo, usando a linguagem humorística, revelando essas variações linguísticas referentes ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

FIGURA 13 – VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.humorbabaca.com/cartoons/diversos/o-gaúcho-e-o-mineiro>>. Acesso em: 20 maio 2018.

Vejamos a seguir algumas variações fonológicas e morfossintáticas:

**Fonológicas** - “prantar” em vez de “plantar”; “bão” em vez de “bom”; “pobrema” em vez de “problema”; “bicicreta” em vez de “bicicleta”.

**Morfossintáticas** - “dez real” em vez de “dez reais”; “eu vi ela” em vez de “eu a vi”; “eu truci” em vez de “eu trouxe”; “a gente fumo” em vez de “nós fomos”.

Temos ainda as variedades estilísticas, sendo as mudanças da língua de acordo com o grau de formalidade, ou seja, a língua pode variar entre uma linguagem formal ou uma linguagem informal.

A linguagem formal é usada em situações comunicativas formais, como uma palestra, um congresso, uma reunião empresarial, entre outros, por exemplo, em uma entrevista com a finalidade de conseguir emprego, ou em uma audiência com uma autoridade.

Já a linguagem informal é usada em situações comunicativas informais, como reuniões familiares, encontro com amigos, entre outras relacionadas ao dia a dia, quando fazemos o uso da linguagem coloquial. E temos também a gíria ou jargão, que é um tipo de linguagem utilizada por um determinado grupo social, fazendo com que se diferencie dos demais falantes da língua.

FIGURA 14 – CHARGE SOBRE A PALAVRA JARGÃO, EM RELAÇÃO À PALAVRA “É VIROSE”.



FONTE: Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2013/10/professores-do-aulao-dc-voltado-ao-enem-apresentam-questoes-que-serao-detalhadas-durante-revisao-nesta-sexta-4300783.html>>. Acesso em: 20 maio 2018.

A gíria é normalmente relacionada à linguagem de grupos de jovens. O jargão é, em geral, relacionado à linguagem de grupos profissionais, por exemplo, o “juridiquês”, utilizado pelos profissionais da área jurídica.



Juridiquês é um neologismo que designa o uso excessivo do jargão jurídico e de termos técnicos do Direito. Na prática, esses excessos tornam a linguagem jurídica um idioma desconhecido para a maioria das pessoas: o juridiquês.

FONTE: Disponível em: <<http://www.juridiques.adv.br/>>. Acesso em: 7 maio 2018.

Assim, entendemos que as variações linguísticas no português/brasileiro estão relacionadas não só com as questões teóricas, mas com as relações sociais e regionais em todo o território brasileiro, fazendo com que tenhamos, no Brasil, um leque gigante e riquíssimo de variações linguísticas.

### 3 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS

Na Libras também são observadas variações linguísticas, assim como vimos anteriormente no PB. Segundo Strobel e Fernandes (1998), essas variações ocorrem em decorrência de fatores regionais, sociais e históricos. Assim, variações regionais são as que ocorrem em relação onde o lugar é utilizado. Ou seja, são usados sinais diferentes, mas com o mesmo significado, dependendo da região onde ele é utilizado, por exemplo, o sinal palavra cor: *verde*, conforme podemos ver na figura a seguir.

FIGURA 15 – VARIAÇÃO REGIONAL



FONTE: Disponível em: <<http://noticiadodiaadiadacomunidadesurda.blogspot.com/2015/08/>>. Acesso em: 28 de maio 2018.

As diversas variações sociais, assim como nas línguas orais, também influenciam as línguas de sinais, sendo que elas estão relacionadas à configuração das mãos e/ou ao movimento e dependem de emissor que utiliza o sinal, o sinal AJUDAR, por exemplo, é produzido de forma diferente, podendo expressar ou não movimento. Existem ainda as variações históricas, sendo que um sinal pode sofrer modificações com o passar do tempo, dependendo dos costumes da geração que o utiliza. Libras é uma língua humana, assim como as outras línguas faladas, embora de modalidade diferente. Como toda língua humana, a Libras passa pelo processo contínuo e gradual de variação e mudança, seja por motivações internas, seja por contato com outras línguas de sinais ou orais.

Como vimos, a Libras possui muitas variações, de acordo com a região em que ela é falada. Libras é uma língua e, como qualquer língua, também está sujeita a alterações e adaptações de acordo com a área em que formos utilizá-la, assim como as demais línguas de sinais ao redor do mundo. Vejamos a seguir algumas dessas línguas de sinais ao redor do mundo.

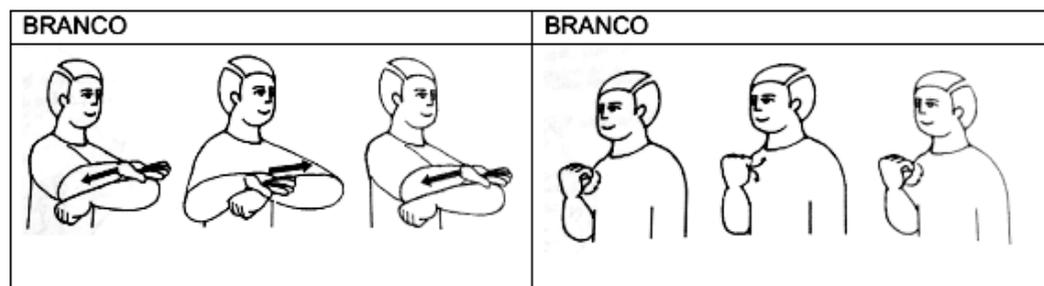
FIGURA 16 – NOMES DAS LÍNGUAS DE SINAIS AO REDOR DO MUNDO



FONTE: Disponível em: <<https://www.slideshare.net/lemesilvana/libras-aula-1-e-2/7?smtNoRedir=1>>. Acesso em: 28 maio 2018.

Devido às variações linguísticas, um sinal usado em São Paulo pode não ser o mesmo usado na Bahia, e vice-versa. Como podemos ver, em um único sistema linguístico podemos encontrar diversas variações linguísticas, dependendo do modo utilizado pelos falantes, sendo isso que caracteriza as variações linguísticas. Segundo Antunes (2009), essas diferentes formas que as línguas assumem, dentro de uma sociedade, sejam elas ouvintes ou surdas, são decorrentes da indissociabilidade de quatro realidades, que são: língua, cultura, identidade e povo. Assim, considera-se a língua o reflexo da trajetória histórica de uma sociedade.

FIGURA 17 – EXEMPLO DE MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO SINAL DA PALAVRA BRANCO, NA LIBRAS



Fonte: CAPOVILLA e RAPHAEL (2008).

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/BzjRyY>>. Acesso em: 27 maio 2018.

A Libras está ligada à trajetória histórica do surdo. Seu contexto histórico é refletido em sua linguagem, assim como o contexto histórico do brasileiro interfere na sua linguística. No Brasil, a utilização diferenciada da Libras é ocasionada, principalmente, pela vasta extensão territorial, gerando as diferenças regionais, e pela desigualdade social, relacionada com a distinção entre variedade não padrão e a norma culta (BAGNO, 2007), conforme com o que ocorre com português.

Para Albres (2005), a Língua Brasileira de Sinais não teve origem na língua portuguesa, que é constituída pela oralidade, mas pela língua de sinais francesa, apesar de a língua portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical da Língua de Sinais Brasileira. O fato de não se tratar da língua dos colonizadores do Brasil, poucos foram os registros sobre a evolução da língua de sinais. Os registros, que temos atualmente, são referentes ao Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES e revelam que a língua de sinais no Brasil foi difundida a partir da vinda de um professor surdo francês, E. Huet, oriundo do Instituto de Surdos de Paris, o qual propôs a criação do primeiro Estabelecimento de Educação para Surdos, atual INES.

Apesar dos diferentes fundamentos teóricos que embasam as muitas definições de língua natural, é possível estabelecermos propriedades que são inerentes a todas as línguas naturais. De acordo com Lyons (1981), entre essas propriedades podemos destacar:

**Versatilidade e flexibilidade:** a língua permite expressar emoções e sentimentos, permitindo que se dê ordens, que se estabeleçam relações temporais, fazendo referência ao que existe e ao que não existe.

**Criatividade/produtividade:** é a possibilidade que todos os sistemas linguísticos dão aos usuários de compreender um número indefinido de enunciados sem conhecê-los anteriormente.

**Arbitrariedade:** está relacionada à falta de conexão entre forma e significado. Isso quer dizer que não existe uma conexão intrínseca obrigatória entre a palavra CASA e o objeto que ela simboliza, por exemplo.

**Padrão:** diz respeito a restrições que as línguas apresentam na organização dos seus elementos. Isso significa que ao se produzir um enunciado em português, por exemplo, a combinação das palavras nas frases é restrita.

As variações linguísticas das línguas de sinais não fogem às regras das línguas naturais, sendo elas também línguas que proporcionam tudo o que qualquer outra língua pode proporcionar em relação à linguagem e à expressão dos pensamentos, sentimentos e demais emoções.

# RESUMO DO TÓPICO 2

Nesse tópico estudamos sobre:

- A variação linguística tanto do PB como das línguas de sinais.
- A variação linguística diz respeito às mudanças que ocorrem no uso da língua em relação ao espaço, ao tempo e à situação de comunicação.
- Estudamos os fatores determinantes da variação linguística, e o que são variantes ou variedades linguísticas e como ocorrem as variações linguísticas na Libras.
- A Libras está ligada à trajetória histórica do surdo. Seu contexto histórico é refletido em sua linguagem, assim como o contexto histórico do brasileiro interfere na sua linguística.
- A Língua Brasileira de Sinais não teve origem na língua portuguesa, que é constituída pela oralidade, mas pela língua de sinais francesa, apesar de a língua portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical da Língua de Sinais Brasileira.



1 Para a linguística não há variantes melhores ou piores em uma língua. Há variantes que socialmente são consideradas de prestígio, estigmatizadas ou neutras. O que são variantes de prestígio, estigmatizadas e neutras?



2 Apresente exemplos do português em que o modo de falar é mais típico em situações formais (VF: variante formal) ou em situações informais (VI: variantes informais). Por que essas diferenças existem?



3 Na Libras, você é capaz de identificar, pelo jeito de uma pessoa surda usar os sinais, a região geográfica que ela representa? Ou seja, você é capaz de identificar, pelo jeito como uma pessoa surda usa os sinais, se ela é nordestina, carioca ou gaúcha? Explique.





## ORGANIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico iremos dialogar sobre a organização fonológica das línguas de sinais, dando continuidade ao fio de conhecimento que construímos no decorrer dessa disciplina, sobre fonética e fonologia das línguas orais e de sinais. A Libras é constituída a partir de unidades mínimas distintivas, chamadas, em línguas orais, de fonemas. O número dessas unidades é finito e pequeno, porém eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras. Assim, o léxico da Libras, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras, pois está em constante transformação, como em qualquer outra língua.

No passado, nem tão distante, pensava-se que a Libras era uma língua simples, porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras, entretanto a Libras vem ganhando força a cada dia que passa, pois a chegada dos surdos nos diversos espaços sociais fez e tem feito com que o arcabouço de palavras e sinais venha aumentando. Por exemplo, o ingresso de surdos brasileiros nos ambientes escolares, depois nos ambientes universitários e conseqüentemente no universo da pesquisa e no mercado de trabalho, tem contribuído e muito para a ampliação desse vocabulário em Libras.

FIGURA 18 – LIBRAS GANHANDO FORÇA



FONTE: Disponível em: <[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQgFutyuBcxIUehRAAsUNckvFazuot41\\_rPNzf0InD7hysBWIQ\\_](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQgFutyuBcxIUehRAAsUNckvFazuot41_rPNzf0InD7hysBWIQ_)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Portanto, ela não é uma língua simples, pois a Libras ainda tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa, assim como acontece com quem utiliza as línguas orais. Assim, iremos nos ater às questões da fonologia e à Língua Brasileira de Sinais, e também iremos dialogar sobre a morfologia da Língua Brasileira de Sinais.

## 2 FONOLOGIA E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

“Fonologia das línguas de sinais é um ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo descrições e explicações” (KARNOPP, 2018, p. 29). Em tópicos anteriores já conversamos sobre fonologia, mas nesse tópico, mais especificamente, iremos dialogar sobre a fonologia da Libras. É importante recordarmos sobre o que é fonologia:

Proveniente do grego *phonos* = voz/som; *logos* = palavra/estudo, a Fonologia é a parte que estuda o sistema sonoro de um idioma. É a área de estudo que se preocupa com a maneira pela qual os sons da fala (os fones) se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados: os denominados fonemas. Destaca-se, também, o estudo das vogais, semivogais, consoantes, dígrafos, encontros vocálicos e consonantais, estrutura silábica, acento, entonação, dentre outros.

(Fonte: Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/divisoes-da-gramatica/>>acesso em 29 de maio 2018).

Voltando ao conteúdo sobre fonética, é importante lembrarmos que no português nós temos 12 fonemas vocálicos e 19 fonemas consonantais, conforme podemos ver na imagem a seguir:

FIGURA 19 – OS FONEMAS DA LÍNGUA

**Português**  
**Unidades Mínimas**

- Os fonemas da língua portuguesa classificam-se em **vogais, semivogais e consoantes**.
- A Língua Portuguesa tem:
  - 12 fonemas vocálicos (vogais e semivogais):
    - Ex.: /a/ /ê/ /i/ /ô/ /u/ /ã/ /e/ /í/ /o/ /u/ /ê/ /ó/
  - 19 fonemas consonantais:
    - Ex.: /p/ /b/ /m/ /f/ /v/ /t/ /d/ /n/ /nh/ /l/ /lh/ /r/ /rr/ /z/ /s/ /j/ /x/ /g/ /q/
- **Obs.: 26 letras / 31 fonemas**

FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/andreconeglian/libras-aspectos-linguisticos-30661546>>. Acesso em 29 maio 2018.

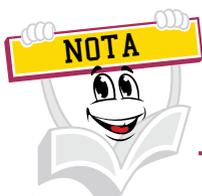
A fonologia é a parte da gramática que estuda os sons da língua, os fonemas. Deste modo, os fonemas são unidades mínimas sonoras de uma língua, capazes de estabelecer distinções de significados. Estudos linguísticos realizados por Stokoe (1960) reconheceram que as línguas de sinais, apesar de serem gestual-visual, ou espaço-visual, têm suas unidades mínimas, ou seja, fonemas, ele propõe o termo *'quiremia'* para denominar as unidades dos sinais, e *'quirologia'*, do termo *'quiro'*, *'mão'*, para nomear os estudos dessas unidades.

Todavia, pesquisadores da área continuam utilizando os termos *'fonema'* e *'fonologia'*, pelo fato de as línguas de sinais serem línguas naturais e, portanto, compartilham dos mesmos princípios linguísticos que as línguas orais. A Libras tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Três são seus parâmetros principais ou maiores: a Configuração da(s) mão(s) – (CM), o Movimento – (M) e o Ponto de Articulação – (PA); e outros constituem seus parâmetros menores: orientação de mão – (OR ou OM) e as expressões não – manuais – faciais ou corporais – (ENM).

FIGURA 20 – OS CINCO PARÂMETROS DA LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<https://www.slideshare.net/Marinelia/5-parmetros-da-libras>>. Acesso em: 29 maio 2018.



Na Libras o campo semântico é o conjunto de signos linguísticos, no caso da Libras, um conjunto de sinais, cujos elementos significantes estão inter-relacionados, compartilhando certas características comuns ou referenciais. Por exemplo, cachorro, gato e papagaio pertencem ao mesmo campo semântico de animais. Os parâmetros de configuração dos sinais podem ser definidos pelo campo semântico. É o caso, por exemplo, do ponto de articulação no peito para os sinais ligados a sentimentos.

**1º Configuração da mão (CM):** é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal. Pelas pesquisas linguísticas, foi comprovado que na Libras, de acordo com Ferreira-Brito (1995), há 46 configurações de mão agrupadas em 19 categorias, enquanto outros estudos em Libras apresentam até 64 configurações, mas nesse texto iremos apresentar uma tabela com 64 configurações (Figura A) e outra com o alfabeto em Libras (Figura B) e a configuração de mãos para os numerais (Figura C).

Segue imagem demonstrando um dos cinco parâmetros da Libras – a configuração de mãos:

FIGURA 21 – CONFIGURAÇÃO DE MÃOS

## Os Cinco parâmetros da Libras.

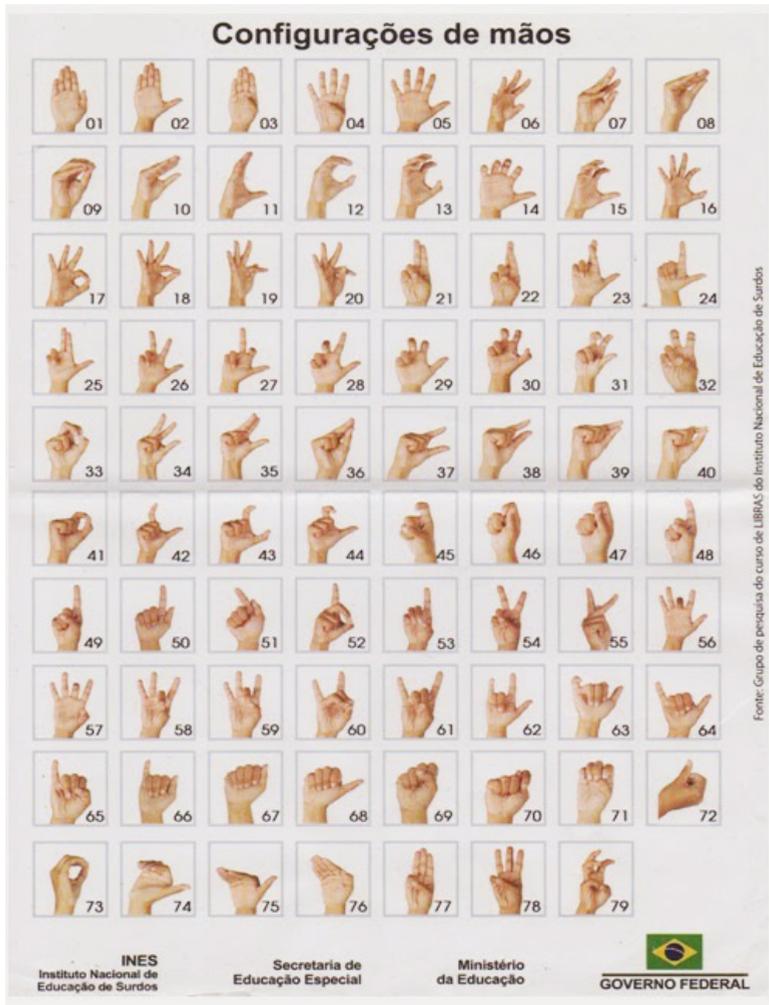
- **1) CONFIGURAÇÃO DE MÃO:** a forma que a mão toma e a posição da palma e do dorso;



Configurações de mão iguais.  
Regiões de articulação diferentes.

FONTE: Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1498886/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

FIGURA 22 – FIGURA A – COM 64 CONFIGURAÇÕES DE MÃOS



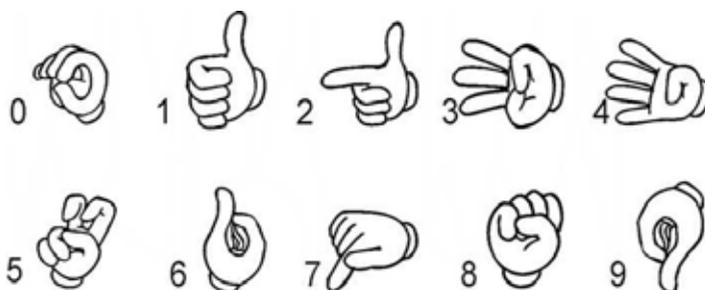
FONTE: Disponível em: <<http://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html>>. Acesso em: 29 maio 2018.

FIGURA 23 – FIGURA B – ALFABETO EM LIBRAS



FONTE: UNIASSELVI (2018) setor Audio Visual

FIGURA 24 – FIGURA C – OS NUMERAIS EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<http://acesselibras.blogspot.com/>>. Acesso em: 29 de maio 2018.

Você pode se perguntar por que descrevemos os parâmetros. Pois bem, a descrição dos sinais serve para auxiliar o ensino da Libras. Ela informa os parâmetros necessários para a execução correta do sinal. Embora em Libras várias configurações de mão sejam baseadas no alfabeto manual, é importante dizer que os sinais produzidos não têm relação direta com a grafia das palavras na Língua Portuguesa.

FIGURA 25 – EXEMPLOS DE PARÂMETROS DA LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/andreconeiglian/libras-aspectos-linguisticos-30661546>>. Acesso em: 29 maio 2018.

**2º Movimento (M):** os sinais podem ou não ter movimento. Esse é um parâmetro complexo, pois durante a realização do sinal, engloba o deslocamento de uma ou ambas as mãos no espaço, abrangendo também dedos, pulso, braço e antebraço. Podemos dizer que o movimento nas línguas de sinais resulta da relação entre três elementos: mãos-espaço-tempo. Isto é, o movimento resulta do deslocamento das mãos configuradas no espaço de articulação do sinal, no decorrer do tempo gasto para executá-lo. Uma pequena alteração do movimento pode mudar o significado do sinal. Já os sinais que não possuem movimento são chamados de sinais estáticos.

Assim, o parâmetro de movimento na Libras possui diferentes propriedades ou características relacionadas aos seus elementos, variando em:

- a) Direção é o sentido ou trajetória em que o sinal é realizado: para cima ou para baixo, para a esquerda ou para a direita, para frente ou para trás. O movimento pode conter uma ou mais direções - unidirecional (os movimentos são realizados somente para uma direção), bidirecional (os movimentos são realizados por uma ou ambas as mãos em duas direções diferentes, geralmente simétricas), multidirecional (os movimentos acontecem em várias direções) ou não direcionais (não acontecendo deslocamento). Em alguns casos, a inversão na direção do movimento pode funcionar para expressar um sentido oposto, isto é, um antônimo.
- b) Forma – modo pelo qual as mãos e dedos seguem uma trajetória na execução do sinal. O movimento, segundo sua forma, pode ser extenso ou curto, deslocando-se em linha reta ou curva. Algumas vezes, as linhas combinam suas formas para reproduzir a geometria do objeto, conceito ou sentimento convencionalizado pelo sinal.

Exemplos de sinais com movimento e sem movimento:

FIGURA 26 – IMAGENS SOBRE TIPOS DE SINAIS COM MOVIMENTO

## SINAIS COM MOVIMENTO

o **Tipos de Movimentos**

o a) Movimento retilíneo:



**ENCONTRAR**



**ESTUDAR**



**PORQUE**

o b) Movimento helicoidal:



**ALTA**



**MACARRÃO**



**AZEITE**

o c) Movimento circular:



**BINCAR**



**IDIOTA**



**BICICLETA**

o d) movimento semicircular:



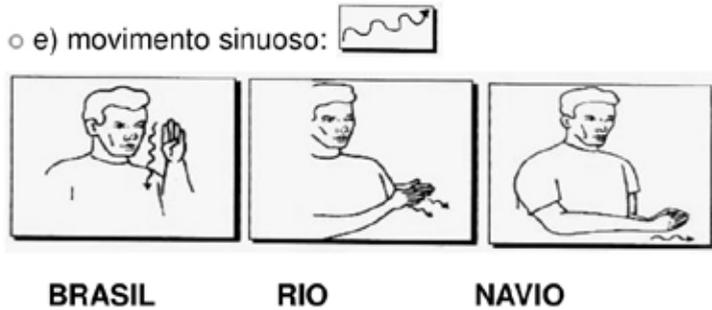
**SURDO**



**SAPO**



**CORAGEM**



FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/janinhaF/libras-16843549>>. Acesso em: 29 maio 2018.

c) **Frequência** ou repetição do movimento na realização do sinal, sendo que essa repetição só acontece em alguns sinais.

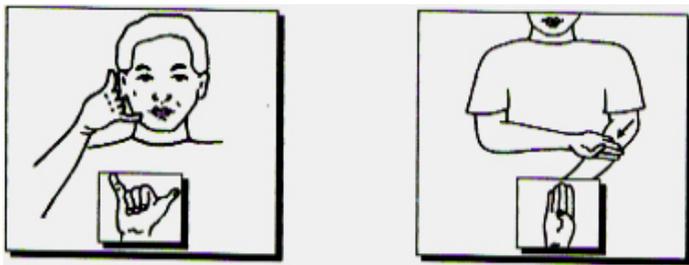
**3º Orientação da mão:** para Battison (1974), a inclusão do parâmetro de orientação de mão na fonologia das línguas de sinais está baseada nos diferentes significados que podem ocorrer numa simples mudança de direção da palma da mão na execução de determinado sinal. Para realizarmos um sinal de maneira adequada, isto é, da maneira como ele foi convencionado pela comunidade surda, precisamos conhecer seus parâmetros constituintes.

Alguns autores, como Felipe (1998), compreendem que o parâmetro de orientação se refere à direção do movimento, já explorado no item anterior. Outros autores, como: Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), explicam que o parâmetro de orientação se refere à posição da palma das mãos. Assim, enquanto a Configuração de Mão (CM) determina a forma que as mãos e dedos devem assumir, a Orientação da Mão (OM) indica a posição da palma das mãos para a execução do sinal, tendo o corpo do sinalizador como referência. São basicamente sete tipos de orientação da palma das mãos: para cima ou para baixo, para o corpo ou para frente, para a direita ou para a esquerda ou, ainda, em diagonal.

**4º Ponto de articulação:** para cada sinal existe um Ponto de Articulação (PA), isto é, o lugar tomado como ponto de partida no próprio corpo, onde é realizado o sinal. A execução dos sinais acontece no espaço que se situa diante do emissor, desde a linha da cintura até o alto da cabeça. Para a execução dos sinais, a(s) mão(s) toca(m) alguma(s) parte(s) do corpo (cabeça, face, pescoço, tórax, braços). Há sinais, porém, em que a(s) mão(s) pode(m) se tocar (ou não) sem tocar noutras partes do corpo. Nesse caso, dizemos que o sinal é executado em espaço neutro – sendo que o ponto de articulação é o local onde o sinal se inicia e é realizado, pode estar marcado pelo contato da(s) mão(s) em alguma parte do corpo. Quando as mãos se tocam sem tocar outra parte do corpo, dizemos que o sinal é realizado em espaço neutro. Há sinais executados com apenas uma mão e outros com ambas, e há os sinais em que não ocorre contato com o corpo.

Veremos sinais com pontos de articulação variados.

FIGURA 27 – PONTOS DE ARTICULAÇÃO: SINAL DE TELEFONE E BRANCO



FONTE: Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/corso\\_de\\_libras\\_-\\_graciele.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/corso_de_libras_-_graciele.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2018.

Sinal da palavra TELEFONE, com PA na cabeça e sinal da palavra BRANCO, com PA no braço.

**5º Expressões não – manuais – faciais ou corporais – (ENM):** são expressões faciais e corporais. As expressões não manuais se referem aos movimentos dos olhos, da face, da cabeça, do tronco, do corpo em geral que por si só, dentro de um contexto, se comunicam. Por ser de caráter gestual visual, a expressão facial e corporal na Libras referencia o contexto comunicativo e de interação entre os interlocutores, sendo muitas vezes imprescindível na decodificação.

A expressão facial e corporal deve ser feita com a maior naturalidade possível, e isso só acontece com a prática cotidiana. O sinal “alegre” e “triste” sem uma expressão correspondente fica demasiadamente estranho, dificultando ou impossibilitando sua compreensão. Por outro lado, existem sinais semelhantes que se distinguem quanto ao significado em função da ênfase na expressão do sinalizador, como no caso de “silêncio” (Figura S). Dando também a intensidade do movimento de um sinal, determinando suavidade ou vigor que atribuímos às características do objeto, ideia ou sentimento do que está sendo representado. O sinal de triste, por exemplo (Figura T), é realizado com expressão de tristeza, já para sinalizar, por exemplo, alegria/feliz (Figura F), a expressão facial é de ânimo e felicidade. É através da expressão facial e corporal que se faz a marcação de construções sintáticas, imprimindo ideia de pontuação (Afirmativa, negativa, exclamativa, interrogativa) ou de estados emocionais como medo, raiva e outros na Libras.

FIGURA 28 – “SILÊNCIO” (FIGURA S)



FONTE: Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/653584964642838766/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

FIGURA 29 – FIGURA T: SINAL EM LIBRAS – TRISTE



FONTE: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/585960601487980654/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

FIGURA 30 – FIGURA F: SINAL EM LIBRAS – FELIZ



FONTE: Disponível em: <<http://ensinesuasmaosafalar.blogspot.com/2015/11/sinonimos-e-antonimos-em-libras.html>>. Acesso em: 29 maio 2018.



O Grupo de Artes Performativas da Associação Chinesa de Pessoas com Deficiência exibe o seu número mais conhecido, a dança Qianshou Kuanyin ou Bodhisattva. Esse espetáculo prende a atenção de todos, pois as dançarinas surdas formam uma fila vertical e 42 braços promovem diferentes gestos harmoniosos simultaneamente, reproduzindo a imagem do Buda de Mil Mãos, encontrada em muitas grutas da China. Os métodos para a percepção dos sons pelas bailarinas vão desde a marcação rítmica no próprio corpo, até a utilização de uma sala especial, com caixas acústicas colocadas sob o piso de madeira, o que favorece a percepção dos ritmos através da vibração provocada no corpo. Vale a pena assistir, esse espetáculo foi criado por um famoso coreógrafo chinês, Zhang Jigang, e o vídeo está no site do Youtube. Assista você mesmo. FONTE: Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=Iq9IOkWYyY>>. Acesso em: 29 maio 2018.

### 3 MORFOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Nesta seção estudaremos noções morfológicas da Libras. Os sinais, assim como as palavras nas línguas orais, são classificados como substantivos, verbos, adjetivos etc. Sabemos que a morfologia trata do estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras através de elementos morfológicos (ou mórficos), que são as unidades que formam uma palavra. Os elementos morfológicos compreendem o radical, o tema, a vogal temática, a vogal ou consoante de ligação, afixo, desinência nominal ou verbal.

A morfologia estuda as palavras isoladamente, assim também ocorre com a Libras, e não dentro de uma frase ou período, e está agrupada em dez classes de palavras (ou “classes gramaticais”), a saber: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.



Voltaremos a estudar sobre cada um dos aspectos morfológicos da Libras na Unidade 3.

Ao estudarmos a morfologia da Libras é importante falarmos, ainda, sobre a datilologia, pois a datilologia utiliza o alfabeto manual, que é usado somente para nomes de pessoas e lugares, rótulos, não é uma representação direta do português e sim da ortografia. É uma sequência de letras escritas do português. Tendo a finalidade de soletrar palavras que ainda não possuem sinal em Libras,

ou que o soletrador não conhece, como disse anteriormente, por exemplo, nomes próprios de pessoas ou lugares. É importante salientar que o alfabeto manual não é parte da Libras, mas um sistema auxiliar utilizado para facilitar a comunicação.

As palavras das línguas orais são os sinais nas línguas de sinais. Quando se utiliza a datilologia para soletrar duas ou mais palavras, geralmente, realiza-se uma pequena pausa entre uma e outra ou move-se a mão do lado direito para o esquerdo como se estivesse passando para o lado a primeira palavra para dar espaço para soletrar a segunda.

Entretanto, uma conversação jamais será mantida usando-se somente o alfabeto manual, pois, além de cansativo, é monótono. Seria impraticável. O léxico de Libras são os sinais, que são usados nessa língua como as palavras são usadas nas línguas orais auditivas, ou seja, obedecendo aos padrões estruturais da língua.

Cidades, países, pessoas, lugares diversos, objetos, animais, sentimentos, e tudo mais pode ter um sinal. Se não existe sinal correspondente a determinada palavra ou conceito, o sujeito surdo, na medida em que vai se inteirando e entendendo o significado ou o conceito, gera um sinal que passará a fazer parte do vocabulário de Libras. A língua de sinais, assim como as demais línguas, está em constante mudança, como dito anteriormente, pois essas sofrem com as mudanças históricas e sociais, pois o tempo todo gírias são criadas, expressões surgem, coisas são inventadas e descobertas e, conseqüentemente, são nomeadas.

Neste tópico estudaremos em relação à morfologia da Libras, nos atendo mais especificamente aos substantivos e aos verbos, e como dito no UNI acima, iremos retornar a falar sobre esses assuntos na Unidade 3.

### 3.1 SUBSTANTIVOS

Os substantivos em Libras não apresentam flexão de gênero: não há desinência para marcar o gênero nos sinais. Isso acontece também com os adjetivos, pronomes e numerais. Quando se quer marcar o gênero, faz-se o sinal correspondente e acrescenta-se o sinal de HOMEM e mulher.

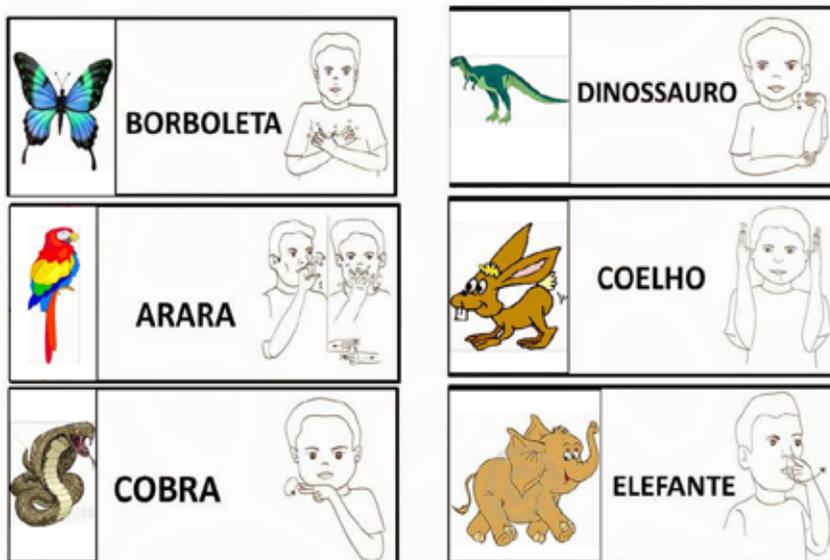
Exemplo:

FILHO: sinal de filho + sinal de homem.

CUNHADA: sinal de cunhado + sinal de mulher.

Seguem algumas figuras de exemplos de substantivos:

FIGURA 31 – SUBSTANTIVOS/NOMES DE ANIMAIS



FONTE: Disponível em: <<http://ateli francivicente.blogspot.com/2012/02/jogo-da-memoria-de-animais-em-libras-ii.html>>. Acesso em: 25 maio 2018.

## 3.2 VERBOS

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os verbos em Libras estão divididos em três classes:

**Verbos simples:** são os verbos sem concordância. Eles não flexionam em pessoas e números, por exemplo: TRABALHAR, GOSTAR, AMAR, APRENDER, ESTUDAR, BRINCAR.

**Verbos com concordância:** são os verbos que flexionam em pessoas e números – têm movimento. Exemplos: DAR, MOSTRAR, PERGUNTAR, AVISAR, ENTREGAR etc.

**Verbos espaciais:** estes verbos têm ação e direção. Eles têm uma forma icônica na maneira de realizar o sinal. Exemplos: IR, VIR, CHEGAR etc.

Em Libras, alguns verbos possuem algumas especificidades. São elas:

Existem verbos que incorporam o objeto, não havendo a necessidade de sinalizar o verbo e o objeto para estruturar a oração, porque o complemento é incorporado pelo sinal do verbo, complementado pelo movimento realizado ao produzir o sinal. Exemplos: COMER, BEBER etc.

Temos ainda os verbos que representam fenômenos da natureza, sendo eles impessoais, não têm sujeito, exemplos: CHOVER, NEVAR, TROVEJAR etc.

Alguns verbos incorporam a negação. Exemplos: NÃO TER, NÃO GOSTAR etc.

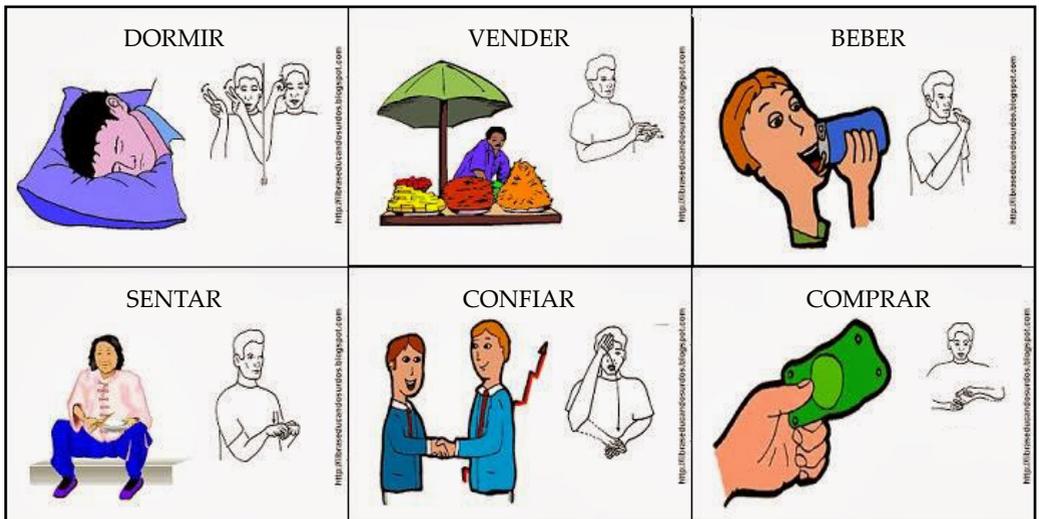
Seguem imagens sobre diversos tipos de verbos.

FIGURA 32 – VERBOS CLASSIFICADORES



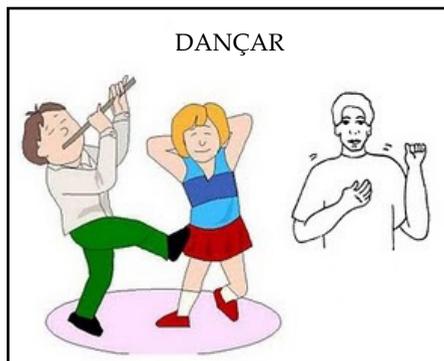
FONTE: Disponível em: <<http://ensinesuasmaosafalar.blogspot.com/2015/09/verbos-classificadores.html>>. Acesso em: 28 maio 2018.

FIGURA 33 – ALGUNS VERBOS EM LIBRAS



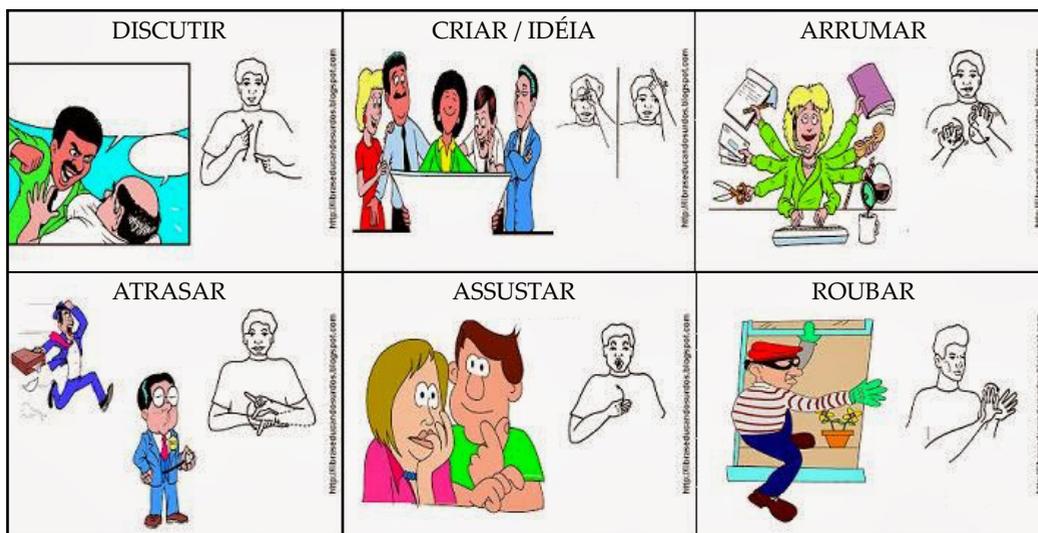
FONTE: Disponível em: <<https://librasatividadesnovas.blogspot.com/2013/10/lingua-portuguesa-para-surdos.html>>. Acesso em: 28 maio 2018.

FIGURA 34 – DANÇAR



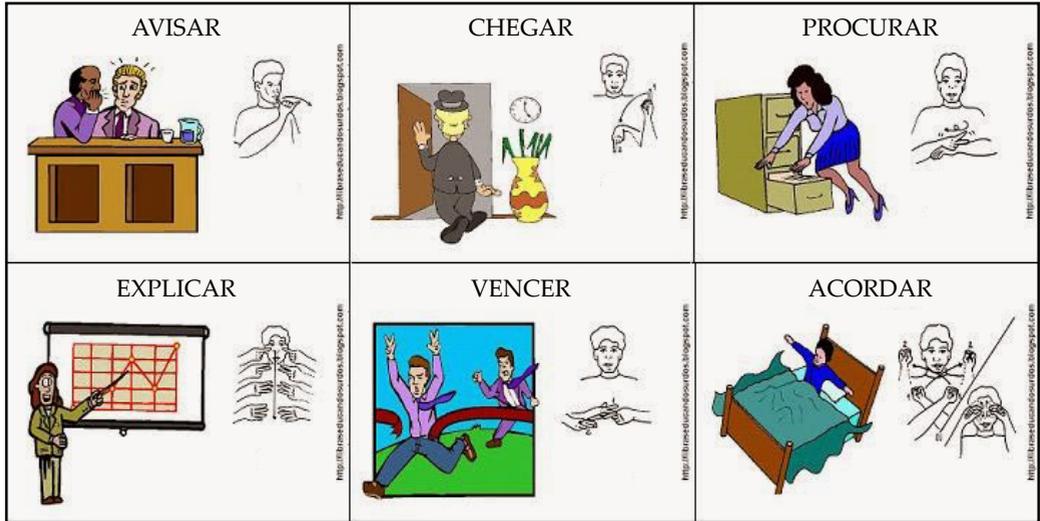
FONTE: Disponível em: <<http://libraseducandosurdos.blogspot.com>>. Acesso em: 28 maio 2018.

FIGURA 35 – VERBOS EM LIBRAS



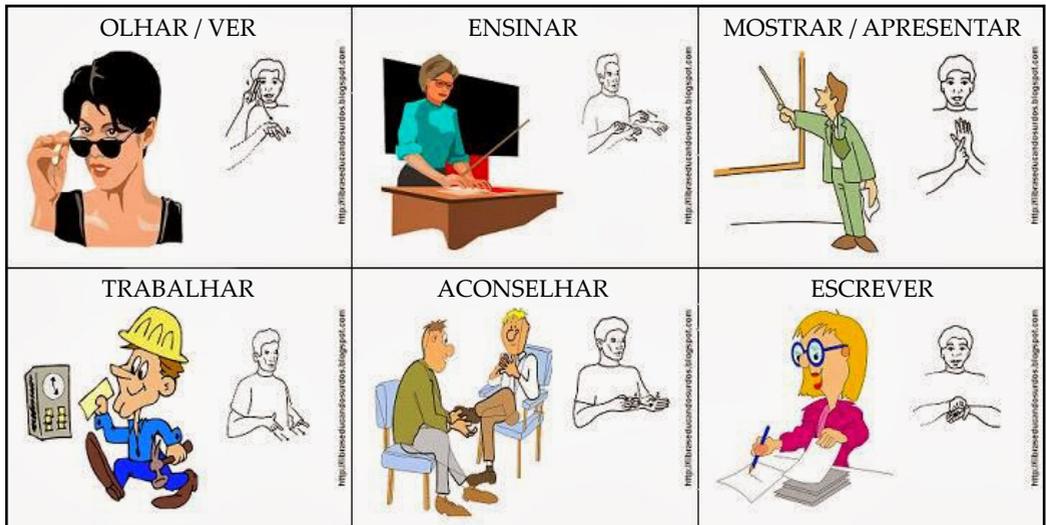
FONTE: Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/452611831292675477/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

FIGURA 36 – OUTROS VERBOS EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<https://www.pinterest.pt/pin/727964727238435630/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

FIGURA 37 – MAIS VERBOS EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/548102217141302040/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

### 3.3 ADJETIVOS

Os adjetivos em Libras também não possuem marca para gênero e para número, conseqüentemente, sempre estarão de forma neutra, isto é, na realização do sinal é reproduzida pela mão a característica do referente a ser significado. De maneira geral, nas frases, o adjetivo aparece posposto, ou seja, depois do substantivo.

Exemplos:

Em Libras: TE@ NAMORAD@ BONIT@.

Em português: Tua namorada é bonita.

FIGURA 38 – EXEMPLOS DE SINAIS DE ADJETI



FONTE: Disponível em: <<http://oficinadelibras.blogspot.com/2013/04/adjetivos-em-libras.html>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

### 3.4 SISTEMA PRONOMINAL

Os pronomes pessoais, os pronomes possessivos, os pronomes interrogativos, os pronomes indefinidos e os pronomes demonstrativos fazem parte do sistema pronominal da Libras, veremos na próxima unidade, a Unidade 3, mais detalhes em relação aos pronomes.

FIGURA 39 – SINAIS REFERENTES AOS PRONOMES



FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/LiseteLima/apostila-libras-reformulada-completa>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

# RESUMO DO TÓPICO 3

- Neste tópico aprendemos a organização fonológica das línguas de sinais.
- A realização dos sinais em Libras obedece a parâmetros que orientam o ponto de articulação, a forma assumida pela mão, o tipo de movimento executado, a posição da palma da mão e as expressões facial e corporal que acompanham o gesto. Alguns sinais não são constituídos por todos os parâmetros.
- A gramática da Libras ainda apresenta alguns pontos que merecem maior formalização, pois só recentemente passou a ser estudada com mais interesse pelos linguistas. Contudo, a insuficiência desses estudos não significa inexistência de uma gramática da Libras, sendo necessário conhecê-la, pois alterações inadvertidas na realização dos sinais, isto é, a inobservância de seus parâmetros, pode provocar problemas na compreensão e até inverter o sentido do que se está tentando comunicar.
- Estudamos a morfologia da Libras, sobre: verbos, substantivos, adjetivos e pronomes.
- A Libras, assim como qualquer outra língua, está carregada pela cultura e pelas questões sociais dos sujeitos que a utilizam.



1 As unidades mínimas que formam um sinal na Libras são:

- a) ( ) Expressão facial, expressão corporal, iconicidade e locação.
- b) ( ) Configuração de mão, articulação dos braços e movimento.
- c) ( ) Movimento, expressões corporais e alfabeto manual.
- d) ( ) Alfabeto manual, iconicidade e arbitrariedade.
- e) ( ) Configuração de mão, movimento, locação, orientação da palma e expressões não manuais.



2 Pesquise na internet – dicionário on-line <[www.acesobrasil.org.br/libras/](http://www.acesobrasil.org.br/libras/)> – os sinais solicitados a seguir e relacione-os, conforme a orientação da mão.



agora – apagador – bicicleta – casa – fogo – governador – magro – poesia – por favor – queimadura – soldado – vida – escola – pai – mãe.

3 Pesquise e faça uma lista de:

- a) Cinco sinais realizados em diferentes Pontos de Articulação (PA):
- b) Cinco sinais com a mesma Configuração de Mãos (CM):
- d) Cinco sinais com diferentes movimentos (M):



4 A partir do que foi estudado, em relação à Libras, escreva um pequeno texto comentando a afirmação: “A linguagem não tem somente uma função instrumental de comunicação, mas é fator primordial no desenvolvimento cognitivo e na criação de uma concepção de mundo”.





# TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS BÁSICOS

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- apresentar as teorias e métodos de análise fonológica das línguas orais;
- estudar as teorias e métodos de análise fonológica da Libras;
- compreender os princípios estruturalistas com aplicação à língua de sinais;
- entender a consciência fonológica.

## PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. Em cada um deles, você encontrará atividades que o ajudarão a aplicar os conhecimentos apresentados.

TÓPICO 1 – TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS ORAIS

TÓPICO 2 – TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DA LIBRAS

TÓPICO 3 – PRINCÍPIOS ESTRUTURALISTAS COM APLICAÇÃO À LÍNGUA DE SINAIS





## TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS ORAIS

### 1 INTRODUÇÃO

Prezado acadêmico! Para iniciarmos nossa conversa, nesta Unidade 3, refletiremos a teoria e métodos de análise fonológica das línguas orais, para depois discutirmos mais especificamente as línguas de sinais. Temos estudado a linguística e a língua é, sem dúvida, parte da cognição humana. Por isso, a linguística investiga a relação entre língua e pensamento, e suas conexões com nossa capacidade motora, com nossa percepção visual e auditiva, e como essas conexões operam na construção da significação. Neste tópico, nós estudaremos a consciência fonológica e a leitura e escrita, frutos dessa consciência fonológica. Então, acadêmico, perceba que a língua é um fenômeno eminentemente social.

Como vimos no tópico anterior, a linguagem não é um meio neutro através do qual uma mensagem é enviada. As palavras são carregadas de sentido para os falantes, pois para haver linguagem entre os seres humanos é necessário que exista uma consciência fonológica, que é própria, criadora de significados e produtora de sentidos e como tal deve ser estudada. Segundo Bakhtin (1990), ela é inseparável do fluxo da interação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente nessa corrente.

De acordo com o Glossário da CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita) da faculdade de Educação da UFMG, com texto de autoria de Thaís Cristóforo Alves da Silva, disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/consciencia-fonologica>>. Acesso em: 12 jun. 2018. Podemos dizer que o conceito de

*Consciência fonológica* é mais abrangente do que o de *consciência fonêmica*. Enquanto a *consciência fonêmica* diz respeito à habilidade de conscientemente manipular sons individuais ou fonemas que compõem uma palavra, a *consciência fonológica* diz respeito à habilidade de conscientemente manipular não apenas os sons individuais, mas também as sílabas, as partes das sílabas (rimar) e as palavras. Vários estudos demonstraram a importância do desenvolvimento da *consciência fonológica* para a aquisição da leitura e escrita e mostram que atrasos nesse processo de aquisição estão relacionados a lacunas no desenvolvimento da *consciência fonológica*. Portanto, o desenvolvimento da *consciência fonológica* favorece a generalização e a memorização das relações entre as letras e os sons.

Como podemos verificar, a consciência fonológica é de suma importância para nos auxiliar no ensino e reaprendizado em relação à aquisição da leitura e da escrita, ou seja, da compreensão e a habilidade de manipularmos os sons individuais e também as sílabas. Assim, só nos é possível cantar, por exemplo, porque temos consciência fonológica. Veremos mais detalhadamente à frente estudos e conceitos sobre a consciência fonológica.

FIGURA1 – ESQUEMA SOBRE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA



FONTE: Acesso em: <<http://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com/2017/07/consciencia-fonologica-o-que-e-como.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

## 2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ESTUDOS E CONCEITOS

Para falarmos sobre consciência fonológica é importante entendermos o conceito referente a esse termo, bem como entender quais são os estudos relacionados a ele. O termo consciência fonológica pode ser entendido como um conjunto de habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras até a segmentação e manipulação de sílabas e fonemas (BRYANT; BRADLEY, 1985). Ou seja, a consciência fonológica é a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades, em sílabas e em fonemas.

Assim, a consciência fonológica é o conhecimento que cada um de nós tem sobre os sons da língua materna, é uma competência que permite identificar, manipular e refletir sobre os sons da fala. Em outras palavras, é a capacidade de perceber que a linguagem é formada por palavras, as palavras por sílabas, e as sílabas por fonemas (sons).

FIGURA 2 – CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

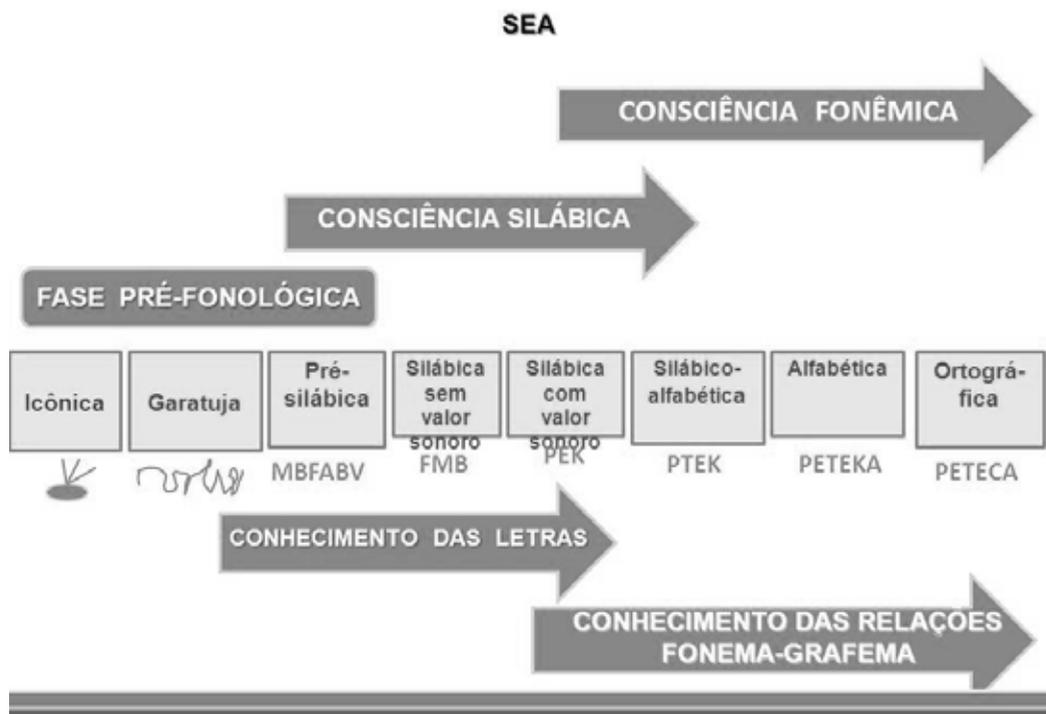


FONTE: Disponível em: <<http://www.cisdec.pt/produto/workshop-consciencia-fonologica/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Conforme podemos observar na Figura 2, considerando a habilidade metalinguística de tomada de consciência das características formais da linguagem, ela é compreendida em dois níveis: primeiro, a consciência de que a língua falada pode ser segmentada em unidades distintas, ou seja, a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas; e segundo, que as palavras são constituídas por sequências de sons e fonemas representados por grafemas.

Morais (1995) pontua que enquanto a consciência de segmentos suprafonêmicos se desenvolve de modo espontâneo, o desenvolvimento da consciência fonêmica necessita da introdução formal a um sistema de escrita alfabética. A precedência da consciência suprafonêmica em relação à consciência fonêmica é devida ao fato de que sílabas isoladas são manifestadas como unidades discretas da fala, o que não ocorre com os fonemas. Ainda de acordo com Moraes (1995), para a consciência de fonemas são necessárias instruções expressas sobre a estrutura da escrita alfabética, no intuito de familiarizar a criança com o mapeamento que a escrita faz dos sons da fala.

FIGURA 3 – CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A ESCRITA



FONTE: Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/11111054/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

Vale ressaltar que as instruções para o desenvolvimento da habilidade de manipular os sons da fala, bem como as instruções para desenvolver a habilidade de converter esses sons em escrita e vice-versa, devem ser realizadas de modo a tornar explícitas à criança estas correspondências (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2003).

Existem três estratégias básicas para se lidar com a palavra escrita. A primeira é a logográfica. O uso desta estratégia implica o reconhecimento das palavras por meio de esquemas idiossincráticos. Desta forma, os aspectos críticos para a leitura podem não ser as letras, e sim dicas não alfabéticas. A segunda estratégia é a alfabética, e implica analisar as palavras em seus componentes (letras e fonemas) e em utilizar, para codificação e decodificação, regras de correspondência grafofonêmicas. Finalmente, a estratégia ortográfica implica a construção de unidades de reconhecimento no nível alfabético. Com isso, partes das palavras podem ser reconhecidas diretamente, sem conversão fonológica. Assim, resumidamente, segundo Morton (1989), a leitura se dá de acordo com um modelo de duplo processo: o acesso ao som e ao significado pode ocorrer por meio de um processo direto ou por meio de um processo indireto, envolvendo mediação fonológica. Como podemos perceber, esses processos são muito importantes e precisam ser compreendidos, principalmente em relação ao ensino e aprendizagem de uma forma geral.

Visto que a consciência fonológica envolve a capacidade de identificação, de manipulação, de combinação, de isolamento e segmentação, em relação aos segmentos fonológicos da língua. Antes que as crianças possam ter qualquer compreensão do princípio alfabético, devem entender que aqueles sons que se associam às letras são precisamente os mesmos sons da fala. A consciência fonológica se divide em dois níveis muito complexos: a consciência silábica e a consciência fonêmica, sendo esta a ordem de trabalho durante a aquisição da leitura e escrita.

Por volta dos três anos de idade o ser humano apresenta um ponto importante no desenvolvimento da linguagem. Geralmente, até esta idade, as crianças desenvolvem a capacidade de discriminação auditiva, ou seja, é a capacidade de distinguir os diferentes sons do ambiente e da fala. É a partir dessa idade que as crianças começam a ser capazes de fazer jogos de rimas, de produzir palavras novas ou inventadas, de dividir e de juntar sílabas. As crianças começam então a aceder à capacidade de consciência fonológica ou consciência dos sons da fala.

A consciência fonológica é uma capacidade metalinguística, que se refere à consciência de que a linguagem falada pode ser dividida em várias unidades, ou seja, a frase pode ser dividida em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas. A criança será ainda capaz de identificar que essas mesmas unidades se podem repetir em diferentes palavras.

De acordo com o Relatório Francês do Observatório Nacional de Lectura (2001), à medida que a criança inicia o processo de aprendizado da leitura por decodificação grafofonêmica e passa a encontrar as mesmas palavras escritas, aos poucos vai construindo um léxico mental ortográfico.

### 3 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: LEITURA E ESCRITA

Como vimos acima, a consciência fonológica está relacionada ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, e isso para ouvintes e para surdos, pois a rota fonológica, que se desenvolve com a estratégia alfabética, é essencial para a leitura e a escrita competentes, pois faz uso de um sistema gerativo que converte a ortografia em fonologia e vice-versa, o que permite à criança ler e escrever qualquer palavra nova, apesar de cometer erros em palavras irregulares. Conforme apresentamos na figura a seguir, que demonstra um esquema desse sistema gerativo.

FIGURA 4 – SISTEMA GERATIVO



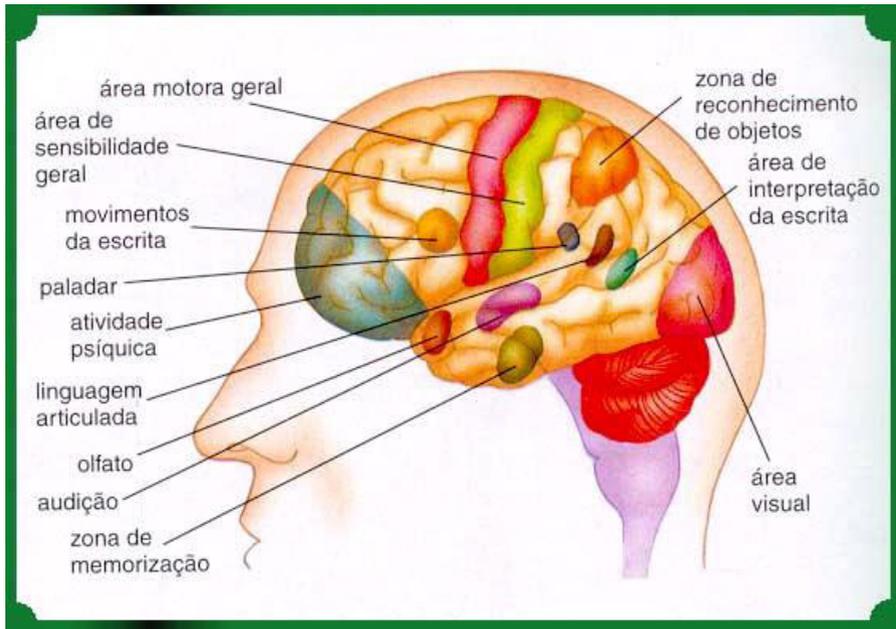
FONTE: Disponível em: <<http://cfonologica.blogspot.com/2009/06/relacao-entre-consciencia-fonologica-e.html>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

A geratividade, característica das ortografias alfabéticas, permite a autoaprendizagem pela criança, pois ao encontrar um novo item a criança poderá fazer leitura/escrita por (de)codificação fonológica. Esse processo contribuirá para a criação de uma representação ortográfica do item que posteriormente poderá ser lido pela rota lexical.

Na escrita de um sistema alfabético, como o Português, as crianças devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala, isto é, tomem contato com as estruturas mínimas da linguagem que são os fonemas. Desta forma, a consciência fonológica é a habilidade de compreender a maneira pela qual a linguagem oral pode ser dividida em componentes cada vez menores: sentença em palavra, palavra em sílaba e sílaba em fonema. Ela e a aprendizagem da leitura e da escrita se desenvolvem em uma 'pista de mão dupla', uma vez que uma contribui para o sucesso do desenvolvimento da outra.

O cérebro humano realiza vários processos de cognição para podermos pensar e desenvolver a linguagem. Vejamos nas figuras a seguir um pouco desse processo.

FIGURA 5 – REGIÕES DO CÉREBRO E SUAS LIGAÇÕES COM A LINGUAGEM



FONTE: Disponível em: <<http://educativreprogresso.blogspot.com/p/processos-de-aprendizagem.html>>. Acesso em: 16 jun. 2018.



"Dizemos que um indivíduo exerce uma atividade metacognitiva quando ele, conscientemente, analisa seu raciocínio e suas ações mentais, "monitorando" seu pensamento. Quando a pessoa faz isso sobre a linguagem oral ou escrita, dizemos que ela está exercendo uma atividade metalinguística. Tal reflexão consciente sobre a linguagem pode envolver palavras, partes das palavras, sentenças, características e finalidades dos textos, bem como as intenções dos que estão se comunicando oralmente ou por escrito. Quando reflete sobre os segmentos das palavras, a pessoa está pondo em ação a consciência fonológica".

FONTE: Disponível em: <<https://www.soescola.com/wp-content/uploads/2018/01/consciencia-fonologica.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

FIGURA 6 – CÉREBRO HUMANO E SUAS FUNCIONALIDADES



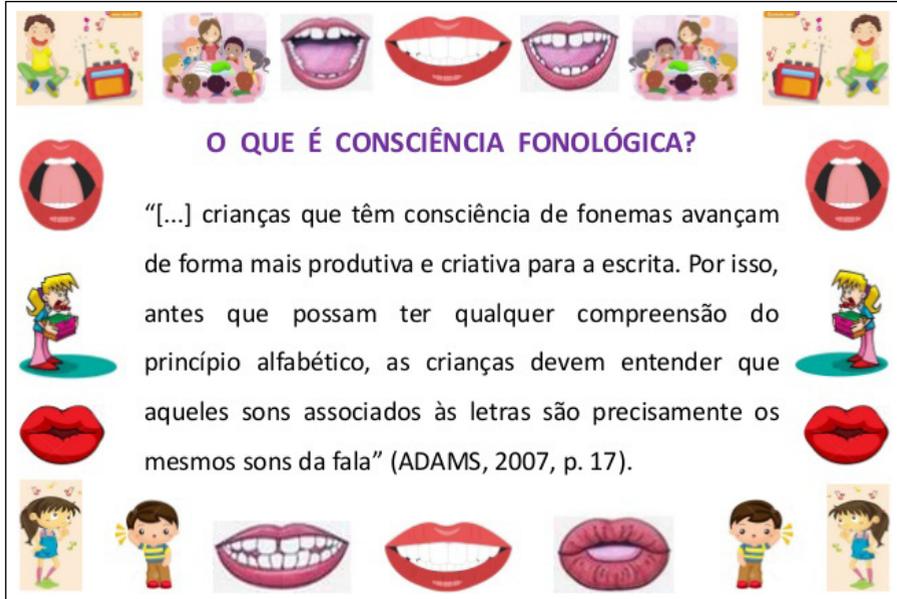
FONTE: Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/cerebro/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

Como podemos ver nas figuras 5 e 6 representando o cérebro humano, o cérebro, é o órgão mais importante do sistema nervoso que controla o corpo todo. Ele é responsável pelas ações voluntárias e involuntárias do nosso corpo. As ações voluntárias são aquelas que nos permite ter vontade própria, como comer, falar, brincar, mexer o dedão do pé e muitas outras. Já as ações involuntárias são aquelas que fazemos sem perceber, como bater o coração, respirar, aquelas que o corpo faz mesmo quando você está dormindo. O cérebro humano é dividido em duas metades: lado direito e lado esquerdo.

A metade esquerda do cérebro comanda o lado direito do corpo, e a metade direita do cérebro comanda o lado esquerdo do corpo. Desta forma, nós conseguimos pensar e nos movimentar ao mesmo tempo. Geralmente, questões envolvendo linguagem, como processar o que ouvimos e falamos; lógica e a realização de cálculos matemáticos exatos são tarefas processadas pelo nosso hemisfério esquerdo, responsável também pela nossa memória. O hemisfério direito é responsável por nossas habilidades espaciais, pelo reconhecimento fácil e pelo processamento musical. No quesito matemático, só mesmo o básico, principalmente as estimativas e comparações. É esse hemisfério que nos ajuda a compreender imagens e enxergar sentido no que vemos. Com relação à linguagem, é ele também que nos auxilia a interpretar tons de voz e contextos.

Prezado acadêmico, como você pode reparar, quesitos como linguagem e habilidades matemáticas são processadas pelos dois hemisférios, mas de maneiras diferentes, então é realmente algo muito complexo estipular se uma pessoa é mais comandada pelo lado direito ou pelo lado esquerdo do cérebro, ou que a consciência fonológica utiliza mais o lado direito ou esquerdo, pois utilizamos os dois.

FIGURA 7 – O QUE É CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/2eQxYq>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

As etapas de aquisição da consciência fonológica dependem das experiências linguísticas, do desenvolvimento cognitivo da criança e da exposição ao sistema alfabético para aquisição da leitura e escrita. As sub-habilidades da consciência fonológica são:

1. Consciência de palavras: a capacidade de segmentar a frase em palavras, organizá-las e dar-lhes sentido;
2. Consciência silábica: a capacidade de segmentar palavra em sílabas, a criança tem de identificar e discriminar as sílabas;
3. Rimas e aliterações: Noção de rima, sendo a capacidade de identificar rimas; Aliteração, ou seja, a capacidade de identificar ou repetir a sílaba ou fonema no início da palavra;
4. Consciência fonêmica: Consciência fonêmica, ou seja, a capacidade de manipular e isolar os fonemas que compõem a palavra (GUIA DE FORMAÇÃO PNAIC, 2018).

Surge, assim, o desenvolvimento da consciência fonológica, e seu desenvolvimento processa-se praticamente desde que a criança nasce e depende de alguns fatores, como: o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança; a exposição a experiências linguísticas e a aprendizagem da leitura e escrita.

Entretanto, não somos robôs programados para seguirmos sempre os mesmos padrões. Assim, nem sempre a consciência fonológica se processa da mesma forma em todas as crianças, mas geralmente segue os seguintes passos:

- **Do 1 aos 3 meses:** geralmente criança consegue identificar o som da voz materna.
- **Dos 3 aos 6 meses:** geralmente orienta a cabeça em direção a uma fonte sonora.
- **Dos 9 aos 13 meses:** geralmente criança começa a perceber o processo de produção de fala, consiste numa sequência de sons da voz humana, tentando imitar o adulto. Sendo neste período que a criança começa a dizer as primeiras palavras.
- **Dos 30 aos 36 meses:** geralmente distingue todos os sons da sua língua, faz autocorreções quando da produção do seu discurso, percebendo o encadeamento sonoro correto.
- **Dos 3 aos 4 anos:** geralmente divide palavras simples em sílabas e identifica rimas.
- **Aos 5 anos:** geralmente identifica sons em palavras.
- **Aos 6 anos:** geralmente adquiriu as capacidades anteriores, mas apresenta lacunas na consciência fonêmica, ou seja, a capacidade adquirida que consiste na manipulação e substituição de unidades sonoras que constituem as palavras, uma vez que ainda não iniciou o processo de aprendizagem da leitura e escrita.
- **A partir dos 6 anos, após entrada no 1º Ano do Ensino Fundamental:** geralmente domina todos os níveis da consciência fonológica.

Geralmente é na entrada para o 1º ano do Ensino Fundamental que a criança faz duas das mais importantes aquisições: a leitura e a escrita. Na verdade, a escrita é a exposição gráfica da oralidade ou da sinalização da língua de sinais. No caso da Língua Portuguesa Brasileira é principalmente de constituição fonêmica, isto é, para cada representação gráfica (letra) existe pelo menos uma correspondência fonêmica (som), já na Libras, para cada palavra temos um parâmetro que nos permitirá diferenciar uma palavra de outra. As palavras escritas são compostas por combinações de letras que estão constantemente relacionadas com as unidades sonoras que as representam. Todavia, a capacidade para fazer esta relação só é possível se a criança conseguir identificar e manipular os sons da língua ou os sinais, ou seja, ter acesso à consciência fonológica, isso nas línguas orais e nas línguas de sinais.

Assim, a capacidade de identificar os sons e as suas combinações que constituem a fala é um marco importante na aprendizagem da leitura e escrita, no caso das línguas orais; já em relação às línguas de sinais, quanto mais cedo a criança entrar em contato com as línguas de sinais, melhor será o desenvolvimento da leitura e da escrita. Esta tarefa resulta da relação entre a escrita e a oralidade, o que implica a identificação dos fonemas e a sua manipulação, para que seja estabelecida a relação necessária entre eles para formar as palavras pretendidas.

Estimular o diálogo com as crianças e entre elas é muito importante para o desenvolvimento dessas em relação à leitura e escrita e até mesmo em relação ao desenvolvimento cognitivo tanto das crianças ouvintes como crianças surdas. Nos últimos anos, a consciência fonológica tem sido indicada como uma habilidade importante para aquisição da leitura e da escrita em um sistema alfabético de escrita (BRYANT; BRADLEY, 1985; CAPOVILLA, 2005), pois a consciência fonológica é a habilidade que permite uma atenção aos sons da fala como entidades independentes do significado, envolvendo, portanto, a atenção explícita para os segmentos que compõem a linguagem falada, para Bryant e Bradley (1987), até porque as competências menos complexas são precursoras da construção de competências fonológicas mais complexas, de tal modo que detectar as sílabas iniciais e a rima das palavras é mais fácil do que detectar fonemas, e detectar semelhanças sonoras é mais fácil do que isolar sons nas palavras.

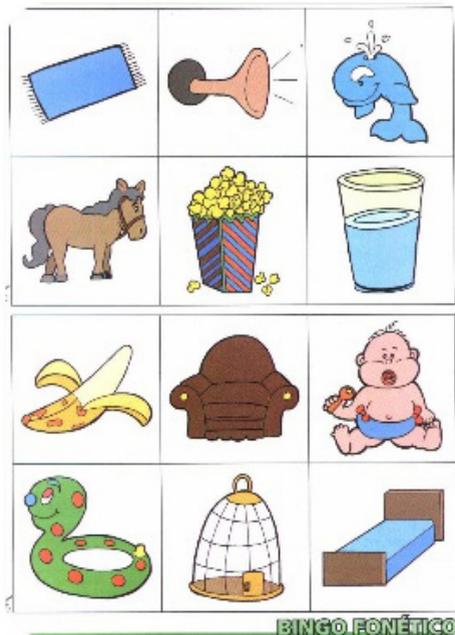
Entendemos, assim, que a consciência fonológica, ou o conhecimento acerca da estrutura sonora da linguagem, desenvolve-se nas crianças ouvintes no contato destas com a linguagem oral de sua comunidade, ou no caso dos surdos, através da língua de sinais. É na relação dela com diferentes formas de expressão oral, ou seja, através da linguagem, que essa habilidade metalinguística se desenvolve, desde que a criança se vê imersa no mundo linguístico. Diferentes formas linguísticas a que qualquer criança é exposta dentro de uma cultura vão formando sua consciência fonológica, entre elas destacamos as músicas, cantigas de roda, poesias, parlendas, jogos orais, e a fala propriamente dita, pois o pensamento, a linguagem, o ambiente, o tempo e os diferentes espaços contribuem para a formação do pensamento discursivo.

Atividades sobre o tamanho, as semelhanças e as diferenças das palavras, ou seja, sobre as características sonoras das palavras, assim como tarefas de isolamento ou manipulação de fonemas e das unidades suprasegmentais da fala (isto é, das sílabas ou rimas) viabilizam concretamente o seu desenvolvimento. O trabalho de estimulação pode englobar o reconhecimento e produção de rimas, análise, síntese, reversões e outras manipulações silábicas e fonêmicas, além de habilidades em realizar a correspondência entre fonema e grafema e vice-versa. Assim, a consciência fonológica exerce um papel importante no processo de aprendizagem da leitura e escrita em línguas alfabéticas, pois a criança precisa ter essa consciência para se apropriar do sistema alfabético da escrita.

Seguem alguns exemplos de atividades geralmente trabalhadas nas salas de aula em relação à consciência fonológica.

FIGURA 8 – CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA/SÍLABAS: POSSIBILIDADES

## CF sílabas – várias possibilidades



- Separar as palavras em sílabas

-No bingo, falar somente a primeira sílaba

-Fazer bolinhas debaixo de cada sílaba

-Dizer outra palavra que começa com a mesma sílaba

-Separar as palavras de 2 e 3 sílabas

-Identificar a sílaba inicial, medial e final

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/GPmax>>. Acesso em:18 jun. 2018.

Exercícios para desenvolver a consciência fonológica são muito importantes. A consciência fonológica é a capacidade de reconhecer a sequência de sons que integram a palavra falada e de compreender que esses sons, numa determinada ordem, podem formar palavras que têm um significado.

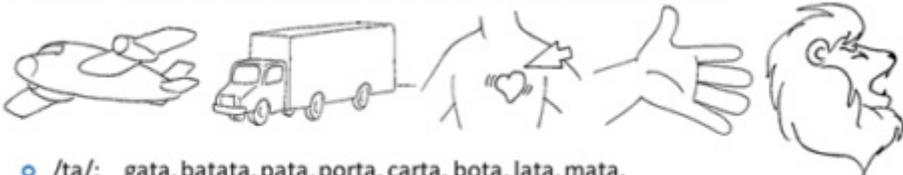
FIGURA 9 – EXEMPLO DE ATIVIDADE COM DOMINÓ DAS SÍLABAS



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/tndmEx>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

FIGURA 10 – EXEMPLOS DE ATIVIDADES

- /ão/: avião, caminhão, coração, mão, leão, violão, pião, falcão.



- /ta/: gata, batata, pata, porta, carta, bota, lata, mata.



- /ço/: berço, poço, pescoço, palhaço, braço, moço, balanço.



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/X2ZCw8>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FIGURA 11 – MAIS EXEMPLOS DE ATIVIDADES

<b>Nome</b>	
<b>Data</b>	

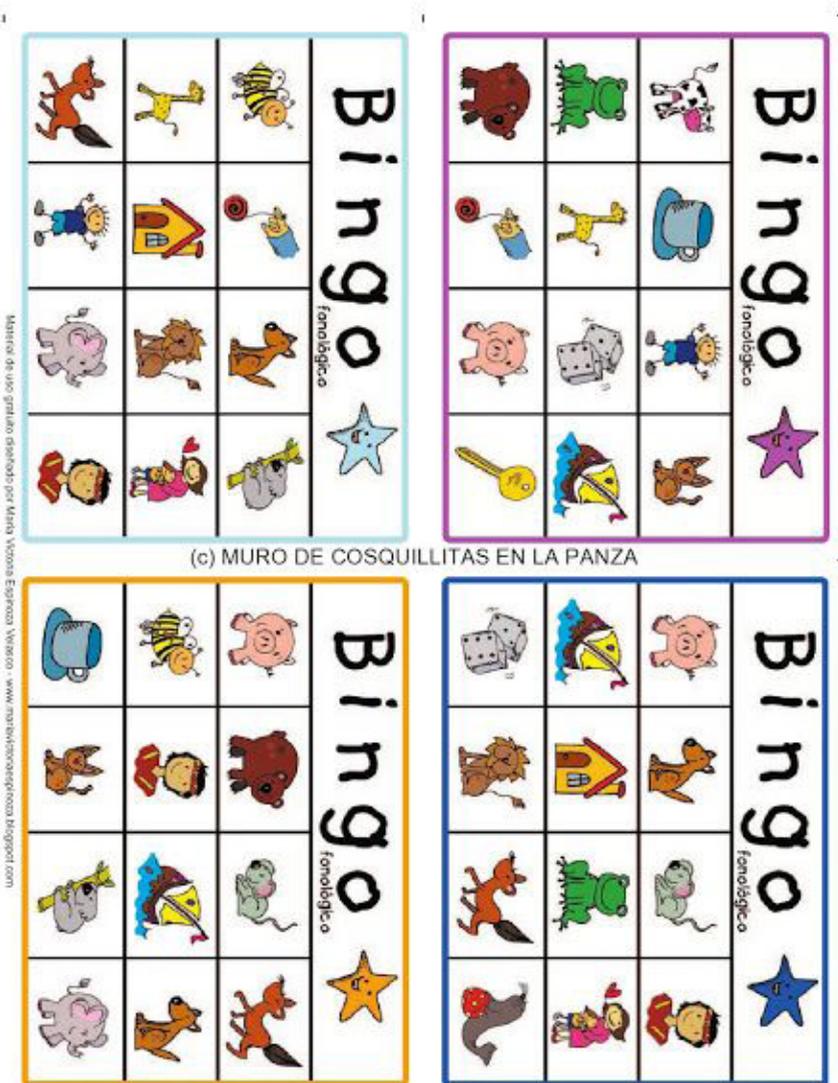
**Pinta o elemento de cada fila cujo nome não acaba com o mesmo som.**



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/iS5Wn2>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

FIGURA 12 – BINGO FONOLÓGICO

PDFaid.Com  
#1 PDF Solution



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/fdgJr9>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FIGURA 13 – DOMINÓ DE RIMAS



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/kHcboj>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FIGURA 14 – TRINCA RIMADA



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/H6gLYe>>. Acesso em: 22 jun. 2018.



manipulação da estrutura sonora das palavras. Por não ser algo homogêneo, a consciência fonológica apresenta diferentes níveis, ou seja, o nível da consciência de palavras que formam a frase, o da consciência de sílabas e, posteriormente, a consciência de fonemas, conforme vimos anteriormente. Cada um deles pode contribuir para o desenvolvimento dos outros, que por sua vez irão repercutir no aprendizado da leitura e da escrita. Existem muitas pesquisas e atividades que ensinam diferentes maneiras de estimular a consciência fonológica, mas se o processo for lúdico, o resultado será mais satisfatório, pois as crianças, por exemplo, aprendem com mais facilidade quando o processo de ensino e aprendizagem passa pelo lúdico.

Podemos utilizar, por exemplo, parlendas, poemas, rimas, músicas, jogos, adivinhação, entre outros, para estimular esse desenvolvimento. Pois o professor precisa traçar estratégias que combinem, nas atividades de sala de aula, o domínio da decodificação com o trabalho de construção de significado (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2003). No próximo tópico, iremos estudar as teorias e métodos de análise fonológica da Libras, fazendo um paralelo com o que estudamos neste tópico sobre teoria e métodos de análise fonológica das línguas orais.

# RESUMO DO TÓPICO 1

## Neste tópico você viu que:

- A língua é parte da cognição humana, diante disso, a linguística investiga a relação entre língua e pensamento.
- O conceito de consciência fonológica é mais abrangente do que o da consciência fonêmica.
- Consciência fonológica: é a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades, em sílabas e em fonemas. Assim, a capacidade de perceber que a linguagem é formada por palavras, as palavras por sílabas e as sílabas por fonemas (sons).
- A consciência fonológica está relacionada ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, pois a rota fonológica, que se desenvolve com a estratégia alfabética, é essencial para a leitura e a escrita competentes, pois faz uso de um sistema gerativo que converte a ortografia em fonologia e vice-versa, o que permite à criança ler e escrever qualquer palavra nova, apesar de cometer erros em palavras irregulares.
- Geratividade: característica das ortografias alfabéticas permite a autoaprendizagem pela criança, pois ao encontrar um novo item a criança poderá fazer leitura/escrita por (de)codificação fonológica. Esse processo contribuirá para a criação de uma representação ortográfica do item que posteriormente poderá ser lido pela rota lexical.
- O cérebro humano realiza vários processos de cognição para podermos pensar e desenvolvermos a linguagem.
- Entendemos assim que a consciência fonológica, ou o conhecimento acerca da estrutura sonora da linguagem, desenvolve-se nas crianças ouvintes no contato destas com a linguagem oral de sua comunidade, ou no caso dos surdos, através da língua de sinais.
- Por não ser algo homogêneo, a consciência fonológica apresenta diferentes níveis, ou seja, o nível da consciência de palavras que formam a frase, o da consciência de sílabas e, posteriormente, a consciência de fonemas, conforme vimos anteriormente. Cada um deles pode contribuir para o desenvolvimento dos outros, que por sua vez irão repercutir no aprendizado da leitura e da escrita.

- Existem muitas pesquisas e atividades que ensinam diferentes maneiras de estimular a consciência fonológica, mas se o processo for lúdico, o resultado será mais satisfatório, pois as crianças, por exemplo, aprendem com mais facilidade quando esse processo de ensino e aprendizagem passa pelo lúdico.

## AUTOATIVIDADE



Vamos praticar o que estudamos fazendo algumas atividades:

- 1 Em uma determinada turma de Educação Infantil, a professora Fátima trabalha a rima de palavras com o poema “O jogo de bolas”, de Cecília Meireles. Depois de chamar a atenção das crianças para o final igual de algumas palavras como bola/bela, Raul/azul, Fátima sugere a brincadeira “Vamos Rimar?” para as crianças criarem novas rimas com outras palavras. Por meio dessa atividade lúdica, a professora desenvolve na Educação Infantil:



- a) ( ) Consciência fonológica.
- b) ( ) Letramento.
- c) ( ) Alfabetização
- d) ( ) Leitura.

- 2 Neste tópico estudamos a TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS ORAIS, vimos que a linguagem não é um meio neutro através do qual uma mensagem é enviada. As palavras são carregadas de sentido para os falantes. A linguagem é, ela própria, criadora de significados e produtora de sentidos e como tal deve ser estudada. Segundo Bakhtin (1990), ela é inseparável do fluxo da interação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente nessa corrente.



Considerando a “linguagem no processo de alfabetização”, analise as afirmações a seguir e assinale a alternativa que contém todas as corretas.

- I. Oralidade e escrita caminham juntas e, portanto, o estudo da linguagem requer que sejam trabalhadas de forma a serem consideradas as suas diferenças e, ao mesmo tempo, suas similaridades, usos e funções.
- II. A oralidade é fundamental ao processo de alfabetização. Pela fala as crianças constituem-se sujeitos capacitados para a aprendizagem, bem como para a apropriação de conhecimentos novos ancorados nas suas experiências prévias.
- III. O aprendizado da fala e da escrita se dá de forma espontânea e independente, no contexto de convívio entre os pares.
- IV. A fala da criança é tão importante quanto as ações dela decorrentes para o alcance dos objetivos educacionais. Na perspectiva histórico-cultural, à fala atribui-se importância tão vital que, se não for permitido seu uso, muitos indivíduos não conseguirão resolver seus intentos.
- V. O sistema de escrita implica apenas em codificação de símbolos.

- a) ( ) II – III – V.
- b) ( ) III – IV.
- c) ( ) IV – V.
- d) ( ) I – II – IV.

3 Sabemos que a interação social é um elemento essencial na promoção de oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento da consciência fonológica. Tratando-se de pensamento e linguagem, o ambiente, o tempo e os diferentes espaços contribuem para a formação do pensamento discursivo. Nesse contexto, na fase inicial de formação de conceito, na qual a criança busca refletir sobre a definição de uma palavra, as qualidades plásticas da palavra que desempenham função importante são:



- a) ( ) Pensar sensório-motor, linguagem não cognitiva e balbucio.
- b) ( ) Narrativa, pensamento e linguagem.
- c) ( ) Ritmos, modulações e consonâncias.
- d) ( ) Então, antes e depois.
- e) ( ) Imagens, traços e mímica.

4 Existem vários métodos de alfabetização. O método de alfabetização cujo princípio é de que é preciso ensinar as relações entre sons e letras, para que se relacione a palavra falada com a escrita, é denominado:



- a) ( ) Fônico.
- b) ( ) Alfabético.
- c) ( ) Silábico.
- d) ( ) Histórico.





## TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DA LIBRAS

### 1 INTRODUÇÃO

Conforme dissemos no tópico anterior, iremos a partir de aqui nos debruçar a estudar teorias e métodos ligados à análise fonológica da Libras. No tópico anterior, nós estudamos a consciência fonológica em relação às línguas orais, é importante ressaltar que as línguas de sinais e línguas orais são parecidas em muitos aspectos. Para Sandler (2005), ambas são línguas naturais que surgem onde há uma comunidade de pessoas que falam a mesma língua; ambas cumprem efetivamente todas as funções mentais e sociais; as duas são adquiridas pelas crianças sem qualquer ensino formal, ou seja, você primeiro fala determinada língua e só depois irá formalizar essa língua, aprendendo, por exemplo, a ler e a escrever. Assim, sua aquisição ocorre por meio de exposição natural e interacional. Para Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são transmitidas de geração a geração; não são universais e podem ser analisadas linguisticamente em diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Para Felipe (2004), a Libras caracteriza-se como língua natural da comunidade surda brasileira, estando, dessa forma, inserida nas culturas, bem como nas políticas linguísticas e sociais. A Língua de Sinais classifica-se como de modalidade visual-gestual, porque constitui um meio de comunicação produzido por configurações de mãos, movimento, locação, além da expressão facial e corporal, ou seja, as informações linguísticas são percebidas pela visão. Eis a diferença da Língua Portuguesa, por exemplo, que representa uma língua de modalidade oral-auditiva, por utilizar os sons articulados como percebidos pela audição.

São várias as teorias e métodos ligados ao ensino e aprendizagem da Libras. Entretanto, neste tópico iremos nos ater a estudar a consciência fonológica em relação aos estudos e conceitos da Libras e também sobre a consciência fonológica dos surdos ligadas à leitura e escrita.

No Brasil, por volta dos anos 1980, o tema consciência fonológica começou a despertar o interesse de pesquisadores. Inicialmente, as investigações foram relacionadas à aprendizagem da leitura e, posteriormente, à aquisição da escrita (COSTA, 2003).

## 2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ESTUDOS E CONCEITOS DA LIBRAS

Prezado acadêmico! Conforme já estudamos no decorrer do nosso livro, podemos dizer que vários estudos têm sido realizados quando se diz respeito à consciência fonológica, isso pelo fato de a mesma desempenhar um papel importante na aprendizagem da leitura e da escrita em um sistema alfabético.



Segundo Moogen et al. (2003, p.11): [a] consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor).

Alguns registros sobre a evolução histórica da educação dos surdos mostram que as investigações científicas, sobretudo na área da Psicologia e também da Filosofia, se valem do papel da linguagem no desenvolvimento do pensamento humano. Para Vygotsky (1925), por exemplo, é fundamental o papel da linguagem na aprendizagem, pois, “a linguagem não apenas cumpre a função de comunicação entre as crianças, sendo também um meio para o pensamento” (VYGOTSKY, 1925, p. 23).

Como vimos na Unidade 1 sobre a linguagem, ela é uma atividade humana de natureza sociocultural, para Vygotsky (1998) é o meio pelo qual o homem se apropria e veicula o conhecimento historicamente produzido. Considerar essa perspectiva é acreditar, acima de tudo, que os surdos podem aprender assim como o ouvinte, desde tenham acesso a uma língua e uma linguagem que lhe propiciem adquirir esses conhecimentos. Desta forma, a linguagem, para Vygotsky (1998), é a principal mediadora dos sujeitos com o mundo, o que leva a ser essencial na constituição do sujeito enquanto humano.

Nosso estudo sobre consciência fonológica tem como viés o ensino e aprendizagem das pessoas surdas, a questão educacional das pessoas com deficiência auditiva ou surdez está presente no Brasil desde o ano de 1857, quando D. Pedro II criou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos. A criação desta escola deve-se a Ernesto Hüet, que veio da França para o Brasil com os planos de fundar uma escola para surdos-mudos. Em 1957 a escola passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, localizado na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa do governo imperial. Além do INES, também foram criados, para o atendimento educacional de pessoas com surdez, em 1929 o Instituto Santa

Terezinha, situado em Campinas-SP; no ano de 1951 a Escola Municipal de Educação Infantil e de Ensino Fundamental Helen Keller, em São Paulo, e em 1954 o Instituto Educacional de São Paulo, doado em 1969 para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e renomeado de Departamento de Reabilitação e Distúrbios da Comunicação (DERDIC), o qual mantém até hoje papel importante na educação de pessoas com deficiência auditiva/surdez e no atendimento clínico prestado às pessoas com alterações de audição, voz e linguagem (MAZZOTTA, 2011).

Para Cruz (2016), diante da relação existente entre consciência fonológica e aprendizagem de leitura por parte de pessoas ouvintes, algumas pesquisas apontam que a conexão entre consciência fonológica bem documentada em crianças ouvintes não é tão evidente em crianças surdas. Mesmo que alguns estudos constatem que o desenvolvimento e uso do conhecimento fonológico na língua oral contribui para alguns surdos alcançarem maiores níveis de leitura, ainda não há clareza se essa habilidade é uma ferramenta necessária para facilitar o processo de leitura por surdos.

Todavia, se considerarmos que a língua de sinais, assim como uma língua oral, como a Língua Portuguesa Brasileira, por exemplo, a Libras também pode ser dividida em unidades menores, assim, ela é uma “língua” como as demais. Outras pesquisas pensaram e avaliaram “a consciência fonológica” de uma língua de sinais, a Libras. Cruz e Lamprecht (2008) pesquisaram e elaboraram um “instrumento de avaliação da consciência fonológica em crianças surdas utentes da Língua Brasileira de Sinais”, quanto às diferentes modalidades de “configurações de mãos” (sinal realizado com duas mãos, ou uma mão, uma mão fechada, outra aberta etc.). Os participantes da pesquisa foram: 15 alunos surdos, entre seis e 11 anos de idade, em fase inicial da aquisição da linguagem de sinais entre zero e quatro anos, e cinco professores surdos. Em primeiro lugar realizou-se um teste de datilografia, em seguida um teste de escolha utilizando figuras, imagens ou o sinal que ia de acordo com o modelo. Os resultados demonstram que o instrumento elaborado foi efetivo para a avaliação da “consciência fonológica” quanto à configuração de mãos, pois se constatou que o maior período de exposição à língua de sinais estava proporcionalmente correlacionado aos resultados favoráveis na modalidade “configuração de mãos”, conforme vimos na Unidade 2, ao estudarmos sobre a configuração de mãos.

Relembrando, Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010), ao se posicionarem sobre a Libras, descrevem os seguintes componentes básicos: 1) Configuração de mãos – são as diversas formas que as mãos tomam parte na realização do sinal. A Libras “oficial” possui 46 configurações de mãos (CM). 2) Movimento – Envolve desde os movimentos internos das mãos, o movimento do pulso e os movimentos direcionais no espaço até um conjunto de movimentos no mesmo sinal (M). 3) Localização ou ponto de articulação – É o ponto em frente ao corpo ou região do próprio corpo onde os sinais são articulados (L). Sendo que estes componentes básicos da língua de sinais comportam os pares mínimos, que são

sutis diferenças que mudam o significado do sinal. Temos, assim, os pares mínimos distintos apenas pelo parâmetro “configuração de mãos”; os pares mínimos distintos apenas pelo parâmetro “movimento” e os pares mínimos distintos apenas pelo parâmetro “localização”/“ponto de articulação”.

Vejamos algumas figuras representando esses pares mínimos.

FIGURA 17 – PARES MÍNIMOS DISTINTOS APENAS PELO PARÂMETRO “LOCALIZAÇÃO”/“PONTO DE ARTICULAÇÃO”



**Mãos “S”**

**APRENDER**

**LARANJA**

**Exemplos:**

APRENDER

- CM: “C” e “S”
- PA: Testa
- M: Abrir e Fechar

LARANJA

- CM: “C” e “S”
- PA: Frente á Boca
- M: Abrir e Fechar

FONTE: Disponível em: <[http://2.bp.blogspot.com/\\_Dt6SgmrBjgk/TE9VfeeD0hI/AAAAAAAAATM/BVJJ\\_etii9U/s1600/PA.png](http://2.bp.blogspot.com/_Dt6SgmrBjgk/TE9VfeeD0hI/AAAAAAAAATM/BVJJ_etii9U/s1600/PA.png)>. Acesso em: 23 jun. 2018.

Os sinais APRENDER e LARANJA possuem a mesma configuração de mão, todavia pontos de articulação diferentes.



Vejamos mais à frente no tópico uma explicação mais abrangente sobre os parâmetros das línguas de sinais.

Conforme temos observado neste livro, sobre a consciência fonológica, o estudo da mesma nos aponta para a importância da leitura e da escrita, e é isso que iremos estudar na próxima seção.

## 3 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DOS SURDOS: LEITURA E ESCRITA

Quando tratamos da questão da alfabetização e letramento, entendemos que quanto mais cedo a criança tiver acesso a situações que proporcionem a ela o desenvolvimento da leitura e escrita, melhor será esse desenvolvimento. Por exemplo, através de contação de histórias, acesso a livros, revistas, imagens, diálogos com outras crianças e com adultos, entre outros. Vários estudos, caro acadêmico, têm apontado para a importância da iniciação dos bebês surdos e crianças surdas no aprendizado na língua de sinais, o mais cedo possível.

Um desses estudos é de Cruz (2016), que em sua pesquisa de doutorado realizou testes de consciência fonológica em Libras, em três etapas:

- (1) avaliação da consciência fonológica do parâmetro configuração de mãos;
- (2) consciência fonológica do parâmetro localização e;
- (3) consciência fonológica do parâmetro movimento.

Caso o participante errasse, deveria prosseguir até o fim das avaliações, que diminuía o grau de dificuldade, pois o objetivo era apenas verificar o tempo de resposta e sua relação com o período de exposição do participante à Libras. Constatando assim que não se pode avaliar um aluno usuário da língua de sinais em “consciência fonológica”, uma língua escrita, tomando por base a língua oral, que ele não domina, mas a sua língua materna, a língua visuoespacial, ou língua de sinais. Ainda apresenta que o domínio da L2, a Língua Portuguesa Brasileira, no caso dos surdos brasileiros, está vinculada à aquisição, na infância, da língua de sinais, ou seja, a Libras.

Seguem algumas atividades de consciência fonológica que podem ser utilizadas nesse processo de ensino e aprendizagem.

FIGURA 18 – CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: CONSTRUINDO FRASES

**INICIO**

**Vamos dar a volta!**

Cada figura do jogo de trilha tem o som //l/. Faça uma frase com cada figura que você parar.

**FIM**

PULAR

VENTILADOR

LUTA

FAMÍLIA

GAIOLA

LEÃO

LIMÃO

BORBOLETA

LAMBER

FILA

LAÇO

LIDER

LAGO

LAVANDERIA

LAVA

LASANHA

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/yadMPu>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Na figura a seguir, nós temos o exemplo de como podemos trabalhar a construção de ideias, aumentando a consciência fonológica.

FIGURA 19 – ATIVIDADE DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

### QUEM?



### COMO?



### SINÔNIMOS:

 **CONTENTE**  
 **SORRIDENTE**  
 **BEM**

**QUEM ?**

**A MULHER**

**O QUÊ ?**

**ESTÁ FELIZ.**



FONTE: disponível em <<https://goo.gl/7Ghmvc>> acesso em: 23 de jun. 2018.



Na figura anterior nós podemos ver imagens associadas a palavras que são interessantes para se trabalhar a questão da consciência fonológica com o surdo, pode-se utilizar, por exemplo, as imagens para se trabalhar a construção de textos a partir das imagens e palavras, entre outras atividades. O importante, acadêmico, é entender que a Libras é uma língua visuoespacial, e diante disto, o uso de imagens no período de alfabetização em Libras é importantíssimo para o surdo.

FIGURA 22 – ATIVIDADE DE SEQUÊNCIA HISTÓRICA

Leia as frases e numere a história na sequência.

### Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho.

		<input type="checkbox"/> Chapeuzinho Vermelho resolveu levar doces para vovozinha e foi caminhando pela floresta.
		<input type="checkbox"/> Chapeuzinho Vermelho encontrou o lobo mau.
		<input type="checkbox"/> O lobo mau chegou a casa da vovó primeiro que Chapeuzinho Vermelho.
		<input type="checkbox"/> O lobo mau escondeu a vovozinha.
		<input type="checkbox"/> O lobo mau vestiu o pijama e deitou-se na cama da vovozinha.
		<input type="checkbox"/> Chapeuzinho Vermelho abriu a porta e foi até o quarto da vovó.
		<input type="checkbox"/> Chapeuzinho Vermelho se sentou na cama e achou estranho a vovó e lhe fez umas perguntas.
		<input type="checkbox"/> O lobo mau queria pegar Chapeuzinho e ela saiu gritando socorro.
		<input type="checkbox"/> O caçador chegou e espantou o lobo mau.
		<input type="checkbox"/> O lobo mau todo assustado saiu correndo para floresta.
		<input type="checkbox"/> A vovó agradecida convidou o caçador e Chapeuzinho Vermelho para tomar um lanche.

**Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar.**

**Ler é tornar-se uma pessoa mais sábia.**

FONTE: Disponível em: <<http://blogclickeducativo.blogspot.com.br/2016/10/2-ano-producao-de-texto-e-avaliacao.html?m=1>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 23 – ATIVIDADE ENVOLVENDO A LINGUAGEM MATEMÁTICA

NOME: \_\_\_\_\_

1) OBSERVE AS CÉDULAS E MOEDAS ABAIXO E ESCREVA O VALOR DE CADA UMA.



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2) VEJA O VALOR DOS BRINQUEDOS E COMPLETE A TABELA.



PRODUTO	VALOR
BOLA	
BONECA	
CARRINHO	
PETECA	
PIÃO	

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/eiDK3C>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Como podemos observar, o uso das imagens é importantíssimo neste processo de ensino e aprendizagem, de um modo geral em relação aos surdos, e isso em todo o processo envolvendo a linguagem matemática, entre outras.

FIGURA 24 – ATIVIDADE RESOLVENDO AS OPERAÇÕES

**RESOLVENDO AS OPERAÇÕES**

 + 
  + 
  = R\$

 + 
  = R\$

 + 
  + 
  = R\$

 + 
  + 
  = R\$

 + 
  + 
  = R\$

 + 
  + 
  = R\$

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/jQc7M6>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 25 – ATIVIDADE DE RELACIONAR IMAGENS



Associa as imagens que se relacionam:

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/7UXcM4>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Prezado acadêmico! Como temos dito, é sempre interessante utilizar imagens neste processo de ensino e aprendizagem em Libras, porém é importante ressaltar que o discente surdo, assim como o discente ouvinte, é um ser pensante e que sempre irá precisar de novos estímulos diante das inúmeras possibilidades de conhecimentos, não só para o surdo, mas todo ser humano.

FIGURA 26 – ATIVIDADE DE RELACIONAR IMAGENS PELA SÍLABA INICIAL



**ASSOCIA AS IMAGENS QUE COMEÇAM COM A MESMA SÍLABA:**

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/VqvEpK>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 27 – ATIVIDADE DAS PROFISSÕES PERTENCENTES AOS OBJETOS

**Junta o objecto com a profissão a que pertence**



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/doMLLY>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Como podemos observar nas últimas figuras, com modelos de atividades, em todas foram utilizadas imagens e figuras, isso para evidenciar a importância das imagens no ensino e aprendizagem da Libras. Assim, entendemos que o treinamento da consciência fonológica pode gerar melhora na representação fonológica das palavras, tanto para ouvintes, como para pessoas surdas.

Para ocorrer um bom desenvolvimento nas habilidades de leitura e escrita, essas dependem das condições extrínsecas e intrínsecas depositadas sobre a criança. Condições extrínsecas podem favorecer uma aquisição mais fácil nesta etapa de evolução. Entre estas, a exposição da criança a atividades que explorem a manipulação consciente dos sons e da sinalização da Libras, podendo favorecer o desenvolvimento da linguagem escrita e na sinalização em si, ou seja, o desenvolvimento deste sujeito na aprendizagem da Libras.

# RESUMO DO TÓPICO 2

**Neste tópico 2 da Unidade 3 vimos:**

- Teorias e métodos ligados à análise fonológica da Libras.
- As línguas de sinais e línguas orais são parecidas em muitos aspectos, ambas são línguas naturais que surgem onde há uma comunidade de pessoas que falam a mesma língua; ambas cumprem efetivamente todas as funções mentais e sociais; as duas são adquiridas pelas crianças sem qualquer ensino formal, ou seja, você primeiro fala determinada língua e só depois irá formalizar essa língua, aprendendo, por exemplo, a ler e a escrever, assim, sua aquisição ocorre por meio de exposição natural e interacional.
- Para Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são transmitidas de geração a geração; não são universais e podem ser analisadas linguisticamente em diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.
- Para Felipe (2004), a Libras caracteriza-se como língua natural da comunidade surda brasileira, estando, dessa forma, inserida nas culturas, bem como nas políticas linguísticas e sociais.
- A Língua de Sinais classifica-se como de modalidade visual-gestual, porque constitui um meio de comunicação produzido por configurações de mãos, movimento, locação, além da expressão facial e corporal, ou seja, as informações linguísticas são percebidas pela visão. Eis a diferença da Língua Portuguesa, por exemplo, que representa uma língua de modalidade oral-auditiva, por utilizar os sons articulados como percebidos pela audição.
- Consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor).
- No Brasil, por volta dos anos 1980, o tema consciência fonológica começou a despertar o interesse de pesquisadores. Inicialmente, as investigações foram relacionadas à aprendizagem da leitura e, posteriormente, à aquisição da escrita (COSTA, 2003).
- Quando tratamos da questão da alfabetização e letramento, entendemos que quanto mais cedo a criança tiver acesso a situações que proporcionem isso a ela, melhor é para o desenvolvimento desta criança; com crianças surdas e ouvintes isso não ocorre de forma diferente;

- Vários estudos apontam para a importância da iniciação dos bebês surdos e crianças surdas no aprendizado na língua de sinais, o mais cedo possível;
- A importância das imagens no ensino e aprendizagem da Libras.

## AUTOATIVIDADE



1 A Libras é uma língua, pois possui gramática e um sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases, altamente complexo como as demais línguas. Desse modo, qual é a sua denominação correta?



2 Quadros (1997) refere que Rodrigues (1993) apresenta uma reflexão sobre a língua de sinais e sua aquisição por crianças surdas. Ele faz sua análise de um ponto de vista biológico e chega a algumas conclusões. Assinale a alternativa incorreta:



- a) ( ) Se as línguas de sinais são organizadas no cérebro da mesma forma que as línguas orais, então as línguas de sinais são naturais.
- b) ( ) Se as línguas de sinais são línguas espaço- visuais, então estão organizadas no hemisfério cerebral direito.
- c) ( ) Se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico.
- d) ( ) Se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde seu aprendizado.
- e) ( ) Se a natureza compensa parcialmente a falta da audição, aumentando a capacidade visual dos surdos, então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando lhes é imposta uma língua oral em vez da língua de sinais.

3 Descreva quais são as sub-habilidades da consciência fonológica das línguas orais e da Libras.







## PRINCÍPIOS ESTRUTURALISTAS COM APLICAÇÃO À LÍNGUA DE SINAIS

### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico 3 iremos fazer uma breve abordagem sobre o contexto histórico e suas funcionalidades estruturais da língua de sinais no decorrer da história, pois a linguagem apresenta diversos planos de estruturação. Partindo do princípio de que a expansão da língua e sua diversidade de influência possam contribuir para o progresso de compreensão dos fragmentos linguísticos ao longo dos séculos para os surdos.

Em relação ao saber histórico, não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a coisas ou ao mundo extralinguístico, onde os discursos e textos podem aparecer em mais de uma língua. Essa língua nos remete para um plano funcional, principalmente quando se muda as circunstâncias e fatos. Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, no caso dos surdos brasileiros, eles podem utilizar a língua de sinais e ao mesmo tempo utilizarem a Língua Portuguesa Brasileira, que conseqüentemente carrega várias outras marcas linguísticas para além do português de Portugal. Podemos dizer que elas são denominadas de funcional ou estruturalista em seu contexto metodológico ou histórico.

A teoria estruturalista representa um desdobramento da teoria da burocracia e uma leve aproximação à teoria das relações humanas. O movimento estruturalista teve um caráter mais filosófico, na tentativa de obter a interdisciplinaridade das ciências. Parte do conceito de estrutura, como uma composição de elementos visualizados em relação à totalidade da qual fazem parte. Portanto, por sua natureza, todas as partes estão estruturadas (subordinadas uma a outra) de tal forma que alterações em qualquer delas implica em rever o todo. Sendo assim, o conceito do estruturalismo das línguas de sinais é a teoria que se preocupa com o todo e com o relacionamento das partes na constituição de um todo. A totalidade, a interdependência das partes e o fato de que o todo é maior do que a simples soma das partes, são suas características básicas. Sendo assim, iremos estudar sobre o signifiicante e o significado e também sobre os parâmetros das línguas de sinais, levando em consideração que a Libras, por exemplo. Como dito anteriormente, é uma língua e essa carrega uma história e tem uma estrutura.

## 2 SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO

Acadêmico, talvez você esteja se perguntando o que é significante e significado para a Libras, porém, antes de tudo é importante esclarecer esses conceitos. A noção de significante trata-se de um fonema ou de uma sequência de fonemas que constituem um signo linguístico ao associar-se com um significado. E o signo linguístico é, portanto, a unidade mínima da oração que é composta por um significado e por um significante, unidos de forma inseparável através da significação.

Já o significado é o conteúdo semântico de um signo, que está condicionado pelo sistema e pelo contexto. O significado (o aspecto conceitual) é estabelecido a partir do seu vínculo com o significante (aspecto material) no signo linguístico. Podemos considerar o caso da palavra “casa”. É um conjunto de fonemas articulados (/k/, /a/, /z/, /ɐ/), cujo significante designa um significado específico: o conceito mental daquilo que é uma “casa”, isto é, um edifício para habitar. O significante aponta ou designa algo, ao passo que o significado é aquilo que é designado.

A teoria saussuriana afirma que a língua se organiza como um sistema de signos, cuja unidade se centraliza no signo linguístico. Ele é formado por duas partes, como as duas faces de uma folha de papel: um significante e um significado. Essas duas entidades que o compõem possuem correspondência psíquica e se ligam por um vínculo de associação. Os signos linguísticos se caracterizam como convencionais e se compõem pelo significante, também chamado de imagem acústica, que “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (SAUSSURE, 2006, p. 80), e pelo significado, também chamado de conceito.

Quando um falante de língua portuguesa, por exemplo, percebe, através do ouvido, a impressão psíquica transmitida pela imagem acústica ou significante /kaRo/, manifesta-se fonicamente o signo carro. Assim sendo, evoca psiquicamente a ideia de automóvel, que anda na estrada para algum lugar, corre, trafega sobre quatro rodas, entre outras.

FIGURA 28 – SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/ryzEMz>>. Acesso em: 24 de jun. 2018.

Em Libras existe o signo linguístico da mesma forma que nas outras línguas. Para Stokoe (1960), os sinais reúnem combinações simultâneas de organização dos elementos das línguas de sinais: a configuração da mão, a locação (lugar no corpo ou no espaço onde o sinal se produz) e o movimento. Posteriormente, novos teóricos, com novas pesquisas, acrescentaram os parâmetros de orientação (a direção em que a palma da mão faz os "pontos"), bem como expressões faciais e corporais (denominadas sinais não manuais), conforme temos visto no decorrer desta disciplina. Desta forma, o signo linguístico da língua de sinais dá origem ao significado, de caráter conceitual, e, por outro lado, cria o significante, imagem ótica (no caso de língua de sinais) ou mental (no caso de língua oral). Juntos, formam o signo linguístico.

Quando um sujeito surdo recebe a imagem, ele transmite por meio da impressão ótica o significante de "carro", em seguida, produz com as mãos o gestual, incluindo os parâmetros: configuração de mão em "S", movimento (mãos em "S" movem em arcos alternados, para os lados e para cima, e para baixo) e locação (mãos em "S" não tocam no corpo, ficam no espaço neutro). Essas combinações podem, ainda, levar a entender que o carro anda na estrada. Para a criação do significante, é, pois, necessário que se tenha um sentido, um significado.

Ainda é importante ressaltarmos que existe uma oposição entre arbitrariedade e iconicidade do signo linguístico das línguas de sinais. A noção de arbitrariedade está principalmente relacionada ao fato de que não existe uma relação motivada entre o som, o significante, e o significado da palavra, o conceito. Alguns estudiosos se opuseram a Saussure (2006) quanto à arbitrariedade, argumentando que as onomatopeias teriam uma motivação metafísica, pois a noção de iconicidade do signo linguístico começa na afirmação de que as onomatopeias são ideais de uma motivação, o que possibilita a "imaginação estrutural de uma palavra", relacionando o natural entre os elementos e sentidos que eles expressam. Desta forma, as palavras seriam estruturas sonoras que imitariam o som dos seres que elas designam.

Quando atualizados no ato da fala pelos falantes, levariam esses a tentar reproduzir as semelhanças existentes entre o real e o signo, entre o que se vê e o sinal que se faz. A defesa de Saussure (2006) a essa crítica se fundamenta em dois argumentos: primeiro, as onomatopeias se apresentam em número restrito nas línguas; e segundo, sua escolha se desenvolve de forma arbitrária, elas apenas se aproximam dos sons que ouvimos, e com os sinais, por sua vez, não são diferentes, os sinais se aproximam das imagens que se vê.

Assim, de modo convencional, esses signos se mostram no fato de que as onomatopeias se formam de um sistema fonético-fonológico das línguas. Então isso significa que, em alguns casos, tentamos criar signos através da imitação dos sons e ruídos que ouvimos. Entretanto, quando se trata da língua de sinais, verificou-se, inicialmente, uma séria objeção a essa ideia de Saussure.

Ele não levou em consideração as línguas de sinais. Verificou-se que não só nas línguas de sinais, mas também nas línguas orais, muitos signos eram motivados: seus significantes procuravam transmitir os sons que os seres produziam (no caso das línguas orais), ou as formas como os objetos se apresentavam (no caso das línguas de sinais). Como decorrência, perdeu por algum tempo nas línguas de sinais um grau elevado de sinais icônicos (telefone, carro, casa) que traduziam a forma do objeto; no entanto, é importante ressaltar que essa não era a única característica da língua de sinais. Atualmente os pesquisadores americanos que tratam do processo da mudança histórica da Língua de Sinais Americana (ASL) identificam que, no início, existiam, realmente, muitos sinais icônicos; todavia, com o passar do tempo eles foram diminuindo e, por consequência, os sinais arbitrários foram aumentando.



Sinais icônicos: uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da Libras, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. Exemplos: Telefone, casa, borboleta e árvore, frio, calor etc. Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas, pois cada língua irá capturar as questões culturais da sociedade em que ela está inserida. Existindo assim olhares diferentes diante do mesmo referente, por exemplo, o sinal da palavra árvore. Em Libras, o sinal é realizado representando o tronco usando o antebraço e a mão aberta, as folhas em movimento, já na LSC (Língua de Sinais Chinesa) representa essa mesma palavra, utilizando o tronco da árvore com as duas mãos. (Os dedos indicadores e polegares ficam abertos e curvos). Já os sinais arbitrários são aqueles que mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois na língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade.

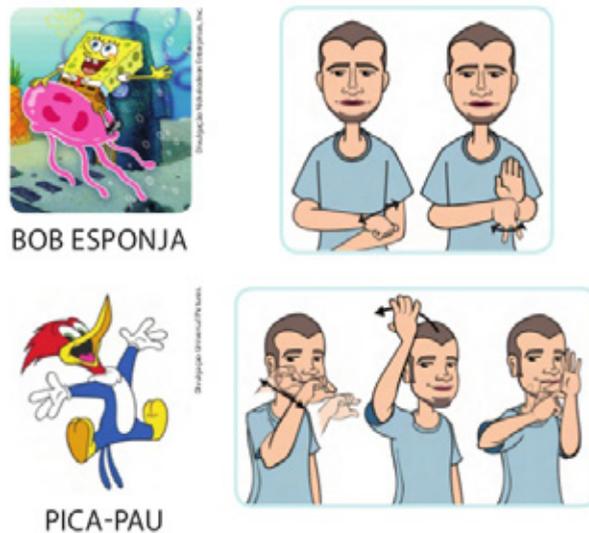
Vejamos algumas figuras representando os sinais icônicos, ou seja, sinais esses que têm como base a identificação.

FIGURA 29 – SINAIS ICÔNICOS: CASA, BORBOLETA, PASSARINHO E ÁRVORE



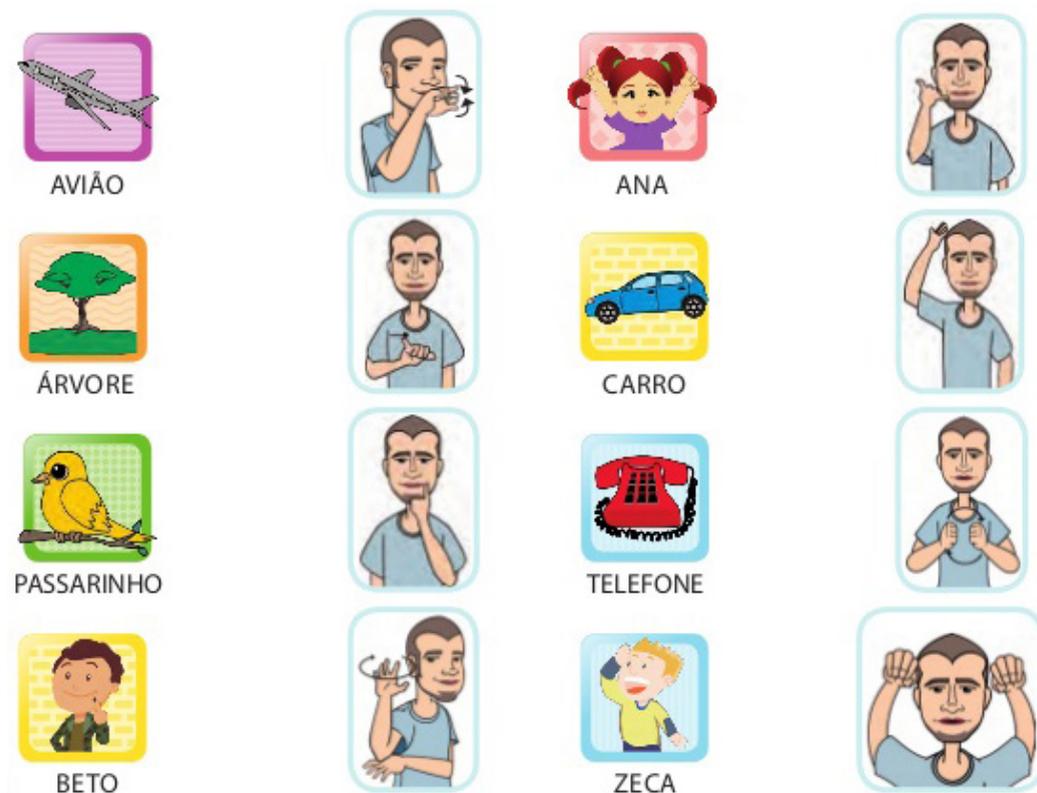
FONTE: Disponível em: <[https://4.bp.blogspot.com/-OqHaw89\\_1yU/V4um55x4KEI/AAAAAAAAAgII/-zdq6qdTscEq0ZYT6o1rLwAgZpaLGyiPgCLcB/s1600/Slide29.JPG](https://4.bp.blogspot.com/-OqHaw89_1yU/V4um55x4KEI/AAAAAAAAAgII/-zdq6qdTscEq0ZYT6o1rLwAgZpaLGyiPgCLcB/s1600/Slide29.JPG)>. Acesso: em 24 jun. 2018.

FIGURA 30 – SINAIS ICÔNICOS: BOB ESPONJA E PICA-PAU



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/6SRG5D>>. Acesso em: 24 jun. 2018

FIGURA 31 – EXEMPLO DE ATIVIDADE UTILIZANDO SINAIS ICÔNICOS DE LIGUE



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/YVn7a8>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 32 – SINAIS ICÔNICOS EM RELAÇÃO ÀS EXPRESSÕES GESTUAIS



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/YtNw7z>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Assim, os sinais icônicos se apresentam de forma icônica, ou seja, em formas linguísticas que tentam imitar o referencial real e suas características visuais. Já os sinais arbitrários não representam as características visuais do seu referencial real.

Para Saussure (2006), os signos linguísticos sempre são convencionais, mesmo quando são icônicos. Assim, eles não são previsíveis, ou seja, nós não podemos adivinhar, antecipadamente, como vai ser em uma língua, ou o signo que se refere a uma determinada coisa.

### 3 PARÂMETROS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Conforme temos estudado, a Libras é composta por cinco PARÂMETROS:

Sendo eles:

- Configuração das mãos
- Pontos de articulação
- Orientação
- Movimento
- Expressão facial e/ou corporal

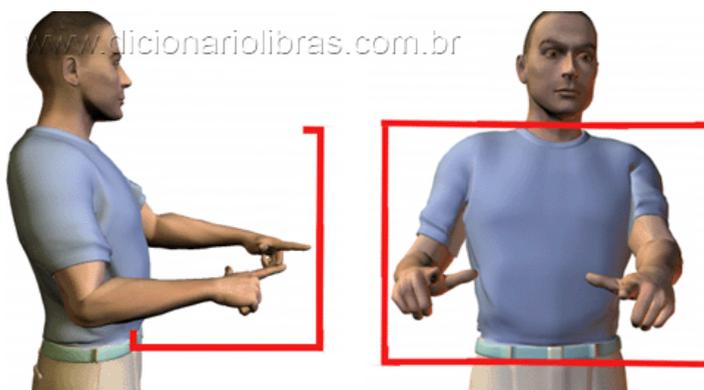
Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, conforme vimos na unidade anterior. Seguem algumas figuras representando esses parâmetros:

FIGURA 33 – CONFIGURAÇÃO DE MÃOS



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/2myxzG>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 34 – PONTO DE ARTICULAÇÃO



**Pontos de articulação neutros. Do meio do corpo até a cabeça e na frente do sinalizador.**

FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/ukNBf2>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 35 – PONTO DE ARTICULAÇÃO

## **PONTO DE ARTICULAÇÃO: PA**

- É o lugar do corpo onde será realizado o sinal. Ex:



**Configurações de mão iguais.  
Regiões de articulação diferentes.**

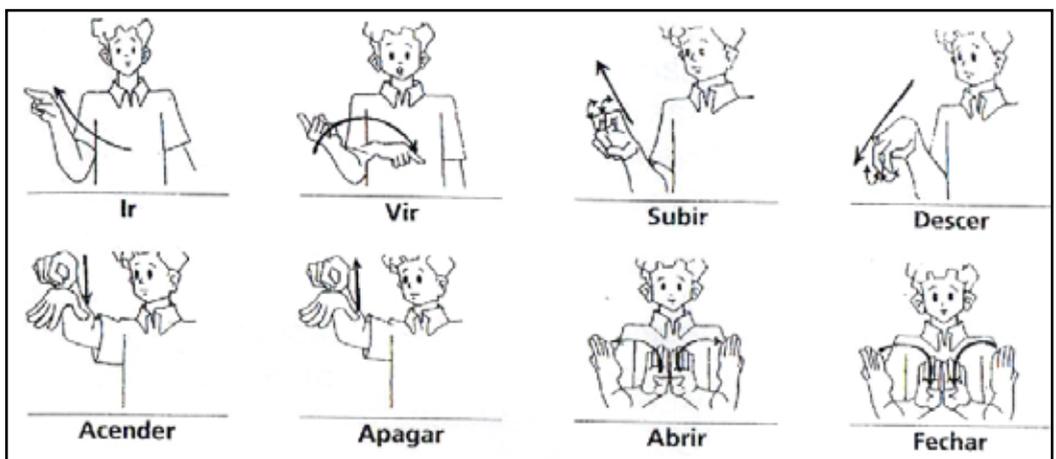
FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/8sFp4r>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 36 – MOVIMENTO



FONTE: Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/\\_Dt6SgmrBJgk/TE9WtH8K1ul/AAAAAAAAATU/tN2KNypki-k/s1600/M.png](http://4.bp.blogspot.com/_Dt6SgmrBJgk/TE9WtH8K1ul/AAAAAAAAATU/tN2KNypki-k/s1600/M.png)>. Acesso em: 24 jun. 2018.

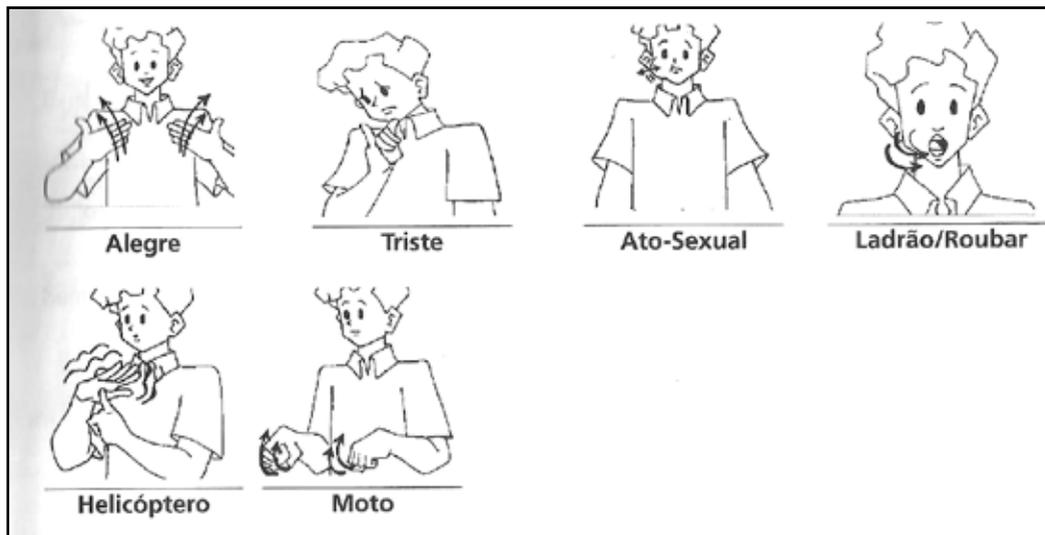
FIGURA 37 – ORIENTAÇÃO



FONTE: Disponível em: <[http://1.bp.blogspot.com/\\_Dt6SgmrBJgk/TE9Xkn\\_NuvI/AAAAAAAAATc/2Eg4BEoEH6c/s1600/DIRE%C3%87%C3%83O.png](http://1.bp.blogspot.com/_Dt6SgmrBJgk/TE9Xkn_NuvI/AAAAAAAAATc/2Eg4BEoEH6c/s1600/DIRE%C3%87%C3%83O.png)>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados, em sua configuração têm como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal. Como estudamos na Unidade 1 e na Unidade 2, a linguagem também é corporal, o corpo fala em todas as línguas, mas costumamos dizer que nas línguas de sinais ele fala muito mais. Por exemplo, os sinais ALEGRE e TRISTE, imagine você fazendo um sinal de feliz, porém chorando, ou vice-versa, não iria condizer com a palavra feliz. Há ainda sinais que utilizam somente a bochecha, por exemplo, a palavra LADRÃO em Libras.

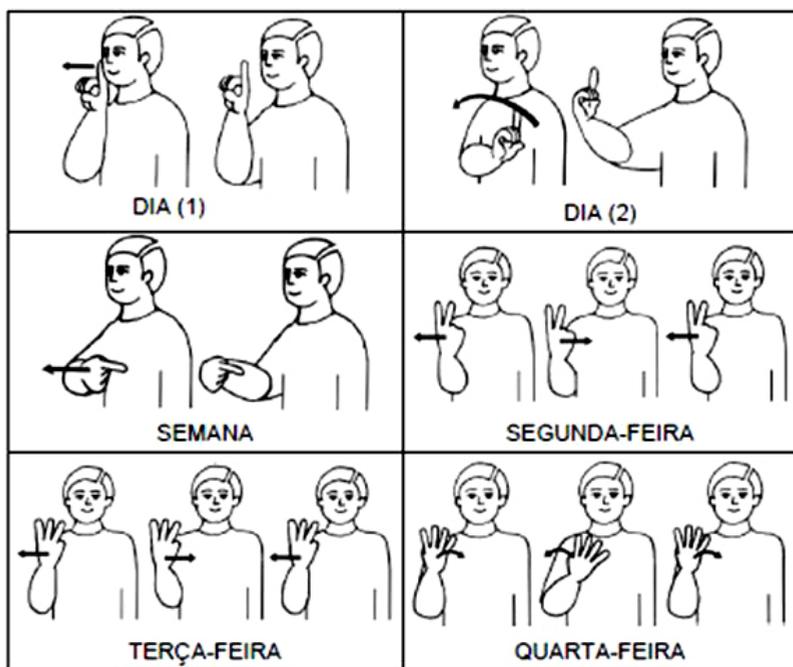
FIGURA 38 – SINAIS DE ALEGRE, TRISTE, ATOSEXUAL, LADRÃO/ROUBAR, HELICÓPTERO E MOTO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/uux3xF>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Vejamos alguns sinais que utilizamos no nosso dia a dia, observe as suas configurações em relação aos parâmetros.

FIGURA 39 – SINAIS EM RELAÇÃO AOS DIAS DA SEMANA





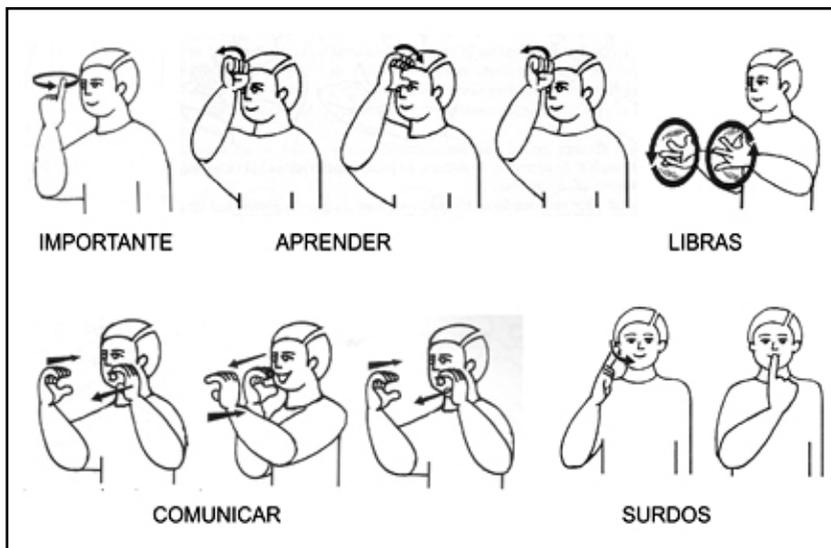
FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/R2Jwhd>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 40 – ESTAÇÕES DO ANO EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/MGNe6t>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FIGURA 41 – EXEMPLOS DE PARÂMETROS – frase



FONTE: Disponível em: <<https://4.bp.blogspot.com/-kjKlj8qIubw/Udf1yZnUd7I/AAAAAAAAATA/c4nAjuRBz-8/s1600/sinais.jpg>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

A frase a cima em português seria “*É importante aprender Libras para se comunicar com os surdos*”.

FIGURA 42 – EXEMPLO DE ATIVIDADES PARA SE TRABALHAR OS PARÂMETROS EM LIBRAS

# ATIVIDADE

Escreva o nome de sinais a partir dos parâmetros da Libras.

## CONFIGURAÇÕES



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## PONTO DE ARTICULAÇÃO



Espaço neutro

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Boca

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## MOVIMENTO

TEM  
MOVIMENTO

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

NÃO TEM  
MOVIMENTO

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ORIENTAÇÃO



Semicircular  
para baixo

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Reto para cima  
e para baixo

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## EXPRESSÃO FACIAL E OU CORPORAL



NEUTRA

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



ALEGRE

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## LEITURA COMPLEMENTAR

## A LIBRAS: O PARÂMETRO ARTICULATÓRIO NÚMERO DE MÃOS (UMA OU DUAS)

DALSICO, Arali Maiza Parma (Letras-Libras/UFMT)

SANTOS, Elton Castro Rodrigues dos (Letras-Libras/UFMT)

**RESUMO:** As línguas de sinais são denominadas como línguas de modalidade gesto-visual, ou seja, espaço-visual, pois é por meio das mãos que as informações linguísticas são produzidas e recebidas pelos olhos. Itens lexicais de diferentes línguas sinalizadas são chamados *sinais* e são fonologicamente analisados pelos seguintes parâmetros: *configuração, orientação de palma, localização, movimento* da(s) mão(s) e *expressão não manuais*. Com essas especificidades, destaca-se a importância de se estudar a Fonética e Fonologia da Língua de Sinais, pois o conhecimento advindo dessas áreas poderá descrever, com maior exatidão, o grau de proximidade da(s) mão(s) em relação ao corpo da pessoa que sinaliza, durante a articulação de um sinal. No caso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) esta possui particularidades gestuais e expressões corporais que somente quem tem o conhecimento sobre a temática poderá compreender, com maior propriedade, o que se quer comunicar. Durante a disciplina de Fonética e Fonologia da Língua de Sinais, no 2º semestre de 2016, do curso de Licenciatura Letras-Libras/UFMT, foram desenvolvidos estudos por meio de pesquisa bibliográfica, apresentação e discussão de textos básicos e complementares, com o objetivo de se compreender o parâmetro articulatório número de mãos (uma ou duas) na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Durante o estudo, observou-se que exibem três diferentes padrões no *arranjo das mãos*: – só com uma mão; – com duas mãos ativas; – com duas mãos, uma ativa e a outra passiva. Constata-se que a utilização de uma (1) ou duas (2) mãos pode alterar o sentido do que foi dito, mas podem estar “semanticamente relacionados”. Dessa forma, conclui-se que o uso de duas mãos, ou de sinais feitos com uma mão pode se dar por razões semânticas (expressões de pluralidade, intensificação do significado). Porém, tais categorizações não são estanques e podem sofrer alterações quanto ao número de mãos, em função de diferentes fatores, dependendo do contexto utilizado.

Palavras-chave: LIBRAS. Semântica. Fonética e fonologia.

### 1. INTRODUÇÃO

A linguagem é intrínseca aos seres humanos, pois se constitui em uma forma de comunicação entre as pessoas. Por isso, se torna objeto de indagações de estudiosos, por sofrer mudanças, conforme a organização da sociedade e da maneira como ela é empregada por diferentes pessoas. Um exemplo pode ser observado quando os falantes são capazes de identificar, somente pela pronúncia das palavras de uma pessoa, a região geográfica que esta se origina.

Com a Língua Brasileira Sinais – LIBRAS, a percepção dessa origem pode não se apresentar tão visivelmente. A LIBRAS possui particularidades gestuais e expressões corporais que somente quem tem o conhecimento da temática poderá compreender com maior propriedade o que se quer comunicar. Por isso a importância do estudo da Fonética e Fonologia da Língua de Sinais, pois o conhecimento advindo dessas áreas poderá descrever com maior exatidão o grau de proximidade da(s) mão(s) em relação ao corpo da pessoa que sinaliza, durante a articulação de um sinal.

Este estudo foi desenvolvido durante a disciplina de Fonética e Fonologia da Língua de Sinais, no 2º semestre de 2016, do curso de Licenciatura Letras-Libras/UFMT, com o objetivo de compreender o parâmetro articulatório número de mãos (uma ou duas) na língua brasileira de sinais (LIBRAS). As análises indicam que o gesto realizado com uma mão pode alterar o significado da pronúncia, caso se repita este mesmo gesto com as duas mãos. Por isso, acredita-se que o universo da Fonética e Fonologia da Língua de Sinais ainda está para ser desvendado e para isso a socialização desses saberes se torna preponderante para o avanço do conhecimento nessa área de estudos.

## 1.2. MATERIAIS E MÉTODOS

Na primeira semana da disciplina de Fonética e Fonologia da Língua de Sinais, no 2º semestre de 2016 do curso de Licenciatura Letras-Libras/UFMT, foram apresentados temas e textos básicos e complementares para aprofundamento do estudo por meio de pesquisa bibliográfica, apresentação e discussão de textos a serem apresentados na última semana de aula, resultou este artigo.

O texto foca o *arranjo das mãos*, que descreve o número de mãos com que os sinais são articulados, observando que há três diferentes padrões: a) só com uma mão; b) com duas mãos ativas; c) com duas mãos, sendo uma ativa e a outra passiva.

## 3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

As línguas de sinais são denominadas de línguas de modalidade gesto-visual (ou espaço-visual), pois são pelas mãos que as informações linguísticas são produzidas e, pelos olhos, são recebidas (QUADROS, 2004). Itens lexicais de diferentes línguas sinalizadas são chamados *sinais* e são fonologicamente analisados pelos seguintes parâmetros: *configuração*, *orientação*, *localização*, *movimento* da(s) mão(s) e *expressão não manuais*.

Existem outros parâmetros de análise sublexical, como observas Xavier e Barbosa (2013, p. 111):

Klima e Bellugi (1979) classificam o arranjo de mãos, com a *orientação* e um outro parâmetro que propõem e chamam de *região de contato* (a parte da mão que toca alguma parte do corpo) como parâmetros menores. Segundo eles, esses

parâmetros diferem dos parâmetros principais dos sinais (*configuração, localização e movimento*) por distinguirem apenas um conjunto restrito de pares mínimos.

Xavier (2006 apud Xavier; Barbosa, 2013, p. 122) selecionou 2.269 sinais retirados do dicionário de Capovilla e Raphael (2001), verificou-se que o número de mãos para produzir os sinais pode variar com uma mão, 44%, e com duas, 56%. Em muitos casos isso não tem qualquer repercussão no significado e aparentemente não parece haver uma grande diferença entre sinais tipicamente feitos com uma ou com duas mãos.

No entanto, Xavier e Barbosa (2013, p. 112), verificam que a utilização de uma ou duas mãos pode alterar o sentido do que foi dito, mas podem estar “semanticamente relacionados”, como nos exemplos<sup>1</sup> apresentados por eles<sup>2</sup>:

QUADRO 1: A UTILIZAÇÃO DE UMA OU DUAS MÃOS SEMANTICAMENTE RELACIONADOS

UMA MÃO	DUAS MÃO
MAGR@	EMAGRECER
DINHEIRO	RICO
RIR	SIMPÁTICO
VER	VISUAL
AVISAR	PROPAGANDA
INVENTAR	CRIATIV@
NÃO É	DIFERENTE
COMER	GULOS@

FONTE: Xavier e Barbosa (2013, p. 112)

Verifica-se que o uso de uma e de duas mãos resulta em significados distintos, apesar de relacionados, ao que se denomina *duplicação do número de mãos com efeitos semânticos*. Há casos em que o uso de uma ou duas mãos indica *pluralidade*, o que pode ocorrer em verbos direcionais e não direcionais, conforme podemos observar nos SINAIS<sup>3</sup> a seguir:

TABELA 1: DUPLICAÇÃO DO NÚMERO DE MÃOS COM EFEITOS SEMÂNTICOS

Uma mão	Duas mãos
AVISAR (Verbo direcional)	
EU AVISO VOCÊ	EU AVISO VÁRIAS PESSOAS
VOCÊ ME AVISA	VÁRIAS PESSOAS ME AVISAM
Todos os exemplos são apresentados em VisoGrafia <sup>4</sup> – Escrita da Língua de Sinais	

FONTE: Adaptado Xavier e Barbosa, (2013, p. 116).

Neste exemplo, por ser um verbo direcional, em ambos o movimento parte do sinalizador (boca) em direção a um ponto distante e vice-versa; se observa que há mudança também no direcionamento da cabeça, conforme os sinais da tabela a seguir:

TABELA 2: MUDANÇA TAMBÉM NO DIRECIONAMENTO DA CABEÇA

Uma mão	Duas mãos
ENTENDER (Verbo não direcional)	
UMA PESSOA ENTENDE.	VÁRIAS PESSOAS ENTENDEM.
IR-EMBORA (Verbo não-direcional)	
EU SAIO Ei@ SAI	VÁRIAS PESSOAS SAEM

FONTE: Adaptado Xavier e Barbosa (2013, p. 117-118).

Porém, a pluralidade por meio da *duplicação do número de mãos* não se aplica apenas aos verbos, ocorrendo também expressão de pluralidade:

TABELA 3: DUPLICAÇÃO DO NÚMERO DE MÃOS

Uma mão	Duas mãos
CAFÉ	
UMA PESSOA TOMANDO CAFÉ	VÁRIAS PESSOAS TOMANDO CAFÉ
OPINIÃO	
UMA PESSOA DANDO OPINIÃO	VÁRIAS PESSOAS DANDO OPINIÃO

FONTE: Adaptado de Xavier e Barbosa, (2013, p. 118-119).

Também há casos de uso de duas (2) mãos, sendo uma ativa e outra passiva, podendo ocorrer que a mão passiva assume os mesmos traços articulatórios simultaneamente ao da mão dominante, atribuindo-lhe outro significado:

TABELA 4: USO DE DUAS (2) MÃOS – ATIVA E OUTRA PASSIVA

Uma mão	Duas mãos
ÁRVORE	
ÁRVORE	VÁRIAS ÁRVORES

FONTE: Adaptado Xavier e Barbosa (2013, p. 120)

Quando se quer a *intensificação do resultado* da ação, pode acontecer a duplicação do número de mãos, como por exemplo:

TABELA 5: INTENSIFICAÇÃO DO RESULTADO

Uma mão	Duas mãos
RIR	RIR MUITO
QUERER	QUERER MUITO

FONTE: Adaptado Xavier e Barbosa, (2013, p. 121-124)

Existem também as *variações foneticamente condicionada*, que se observa na realização de alguns sinais por um mesmo sinalizador, no entanto, isso pode ocorrer por influência do sinal antecedente ou posterior, que usa uma ou duas mãos no momento do diálogo:

TABELA 6: VARIAÇÕES FONETICAMENTE CONDICIONADAS

PALAVRAS COM UMA MÃO	PALAVRA CONDICIONADA COM 2 MÃOS
QUERER	QUERER BRINCAR
JÁ	DIVULGAR JÁ

FONTE: Adaptado Xavier e Barbosa, (2013, p. 124-125)

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os parâmetros da *LIBRAS* não possuem regras de uso, mas, como qualquer língua reconhecida existente no mundo, os usuários empregam alterações por fatores de naturezas diversas, seja no uso do seu cotidiano, ou quais outros se fizerem necessários para sua comunicação.

Constata-se que o uso com duas mãos, de sinais feitos com uma mão, pode ocorrer por razões semânticas (expressões de pluralidade, intensificação do significado), mas pode haver mudanças no número de mãos na realização de alguns sinais, porém, isso pode alterar o seu significado e construir diferentes pronúncias. Mas, essas categorizações não são estanques e podem sofrer alterações na utilização do número de mãos, em função de diferentes fatores, dependendo do contexto utilizado.

#### REFERÊNCIAS

BENASSI Cláudio Alves; DUARTE, Anderson Simão. PADILHA, Simone de Jesus. Meio ambiente da Língua Brasileira de Sinais e seu registro gráfico. In: **Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (Eco-Rebel)** – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 3, n. 1, p. 147-162, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/24514>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2001.

QUADROS, R. M; KARNOPP L. B. **Língua brasileira de sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (libras). In: REVISTAS TODAS AS LETRAS (MACKENZIE. On-line) v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013.

\_\_\_\_\_. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. DELTA [on-line]. 2014, vol.30, n.2 [citado 2018-03-05], pp.371-413. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502014000200371&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502014000200371&lng=pt&nrm=iso)>.

XAVIER, André Nogueira. **Com uma ou duas? Com duas ou uma?** A alternância no número de mãos na produção de sinais da libras como fenômeno coarticulatório. In: SETA. Seminário de teses em andamento. UNICAMP, V. 6, 2012. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/3863>>. Acesso em: 5 de mar. 2017.

FONTE: DALSIKO, Arali Maiza Parma /SANTOS, Elton Castro Rodrigues dos. A LIBRAS: O PARÂMETRO ARTICULATÓRIO NÚMERO DE MÃOS (UMA OU DUAS). v. 3 n. 1 (2018): Saberes discentes: a Libras e suas interfaces, entre outros / Eixo temático 1. Disponível em: <<http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/167>>. Acesso em: 16 jul. 2018.



Prezado acadêmico, aconselhamos a você que veja esse texto complementar, acima, na íntegra, pois algumas imagens contidas nas tabelas, não foram possíveis de serem copiadas.

# RESUMO DO TÓPICO 3

**Neste tópico, estudamos:**

- A teoria estruturalista representa um desdobramento da teoria da burocracia e uma leve aproximação à teoria das relações humanas. O movimento estruturalista teve um caráter mais filosófico na tentativa de obter a interdisciplinaridade das ciências.
- A noção de significante trata-se de um fonema ou de uma sequência de fonemas que constituem um signo linguístico ao associar-se com um significado.
- O signo linguístico é, portanto, a unidade mínima da oração, que é composta por um significado e por um significante, unidos de forma inseparável através da significação.
- Significado é o conteúdo semântico de um signo, que está condicionado pelo sistema e pelo contexto. O significado (o aspecto conceitual) é estabelecido a partir do seu vínculo com o significante (aspecto material) no signo linguístico.
- A teoria saussuriana afirma que a língua se organiza como um sistema de signos, cuja unidade se centraliza no signo linguístico. Ele é formado por duas partes, como as duas faces de uma folha de papel: um significante e um significado.
- Essas duas entidades que o compõem possuem correspondência psíquica e se ligam por um vínculo de associação. Os signos linguísticos se caracterizam como convencionais e se compõem pelo significante, também chamado de imagem acústica.
- Sinais icônicos: uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da Libras, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado.
- Já os sinais arbitrários são aqueles que mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam.
- Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente.
- Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois na língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade.

- Conforme temos estudado, a Libras é composta por cinco parâmetros: configuração das mãos; pontos de articulação; orientação; movimento e expressão facial e/ou corporal.

## AUTOATIVIDADE



- 1 Os sinais da Libras podem ou não apresentar movimento (M). Qual é a importância desse parâmetro para a execução do sinal? Responda com um texto de aproximadamente cinco linhas.



- 2 Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas. Nas línguas orais, essas unidades mínimas são chamadas fonemas, de onde vem o termo “fonologia”. A Libras também apresenta estrutura fonológica, composta por parâmetros. Descreva, em aproximadamente dez linhas, os parâmetros fonológicos da Libras.



- 3 A estrutura gramatical da Libras é organizada em parâmetros linguísticos que a estruturam. Sobre esses parâmetros, assinale a alternativa correta.



- a) ( ) A estrutura da Libras não apresenta sistema fonológico.  
b) ( ) Para a realização dos sinais da Libras, as expressões faciais não são consideradas como parâmetros, tendo em vista não serem de natureza manual.  
c) ( ) O alfabeto manual ou datilológico utiliza apenas 26 configurações de mãos, embora na Libras existam 64 diferentes configurações de mãos.  
d) ( ) Os verbos são considerados parâmetros da Libras.

- 4 Quais são as unidades mínimas que cumprem a função de distinguir significado entre os sinais? Assinale a alternativa correta:



- a) ( ) Expressões não manuais e iconicidade.  
b) ( ) Configuração de mão, localização, movimento, orientação de mão.  
c) ( ) Metáfora, comparação, metonímia, sinônimo.  
d) ( ) Simultaneidade, iconicidade, arbitrariedade, duplicidade.

- 5 Sobre os parâmetros da Libras, temos que o sinal de Aprender e Sábado se diferencia quanto a que parâmetro?





# REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2005.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética.** São Paulo: Hucitec, 1990.  
BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.

BATTISON, R. **Phonological deletion in American Sign Language.** Sign Language Studies, v. 5, 1974.

BELINE, Ronald. **A variação linguística.** In: José Luiz Fiorin (Org.). **Introdução à linguística: I. Objetos teóricos.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BORGES, Mônica Veloso. **Delta: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada.** DELTA, vol. 16, n. 1, São Paulo, 2000.

BRAIBANT, J. **A decodificação e a compreensão: dois componentes essenciais da leitura no 2º ano primário.** Em J. Grégoire & B. Piérart (Orgs.). **Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas** (pp. 167-187). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasil: CORDE, 1994.

BRASIL. **Decreto nº 5626/05 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamentada a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua brasileira de sinais – Libras. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

BRASIL. **Gramática da Libras I: conhecendo e aprofundando a Língua Brasileira de Sinais.** Rio de Janeiro: INES/MEC, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares.** Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRASIL. **Política Nacional de educação especial**. Diretrizes de Educação Infantil para a educação especial: Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. **Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade: atendimento educacional especializado: pessoa com surdez**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, L. F. (Org.). Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1997. p. 19-61. V. 3.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1995.

BRYANT, P. E.; BRADLEY, L. Bryant and Bradley Reply. **Nature**, 1985.

BRYANT, P. E.; BRADLEY, L. **Problemas de leitura na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAPOVILLA A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo, SP: Memnon, 2003.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível socioeconômico. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 7-24, 2000.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Treino de Consciência Fonológica e seu impacto em habilidades fonológica, de leitura e ditado de pré. 3 a 2ª série. **Ciência cognitiva: teoria, pesquisa e aplicação**, 1(2), 461-532. 1997.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C.; SILVEIRA, F. B. O desenvolvimento da consciência fonológica, correlações com leitura e escrita e tabelas de standardização. **Ciência cognitiva: teoria, pesquisa e aplicação**, 2(3), 113-160. 1998.

CAPOVILLA, F. (Org.). **Os novos caminhos da alfabetização infantil**. São Paulo, SP: Memnon, 2005.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia de língua brasileira de sinais: o mundo do surdo em Libras**. São Paulo: Fundação Vitae; Favesp; Capes; EdUSP, 2004. V. 1 e 2.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. V. 1; 3. ed. USP, 2001.

CARVALHO, Daniel Junqueira. **Não basta ser surdo para ser professor: as práticas que constituem o ser professor surdo no espaço da inclusão**. (Dissertação de mestrado). UFES, 2016.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Marcos Antônio. **Estruturalismo**. In: Mário Eduardo Martelotta. (Org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio**. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2016.

CRUZ, C. R.; LAMPRECHT, R. R. **Proposta de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua de Sinais Brasileira**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, nº 3, p. 98-106, jul./set. 2008.

FELIPE, T. A. Introdução à gramática da Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: BRITO, L. F. (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1998. V. 3.

FELIPE, Tanya A; Myrna S. M. **Libras em contexto**. Curso básico: Livro do Professor. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. 5º Ed.

GAMA, F. J. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Acervo do INES, 1875.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUIA DE FORMAÇÃO PNAIC - UNIDADE 3, ANO1 – AZUL - PÁGINA 21. Disponível em: <<https://www.soescola.com/wp-content/uploads/2018/01/consciencia-fonologica.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

KARNOPP, Lodenir. **Fonética e fonologia**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso: Bacharelado e Licenciatura Educação a Distância Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia\\_TextoBase.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia_TextoBase.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2018.

KOJIMA, C. K; SEGALA, S. R. **Língua brasileira de sinais**: a imagem do pensamento. São Paulo: Escala, 2008.

KOZLOWSKI, L. A proposta bilíngue de educação do surdo. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro: INES, 1998.

KOZLOWSKI, L. **O modelo educacional bilíngue no INES**. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/paginas/revista/espaco18/Refl exao03.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2011.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAZZOTTA, M. **Educação Especial no Brasil**: histórias e políticas públicas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOOJEN, Sonia; LAMPRECHT, Regina Ritter; SANTOS, Rosangela; FREITAS, Gabriela; BRODACZ, Raquel; SIQUEIRA, Maity; COSTA, Adriana Corrêa; GUARDA, Elizabet. **Consciência fonológica**: instrumento de avaliação sequencial. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo, SP: Unesp, 1995.

MORENO, A. R. W. **Através das Imagens**. 2 ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: Fernanda Mussalim; Anna Christina Bentes (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. V.1. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Sidneya G. de; BRENNER, Teresinha de M. **Introdução à fonética e à fonologia da língua portuguesa**: fundamentação teórica e exercícios para o 3º grau. Florianópolis: Ed. do Autor, 1988.

PENHA, Nilma Moreira da. **Surdo que é professor**: formação por meio da filosofia e da constituição de um espaço pedagógico. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

PERFETTI, C. A. **A capacidade para a leitura**. Em R. Sternberg (Org.). As capacidades intelectuais humanas: uma abordagem em processamento de informações (pp. 72-96). Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIMENTA, Nelson. LSB Vídeo. Disponível em: <<http://cursodelibrasextensao.blogspot.com.br/2011/03/tabela-de-configuracoes-de-maoda.html>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RELATÓRIO FRANCÊS DO OBSERVATÓRIO NACIONAL DE LECTURA (2001) **Aprendendo a ler**. Centro Nacional de Documentação Pedagógica, Editions Odile Jacob. [on-line]. Disponível em: <[http://onl.inrp.fr/ONL/garde?ressources/publi/%20regard\\_tot.htm](http://onl.inrp.fr/ONL/garde?ressources/publi/%20regard_tot.htm)>. Acesso em: 16 jul. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Editora da UnB, 1986.

RYLE, Gilbert. **Expressões Sistemáticamente Enganadoras. Ensaio**. Tradução Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

RYLE, Gilbert. **The Concept of Mind**. Londres: Hutchinsons University Library, 1951.

SANCHES, C. **La educación de los sordos en un modelo bilingüe**. Mérida: Lakonia, 1992.

SANDLER, Wendy. An overview of sign language linguistics. In: BROWN, K. (Ed.). *Encyclopedia of Language and linguistics*, 2. ed. v. 11. Oxford, UK: Elsevier, 2005.

Fonte: Disponível em: <[http://sandersignlab.haifa.ac.il/html/html\\_eng/pdf/Sign%20Language%20Overview%20ELL2.pdf](http://sandersignlab.haifa.ac.il/html/html_eng/pdf/Sign%20Language%20Overview%20ELL2.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix. 2006.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

SEARA, Izabel Christine. NUNES, Vanessa Gonzaga. LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período** / Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão, Cristiane – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, J. E. F. da. **A construção da língua portuguesa escrita pelo surdo não oralizado**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Thaís Cristófaru Alves da. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/consciencia-fonologica>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003.

STOKOE, W. (1960) Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language. Listok Press, Silver Spring, MD.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. F. Aspectos linguísticos da Libras. Curitiba: SEED, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TAUB, Sarah F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Vol. 38, Cambridge University Press, 2001.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

VIOTTI, Evani. **Introdução aos estudos linguísticos**. Disciplina do Curso de Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Princípios de la educación social de niños sordomodos**. In: Obras Completas: fundamentos de defectología. Tomo 5. Havana: Editorial Pueblo e Educación, 1925.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1996.